

# água da fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras - Ano 1 - nº 0 - Novembro de 2003





Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria  
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

**Presidente:**

Antonio A. M. Duarte

**Vice-Presidente:**

Luiz J. N. de Azevedo

**Secretária geral:**

Santina R. Dal Paz

**Tesoureiro:**

Welci Nascimento

**Membros:**

Ana Carolina M. da Silva  
Antonio A. M. Duarte  
Carlos Alceu Machado  
Carlos R. da S. Hecktheuer  
Craci Teresinha O. Dinarte  
Daniel Viuniski  
Edgar Oliveira Garcia  
Elizabeth Souza Ferreira  
Eurípedes Facchini  
Getúlio Vargas Zauza  
Gilberto R. Cunha  
Helena Rotta de Camargo  
Hugo Roberto K. Lisboa  
Irineu Gehlen  
Jabs Paim Bandeira  
Jorge Alberto Salton  
Jurema Carpes do Valle  
Lindolfo Kurtz  
Luiz Marcelo Algarve  
Luiz J. N. de Azevedo  
Milton G. da Silva  
Ney Eduardo P. d'Avila  
Orfelina Vieira Melo  
Osvandré Lech  
Paulo Monteiro  
Paulo Prado Machado  
Pedro Ari V. da Fonseca  
Ricardo José Stolfo  
Rogério Sikora  
Romeu Carlos A. Gehlen  
Santina R. Dal Paz  
Santo Claudino Verzeleti  
Welci Nascimento

## Mensagem do presidente

# Uma nova e promissora aurora surge com a revista de nossa APL

**ANTÔNIO AUGUSTO**

**MEIRELLES DUARTE**

omeça a ser colocado em prática um sonho antigo de nossa Academia Passo-Fundense de Letras: levar para as páginas de uma revista especializada, dia a dia, tudo o que os acadêmicos vêm fazendo em suas reuniões ordinárias e nos eventos solenes, e abrir, também, espaço para reverenciar os grandes nomes que passaram e muito contribuíram para fazer chegar onde hoje, destacadamente, se encontra a nossa Academia.

As próprias atas, que reúnem em suas páginas tudo que se tem feito, não conseguem transmitir o suficiente, tanto quanto irá fazer uma revista especializada. Esta saída dos interiores da própria Academia, vem a público falar diretamente, a cada um dos passo-fundenses, o que é a Academia de Letras, o que fez,

o que está promovendo e seus planos para o futuro.

O valor de uma publicação desse tipo sempre será grande para a difusão do nosso sodalício. Afinal, a Academia Passo-Fundense de Letras não é somente dos acadêmicos, mas do mundo intelectual da cidade. Dos que gostam da história, do passado de nosso município, de leitura especializada, de romances, de poesia, enfim, de todos os gêneros que constituem o acervo da agremiação e cujas obras estão aí a demonstrar.

Abrir nossas portas para que, com maior freqüência, venham conosco conviver todos aqueles que apreciam a leitura, num contato direto, não só com os nossos acadêmicos, mas também com autores nacionais e passo-fundenses de todos os tempos, com as valiosas obras que povoam as principais bibliotecas brasileiras, esse é o grande objetivo da divulgação que pretendemos através de **Água da Fonte**, esta revista literária que estamos oferecendo à nossa comunidade.

Que venha para ficar esta tão desejada e aguardada publicação, que passará, daqui em diante, a figurar, dentre as já existentes em nosso meio, como a mais fiel intérprete da vida acadêmica passo-fundense.

Passo Fundo, dezembro de 2003



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria  
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

**Presidente:** Antônio A. M. Duarte

**Vice-Presidente:** Luiz J. N. de Azevedo

**Secretária geral:** Santina R. Dal Paz

**Tesoureiro:** Welci Nascimento

## Água da Fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 1 - nº 0 - Dezembro de 2003

**Editores:** Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

**Conselho Editorial:** Santina R. Dal Paz, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari V. da Fonseca, Jurema Carpes do Valle, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

**Revisão:** Helena Rotta de Camargo

**Arte-final e Diagramação:** Everaldo Siqueira

**Capa:** Liciane Duda Toazza Bonatto

## Homenagem

A Academia Passo-Fundense de Letras foi homenageada pela Câmara de Vereadores de Passo Fundo, na data de seu aniversário, 7 de abril, através do vereador Édson Nunes (PP), autor da Lei que instituiu o Dia do Escritor Passo-Fundense, coincidindo com a data em que a Academia foi fundada com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras.

## Reconhecimento

O sodalício deve manifestar publicamente seu agradecimento aos vereadores, especialmente, Edson Nunes e Marcos Susin, do PP, e Marcos Citollin, do PSB. Este, infelizmente sem êxito, vem insistindo na destinação de verbas orçamentárias para a edição e reedição de livros de autores locais.

## Prestigiamento

O vice-prefeito, Mauro Sparta (PSDB), é outro político que tem prestigiado a Academia. Chamou a si a responsabilidade pela construção do monumento PASSO FUNDO DAS MISSÕES, solicitando a cooperação e a orientação da instituição acadêmica, através dos pesquisadores da história local, que dela fazem parte.

## Retorno

Rogério Moraes Sikora retornou à titularidade da Cadeira nº 6 da Academia, cujo patrono é João Maria Belém. Sikora é um articulista brilhante que, devido a suas atividades profissionais, tinha interrompido sua produção escrita. Promete voltar com todo o fôlego.

## Comemoração

Os 65 anos da Academia Passo-Fundense de Letras foram comemorados com diversas palestras em escolas e outras atividades promovidas por acadêmicos junto aos estudantes locais, seguindo uma tradição da casa.

## Livro

A iniciativa da COLEURB, promovendo o concurso Poemas nos Ônibus e lançando o livro com o título do concurso, é uma atividade cultural que merece ser seguida por outras empresas. A Academia Passo-Fundense de Letras apoiou a promoção, participando da comissão julgadora, com as acadêmicas Jurema Carpes do Valle e Santina Rodrigues Dal'Paz. Enquanto isso, sem que soubéssemos, sob o manto do ineditismo e do anonimato, a acadêmica Helena Rotta de Camargo ia participando e sendo premiada.

## Pelotas

A Academia Pelotense de Letras empossou, recentemente, sua nova diretoria, sob a presidência do escritor José Fernando Gonzáles. A Academia mantém acesa a chama literária na terra de Lobo da Costa e Simões Lopes Neto.

## Academia Brasileira

A Academia Brasileira de Letras enviou-nos diversas obras, que já estão fazendo parte de nossa biblioteca. São obras de excelente conteúdo, cuja leitura é indispensável.

## Academia de Medicina

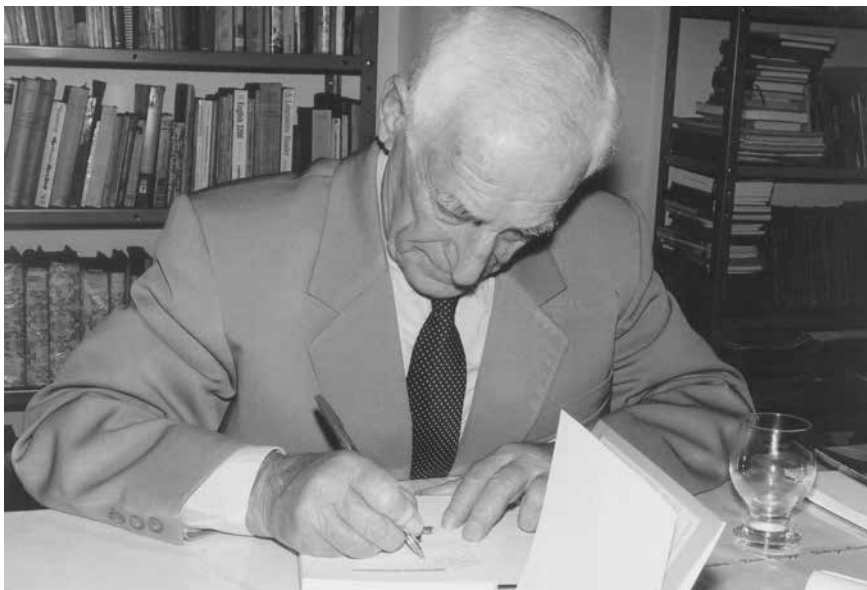
A Academia Passo-Fundense de Medicina, presidida pelo cardiologista Júlio César Canfilde Teixeira, ex-prefeito de Passo Fundo, está funcionando ativamente, contribuindo para o desenvolvimento cultural da comunidade.



## Foto Histórica



A foto acima é de 9 de março de 1973. Da esquerda para a direita, vemos os seguintes confrades: Celso Fiori (+), Rômulo Teixeira (+), Túlio Fontoura (+), Benedito Hespânia, Severino Ronchi (+), Eurípedes Facchini, Sabino Santos (+), Romeu Pithan, Arthur Ferreira Filho (+), Tenebro dos Santos Moura (+), Delma Rosendo Ghem, Maria de Lourdes Paes Leme, Antônio Donin (+), Jurema Carpes do Valle e Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.



(DALTRO MATTOS)

## Romance

A Academia Passo-Fundense de Letras promoveu, no dia 22 de agosto, o lançamento do romance **BOCAS AMARGAS**, de Marconi De César. O romancista estreou aos 77 anos e está em plena atividade. Planeja um livro de contos. Seu romance mereceu elogios críticos e manifestações de agrado por parte dos leitores. Foi inscrito ao Prêmio Nacional de Literatura Zaffari & Bourbon.

## Veia de campeão



(FOTO FERRÃO)

Esse é o título do livro escrito pelo acadêmico Osvandré Lech (direita) e o pesquisador da história esportiva, Marco Antonio Damian. O livro é a biografia de atletas que marcaram ou continuam marcando a história do esporte passo-fundense. Os autores contribuem para um importante capítulo da história local, nem sempre lembrado pelos historiadores. Lançamento histórico, na sede da APL, em 2003.

## Juiz do Trabalho

O juiz Luiz Antônio Colussi assumiu a titularidade da 1ª Vara do Trabalho, em Passo Fundo, convidando a Academia Passo-Fundense de Letras para se fazer presente às solenidades. O sodalício já manifestou, formalmente, as felicitações ao magistrado.

## Moacyr Scliar



(ARQUIVO ON)

O romancista e contista Moacyr Scliar, mais recente gaúcho a assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, enviou correspondência à Academia Passo-Fundense de Letras, agradecendo as manifestações de apoio a sua eleição, externadas por nosso presidente Antônio Augusto Meirelles Duarte.

## Nova Academia

Passo Fundo ganhou uma nova academia no dia 22 de setembro de 2002: a Academia de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul, que está funcionando na sede histórica da APL.

## Mudança

O poeta e contista Paulo Prado Machado, por motivos profissionais, mudou-se para Santo Ângelo, onde continua sua intensa atuação literária. Paulo mantém contato com os acadêmicos passo-fundenses. Está presente nas páginas de nossa revista.

idéia de criação de uma revista da Academia Passo-Fundense de Letras (APL) não é nova. Tampouco pode ser considerada original ou pioneira.

Outras iniciativas existiram no passado, mas, infelizmente, não tiveram continuidade. Estão aí para atestar esse fato as três edições do Anuário da APL, de meados dos anos 1970, e os exemplares do jornal O Guarani, em tempos mais recentes.

A revista **Água da Fonte** surge em um outro momento histórico, em uma época de maiores e melhores recursos de editoração. Veio com a pretensão e a responsabilidade de se tornar o órgão oficial de divulgação da Academia Passo-Fundense de Letras. Quer ir além dos muros corporativos, abrindo espaço para as letras e para outras artes locais, pois, apesar de ser uma publicação orientada para as letras passo-fundenses, não pretende perder de vista o caráter de universalidade.

Uma linha editorial pluralista. Respeito pela diversidade de pensamento e de opinião. Ausência de discriminação e de preconceitos de qualquer ordem. Senso de liberdade e de justiça. Fortes valores éticos e princípios morais elevados. Amor pela cultura. Engajamento em atividades culturais da cidade e valorização das letras e de outras formas de artes locais. Todos esses e muitos outros princípios que, desde a sua fundação em 7 de abril de 1938, têm sido tão caros para a Academia Passo-Fundense de Letras, nortearão o comportamento editorial da revista **Água da Fonte**.

A edição de lançamento (n° 0) retrata bem a que veio e o que pretende ser **Água da Fonte**. Nas páginas deste número especial fluem 65 anos de história da Academia Passo-Fundense de Letras. Sobressaem a produção dos acadêmicos de hoje e a dos imortais do passado (*in memoriam*). Vai do ensaio literário crítico à leveza de belos poemas. Da reportagem, valorizando e realçando o talento de escritores e de artistas locais alheios aos quadros da APL (caso de Pablo Morenno e de Liciane Bonatto), à entrevista de fundo com a maior personalidade das letras de Passo Fundo no momento (Tania Rösing). Por essas e por outras é que o lançamento de **Água da Fonte** já pode ser considerado um acontecimento histórico para a cultura de Passo Fundo.

Que **Água da Fonte**, a partir deste dezembro de 2003, passe a fazer parte ativa da vida cultural de nossa cidade, é o mais profundo desejo da Academia Passo-Fundense de Letras. Vida longa para **Água da Fonte**!

# Sumário

Mensagem do presidente	1
Informe acadêmico	2
Editorial	4
Academia de Letras: uma idéia francesa	5
Viva a Academia Passo-Fundense de Letras!	8
Uma história inconclusa	10
Celso da Cunha Fiori e o novo espírito da Academia	11
Justiça e literatura	14
Talento jovem orgulha as letras passo-fundenses	16
Crônicas não datadas	17
Ícaro Morenno	18
Eles estão chegando	19
A história de um amor forjado na guerra	20
Encontro com Martín Fierro	21
Síntese de um povo	22
Uma súbita parada	26
Mensagem para ti	26
Dois romancistas passo-fundenses	27
Educação para todos	29
O Estado e o cidadão	30
Entrevista com Tania Rösing	31
Violetas da Paixão	35
A cruz e seu simbolismo	36
Adeus ao compositor e regente Carino Corso	38
A importância da música na vida do homem	40
O Riso da Agonia	42
Outras artes	43
Ruas de Passo Fundo	44
Cultura vêneta	45
Onde estão os grandes cantores?	47
A violência, sempre ela...	48
Três encontros com Cyro Martins	50
Mães más	51
Acadêmico Edy Isaías	52
Obrigado!	54
Castro Alves, o Condor	56
Às pessoas especiais que amo	57
Auto do livro	58
Duas grandes emoções na Jornada de Literatura	59
Passo Fundo - terra de ficar	62
Um olhar sobre a primavera em Passo Fundo	63
Educadora até no que escreve	64

# Academia de Letras: uma idéia francesa

NEY EDUARDO POSSAPP d'AVILA

idéia de academia de letras é uma idéia francesa. Em 1635, foi fundada em Paris a Academia Francesa de Letras. Com o beneplácito de Luís XIII, o seu ministro, cardeal Richelieu, instituiu

aquele sodalício com a principal missão de zelar pela língua nacional, aprimorá-la e difundi-la. Suas quarenta cadeiras eram preenchidas por personalidades nomeadas pelo rei.

Passados dois séculos, a idéia de uma academia de letras surgiu no Brasil. Na sessão do dia 10 de junho de 1847, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi proposta a criação de uma sociedade com a finalidade de dedicar-se à literatura, à lingüística e à arte dramática. Denominar-se-ia Academia de Literatura Brasileira. O imperador

Pedro II disse ser simpático à proposta, porém, nada fez para que ela se concretizasse. Passaram-se trinta anos e, em 24 de maio de 1878, novamente no IHGB, em sessão presidida pelo imperador, foi proposta a criação de uma sociedade literária sob o nome de Academia Brasileira de Letras e, mais uma vez, o monarca apreciou muito a idéia, mas uma vez mais nada fez para que ela se realizasse, preferia continuar com seus saraus no Palácio de São Cristóvão.

Proclamada a República, o jornalista Medeiros de Albuquerque, com o apoio do ministro do interior, Aristides Lobo, e do literato, Lúcio Mendonça, retomou a idéia de fundar a academia, contudo não obteve resultados práticos. Em 1896, Lúcio de Mendonça buscou o apoio do governo federal para esse fim. As dificuldades a superar não estavam no campo cultural-literário, sim, no campo político-partidário. Tanto intelectuais monarquistas como escritores republicanos adversários do governo não aceitavam integrar uma entidade tutelada pelos ocupantes do poder.

Finalmente, em julho de 1897, com o apoio do crítico José Veríssimo, Lúcio Mendonça fundou, na cidade do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, sem qualquer auxílio governamental. A sociedade teve sua primeira sede em um prédio denominado "Pedagogium". Sua primeira diretoria ficou assim constituída: Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário geral; Silva Ramos e Rodrigo Otávio, secretários; Inglês de Sousa, tesoureiro. O modelo adotado foi o da Academia Francesa. Quanto à consecução de suas finalidades de difusão e aprimoramento da literatura brasileira, enriquecimento da nossa vida cultural e defesa do idioma nacional, na opinião da maioria de seus críticos, a Academia Brasileira de Letras, em mais de cem anos de existência, pouco ou nada fez.

Num país continental como o nosso, uma das estratégias teria sido o incentivo à criação de academias de letras nas capitais dos estados e nas principais



idades, formando assim uma rede de sociedades literárias, estaduais e municipais, interagindo com a nacional. Isso não aconteceu. As academias de letras e outras sociedades literárias, via de regra, surgiram de iniciativas locais e não se constituíram em órgãos intercambiantes de experiências e ações conjuntas, não obstante a existência da Federação das Academias do Brasil.

Esse é o caso da Academia Passo-Fundense de Letras, uma iniciativa local que se tem mantido pelo esforço de um grupo de intelectuais passo-fundenses, grupo este permanentemente renovado, ao longo dos últimos 65 anos. E, diz-se passo-fundenses, para os aqui nascidos e os que adotaram esta terra por sua, temporária ou definitivamente. Contudo, não basta ser um intelectual de destaque para ingressar e permanecer na Academia Passo-Fundense de Letras, há a necessidade de ser indivíduo de elevado civismo e cidadão de moral ilibada.

### Breve Histórico

Em 1938, após uma reunião preliminar ocorrida no dia 31 de março, foi fundado, no dia 7 de abril, o Grêmio Passo-Fundense de Letras. O idealizador de nosso grêmio literário foi Sante Umberto Barbieri, escritor e pastor religioso que, à época, exercia suas funções eclesiásticas na Igreja Metodista de Passo Fundo. A primeira diretoria do Grêmio Passo-Fundense de Letras foi assim constituída: Presidente: coronel Arthur Ferreira Filho, escritor e historiador, ex-delegado de polícia e, naquele momento, prefeito municipal nomeado; vice-presidente: Gabriel Bastos; secretário geral: Sante Umberto Barbieri; 1º secretário: Verdi De Cesaro, 2ª secretária: Lucila Schleder; tesoureiro: Daniel Dipp; bibliotecário: Athos Branco da Rosa. Além desses, integraram o quadro social na condição de fundadores: Celso da Cunha Fiori, Túlio Fontoura, Aurélio Amaral, Tristão Feijó Ferreira, Odete de Oliveira Barbieri, Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Camilo Ruas, Oscar Kneip, Sabino Ribas Santos e Nicolau de Araújo Vergueiro. Ao todo, vinte e cinco (25) pessoas.

Na sessão do dia 20 de maio de 1960, presidida pelo cônego José Gomes, o bacharel Celso Fiori propôs que fosse substituída a denominação “Grêmio” por “Academia”. A proposta foi aprovada. Em 7 de abril de 1961, comemorando seu 23º aniversário de fundação,



Acadêmicos presentes à sessão de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1961

o sodalício passou a ser oficialmente denominado Academia Passo-Fundense de Letras. A sessão foi presidida por Celso da Cunha Fiori, o primeiro presidente da fase “Academia”.

Ainda no ano de 1961, por lei municipal, a Academia Passo-Fundense de Letras foi declarada de utilidade pública. Em 8 de abril de 1988, pelo Decreto Municipal nº 26, a entidade tornou a ser declarada de utilidade pública.

Nunca é sobejo reafirmar a relevante função cultural que a Academia Passo-Fundense de Letras vem desempenhando em nossa comunidade. Não obstante ser uma pequena confraria, em seu seio foram geradas e acalentadas idéias que, uma vez concretizadas, tiveram e continuaram tendo extraordinária repercussão no desenvolvimento cultural de Passo Fundo. Senão vejamos:

- A criação e implantação da Biblioteca Pública Municipal de Passo Fundo foi obra deste sodalício, tanto é que o Decreto Municipal nº 6, de 2 de abril de 1940, determinava:

Art. 1º - Fica criada a Biblioteca Pública Municipal.

Art. 2º - A biblioteca funcionará na sede e sob a direção do Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Art. 4º - A organização interna da biblioteca e seu funcionamento serão estabelecidos em regulamento especial a ser elaborado pelo Grêmio Passo-Fundense de Letras e aprovado pela Prefeitura Municipal.

- A Universidade de Passo Fundo também teve sua origem no Grêmio Passo-Fundense de Letras. Preocupados em implantar o ensino superior em nossa cidade, um grupo de membros

da entidade liderou, no início do ano de 1950, a fundação da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo. Do exame da ata de criação da S.P.U., conclui-se facilmente a respeito da efetiva participação dos membros do sodalício, dentre eles, o presidente da sociedade, Dr. César Santos, o tesoureiro, Antonino Xavier, e outros ocupantes de cargos-chave daquela entidade.

- Igualmente na criação do Consórcio Universitário Católico, outra vertente da atual UPF, foi decisiva a influência do Grêmio Passo-Fundense de Letras que, por intermédio do confrade irmão Paulo Maria, literato e educador marista, demoveu o bispo Cláudio Colling de trazer uma filial da PUC de Porto Alegre, convencendo-o do acerto de ser criado aqui um ensino superior autônomo.

- Da mesma forma, a criação do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, em 24 de março de 1952, deveu-se à iniciativa de um grupo de membros do Grêmio Passo-Fundense de Letras, liderados pelo confrade prof. Antônio Donin. Talvez a história do Movimento Tradicionalista Gaúcho ainda não tenha registrado o fato de que o 8º CTG, por ordem de fundação, surgiu dentro de uma sociedade lítero-cultural.

- O Instituto Histórico de Passo Fundo é outra instituição, malgrado desativada há anos, que foi criada e sempre funcionou no âmbito do sodalício literário passo-fundense.

Esses são apenas alguns exemplos sinalizadores da atuação marcante da Academia Passo-Fundense de Letras, na vida cultural do município e da região. As sementes lançadas caíram em terra ubérrima e produziram árvores frondosas. Nossa modesta casa lítero-cultural

apenas cumpriu com um de seus desideratos, qual seja o de promoção da cultura em alguns dos seus variados desdobramentos.

Deve-se, ainda, destacar que Passo Fundo possui uma das primeiras, senão a primeira academia de letras fundada em uma cidade do interior, isto é, cidade não capital (Jequié e Petrópolis, entre outras, disputam com Passo Fundo essa prioridade). De qualquer forma, além de sediar a primeira, ou uma das primeiras, nosso município é um dos raros municípios brasileiros a possuir uma Academia de Letras. E isso não deve ter acontecido por acaso.

### **Academia Passo-Fundense de Letras - suas origens remotas**

A origem de nossa entidade litero-cultural, suas raízes na sociedade passo-fundense, são bem anteriores a 1938. A tradição do cultivo da literatura, da promoção da cultura erudita e do estímulo às manifestações de índole popular em terras passo-fundenses deve ser buscada nas duas últimas décadas do século XIX.

É nesse período de retomada do crescimento socioeconômico do município que aqui surgem atividades culturais de certo vulto. Em 15 de fevereiro de 1883, quatro jovens fundaram, na então Vila de Passo Fundo, o Clube Literário “Amor à Instrução”. Em pouco tempo de atividade, o clube veio a contar com cento e vinte sócios, todos do sexo masculino. As esposas e as filhas dos associados participavam de apenas algumas atividades do clube.

O “Amor à Instrução” possuía uma biblioteca com trezentos volumes, onde figuravam os mais importantes títulos da literatura em língua portuguesa e da literatura universal, além de títulos científicos. O clube mantinha à disposição dos associados e seus dependentes assinaturas de periódicos (jornais e revistas) editados em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Promovia saraus literários, palestras, conferências e a encenação de peças de teatro. Inicialmente o clube funcionou em prédios alugados. Em 1888, foi edificada sua sede própria (no local onde, atualmente, se encontra o Teatro Municipal Múcio de Castro).

Fruto do acirramento da luta política, foi fundado, em 25 de março de 1891, o Clube Literário e Recreativo Passo-Fundense. Lamentavelmente, a guerra civil de 1893-95 liquidou as duas entidades. A sede do “Amor à Instrução”

foi transformada em quartel da Guarda Republicana, a famosa “Treme-Terra”. Restabelecida a paz, os dois clubes retornaram aos poucos suas atividades culturais. No biênio 1897-98, ocorreu a fusão do Clube Literário e Recreativo com o “Amor à Instrução”. Ainda em 1897, foi fundada outra sociedade cultural sob o nome de Clube Literário e Recreativo. Em 1º de junho de 1899, surgiu o Grêmio Dramático Passo-Fundense.

Nos primeiros anos do século XX, as ações dessas agremiações culturais esmoreceram. Nesse contexto, parte de seus membros participou, em 16 de março de 1904, da fundação da entidade político-partidária cognominada “Clube Pinheiro Machado”, subordinada ao Partido Republicano Rio-Grandense (Pica-Pau), hegemônico no município. Não obstante a finalidade principal ser o proselitismo político-partidário do borgismo e de seus adeptos, o Clube Pinheiro Machado desempenhou importante função cultural, ao ceder, em 1938, sua sede, inaugurada em 31 de maio de 1915, ao Grêmio Passo-Fundense de Letras. O Clube do PRR, desativado durante o Estado Novo, transferiu oficial e legalmente seu patrimônio à Academia Passo-Fundense de Letras, em 18 de novembro de 1971. O prédio, usado pela academia desde sua fundação, segundo o termo de doação, deveria, igualmente, continuar a sediar a Biblioteca Pública Municipal e o Instituto Histórico de Passo Fundo.

Caso tal ato de doação legal não houvesse ocorrido, o prédio da Avenida Brasil, nº 792, teria sido compulsoriamente incorporado ao patrimônio da União. A Academia, entretanto, não foi capaz de zelar pela sua sede, não cabe aqui discutir as causas e as razões, o fato é que o prédio ruiu, na década de 1980, restando apenas a sua fachada. Graças ao empenho do Ministério Público, das últimas direções da APL e do Executivo Municipal, o prédio foi reconstruído e teve restaurada a sua fachada. Dessa forma, no dia 7 de abril de 2002, data do seu 64º aniversário e dia do Escritor Passo-Fundense, a Academia de Letras retornou a sua sede própria.

(Ney Eduardo Possapp d’Avila é professor da UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e Mestre em História. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Cadeira nº 31 – Patrono: Antonino Xavier)

## Poesia

JUREMA CARPES DO VALLE

### Contraste

Um muro antigo  
É envolvido por uma roseira  
Que sobre ele derrama suas rosas.  
É como se a primavera  
Quisesse abraçar o inverno.

### Mutações

Derrubem as muralhas  
Dos corações  
Para desinibi-los.

Dissipem as nuvens  
De dúvidas  
Para dirimi-las.

Desentranhem o ódio  
Das criaturas  
E semeiem o amor.

Desenrolem a musselina branca  
Da paz  
Para que nela a humanidade  
se envolva.

### Tecendo o poema

Crepúsculos	Auroras
Angústias	Alegrias
Rupturas	Pontes
Ocasos	Fontes
Colheitas	Semeaduras
Anseios	Esperanças
Amarras	Liberdade.

### Fragmentos

Guardava carinhosamente  
Fragmentos  
De uma antiga alegria  
De uma poesia que gostaria de ter  
escrito  
De uma música que a envolvia.

Alegria, poesia, música  
Embora  
Frag  
men  
ta  
das  
Formavam o seu encantamento.

# Viva a Academia Passo-Fundense de Letras!



(FOTO AGUIRRE)

IRINEU GEHLEN

**J**amais devemos desistir de nossos objetivos, por mais difíceis que eles possam parecer, pois às vezes eles estão mais próximos do que podemos imaginar. A história registra a aventura de **Cristóvão Colombo**. Após vários meses de navegação por mares revoltos, turbulentos e desconhecidos, sua tripulação, já cansada e abatida, exigiu que ele retornasse, porquanto não existiam terras a serem descobertas. Mas, quando o navio retornava, o grande navegador, acreditando na sua missão e no seu objetivo, passou a mão na luneta e decidiu dar mais uma olhada. Foi então que avistou e descobriu a **América**.

Sabem por que estamos inaugurando esta obra histórica? Sabem quantos anos de lutas por mares revoltos se passaram até aqui? Sim, só foi possível a concretização deste sonho porque os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, ao longo dos anos, não desistiram de lutar por sua sede própria e pela preservação desta fachada histórica. Com pertinácia, coragem, persistência e amor à cultura, não abdicaram deste ideal, mesmo enfrentando os inimigos e adversários que tentaram obstruir este anseio, fato conhecido de todos. No caminho, a Academia Passo-Fundense de Letras teve a sorte de encontrar homens públicos, de cabeças arejadas, que, sem vacilar, decidiram construir o prédio da Academia e restaurar a fachada histórica que ora se inaugura, festivamente. Estes homens são **Oswaldo Gomes e Mauro Sparta**, os Colombos de Passo Fundo. AAPL homenageia e agradece, do fundo do coração de cada confrade e de cada confreira, aos ilustres, competentes e dinâmicos dirigentes do nosso município. Nesse contexto, não poderíamos deixar de homenagear e agradecer, também, à deputada federal **Yeda Crusius** que, com tenacidade, patriotismo e amor à sua terra, buscou grande parte dos recursos para esta obra, junto ao Ministério da Cultura. Formulamos, ainda, nossos

sinceros agradecimentos à imprensa local e estadual, que sempre esteve vigilante na defesa do patrimônio histórico de Passo Fundo.

Quis o destino que esta inauguração coincidissem com os 64 anos de existência da Academia. Por isso, nossos corações vivem dois grandes sentimentos de alegria. A literatura e a arquitetura caminham lado a lado, expressando o pensamento da cultura e das artes, na vida dos povos. Por oportuno, permito-me fazer um breve histórico da literatura mundial.

a) - **O Trovadorismo ou Medievalismo** reinou nos anos de 1189 a 1434, na chamada Idade Média. Caracterizou-se pelo teocentrismo, que colocava Deus no centro das atenções e vislumbrava tudo em direção ao céu. Foi a época dos vitrões, das torres altas, da inquisição, do bobo da corte, do menestrel, da Igreja mandatária e da cultura como um privilégio dos nobres e religiosos.

b) - Depois, o **Renascimento – Humanismo** foi o período em que o homem passou a ser o centro das atenções. Valia a razão. Época das descobertas e de Luiz Vaz de Camões, com sua célebre obra “Lusíadas”, o maior poema épico da Língua Portuguesa. Essa fase está bem retratada no filme “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco.

c) - **O Quinhentismo** foi o período da literatura brasileira da era colonial, com as obras dos jesuítas e da literatura informativa. Os olhos voltavam-se para o material. Os autores de destaque foram Pero Vaz de Caminha, o escrivão de Cabral, e José de Anchieta, com sua obra “A Santa Inês”.

d) - **O Barroco ou Seiscentismo** caracterizou-se pelo conflito entre o terreno e o celestial, o homem e Deus. Época do cultismo e do conceptismo, teve como representante maior Pe. Antônio Vieira, com seus trabalhos: “Profecias”, “Cartas” e “Sermões”. Gregório de Mattos Guerra, por sua vez, notabilizou-se com suas poesias satíricas.

e) - **O Arcadismo (1700) ou Neoclas-**

Irineu Gehlen discursando na inauguração da sede reformada

**sicismo**, chamado “o século das luzes”, do Iluminismo, caracterizou-se por personalidades importantes: Montesquieu, Voltaire, Rosseau e outros. No Brasil, ocorreu a Inconfidência Mineira.

f) - O **Romantismo**, sobretudo em sua fase poética, deve ser considerado o verdadeiro início da literatura nacional. Registra-se um momento histórico, com a vinda da família real ao Brasil e a ascensão da burguesia. Caracterizou-se pelo nacionalismo, subjetivismo, egocentrismo, sentimentalismo e preito à natureza. Destacam-se Gonçalves Dias, com sua obra “Canção do Exílio”, Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela.

g) - Ao Romantismo segue o **Parnasianismo**, na poesia, e o **Realismo**, na prosa. Foi o cultivo da arte pela arte, com refinado esmero na linguagem e a impossibilidade das emoções.

h) - Em seguida, o **Simbolismo** aparece, reafirmando a realidade subjetiva, a sublimação, as manifestações metafísicas e espirituais, e a musicalidade.

i) - Já o **Pré-modernismo** coincide com o momento histórico da primeira guerra mundial, que se caracteriza pela ruptura com o passado, pela denúncia da realidade brasileira e pelo regionalismo.

j) - Advém então o **Modernismo**, envolto em crises econômicas e apregoando com mais evidência a ruptura com o passado. Instala-se um processo destruidor das estruturas vigentes e de

valorização do índio brasileiro.

l) - Finalmente, o **Pós-modernismo** enriquece a literatura brasileira com escritores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e tantos outros.

Desculpem-me, prezados ouvintes, ter-lhes furtado tanto tempo nessa digressão. Só o fiz porque estamos, neste momento, inaugurando a restauração da fachada histórica do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras. Estamos inaugurando uma obra com o frontão sobre a porta mais alta do Rio Grande do Sul, de estilo neoclássico; e com os arcos plenos sobre a porta principal e os arcos em alto relevo sobre as janelas; além das conversadeiras, as pequenas sacadas, mostrando a arte barroca. Vê-se, então, que esta fachada histórica remonta ao Arcadismo ou Neoclassicismo, inspirada no século das luzes, do Iluminismo e da mitologia greco-romana.

Esta fachada, estas janelas e esta porta são testemunhas vivas de quase um século da história de Passo Fundo. Atrás desta parede funcionou o Clube Pinheiro Machado, do Partido Republicano; e a APL, em cujo seio germinou a Universidade de Passo Fundo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Biblioteca Pública, o Instituto Histórico de Passo Fundo e tantos outros segmentos da nossa sociedade.

A fachada histórica que ora inaugu-

ramos não é uma parede morta. É uma parede viva que move nossos pensamentos, contando parte da história de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. Ela viu, testemunhou e abrigou momentos significativos da vida política e cultural do município, e se reveste de uma simbologia que guarda e manifesta a memória passo-fundense. Atrás dela podemos ouvir o tropel dos guerreiros de 1923, 1930 e 1932; e os discursos, os poemas, as histórias narradas. E suas linhas arquitetônicas merecem um estudo aprofundado. O acervo histórico encravado nesta parede não é simplesmente um monte de tijolos, nem um monte de areia. É muito mais do que isso. No valor intelectual da obra reside a preocupação do Ministério Público, do Executivo Municipal, da Câmara Municipal de Vereadores e da Academia Passo-Fundense de Letras. É graças a esse consórcio de preocupações com o patrimônio histórico, e à conjugação de esforços, sentimentos, aspirações e patriotismo de todas essas pessoas e instituições, que esta obra está sendo inaugurada. Viva a Academia Passo-Fundense de Letras! Viva a cultura e o povo de Passo Fundo!

(Discurso proferido na solenidade de inauguração da sede da Academia Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 2002).



Acadêmicos em frente ao prédio da Academia

# Uma história inconclusa

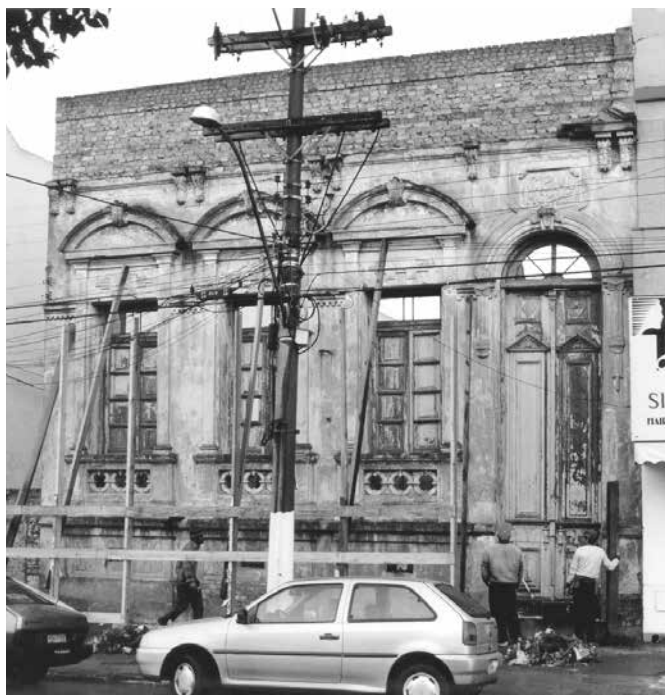
PAULO MONTEIRO

história da deterioração e reconstrução do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras jamais será completamente elucidada. Ela envolve pessoas, interesses contrariados, afastamentos, dissensões e inimizades. Muitas verdades repousam, com seus senhores, no silêncio dos sepulcros. O prédio é famoso por estar ligado aos principais acontecimentos políticos e culturais do município e da região, a partir do início do século XX, e por ter a porta mais alta do Rio Grande do Sul ou, quiçá, do Brasil.

Passagens mais recentes podem ser resgatadas, compulsando-se a documentação que integra o Processo 21194011751, no fórum de Passo Fundo. Sua origem é o Inquérito Civil 07/92, aberto em 24 de abril de 1992, pelo promotor de justiça Ari Costa, então responsável pela Defesa Comunitária.

Em março daquele ano, o jornalista Antônio Augusto Meirelles Duarte, presidente do sodalício, recebeu ofício do representante do Ministério Público, solicitando informações sobre a existência ou não de projeto para a recuperação do prédio. Como a resposta foi positiva, o prefeito Airton Dipp (autor da lei que integrou o edifício ao patrimônio histórico do município) foi notificado acerca das intenções para a reconstrução do prédio, remetendo, em junho de 1992, um memorial descritivo firmado pela arquiteta Neusa Maldaner e o engenheiro Vanderlei Borowski.

Em julho de 1994, como a obra inexistia, o Ministério Público ajuizou ação, exigindo a restauração e a preservação do prédio, com inicial subscrita pelo promotor Ari Costa. Quase dois anos depois, a 29 de maio de 1996, firmou-se acordo entre o Ministério Público, o Município de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras, para que o prédio fosse reconstruído até novembro do ano seguinte. Assinaram o documento a procuradora do município, Sinara



Tedesco, o presidente da Academia, Irineu Ghelen, o advogado do sodalício, Noé Machado, e o promotor Ari Costa.

Como o acordo não foi cumprido pela municipalidade, o promotor Darwin Reis solicitou que o município fosse intimado a iniciar os trabalhos. Em setembro de 1998, a procuradora Sinara Tedesco informou que havia sido iniciado o processo licitatório. Dois meses depois, como a fachada ameaçava ruir, o Ministério Público solicitou que a Justiça obrigasse o escoramento, no que foi atendido.

As coisas continuavam paradas, mas o Ministério Público estava atento. Em dezembro de 1999, a Defesa Comunitária, representada pelo promotor Paulo Cirne, solicitou que o município fosse notificado a iniciar imediatamente a reconstrução. De nada adiantou. Então foram sendo adotadas medidas mais drásticas, inclusive, pedindo-se a abertura de processo criminal contra o ex-prefeito Júlio Teixeira, pelo descumprimento do Acordo.

Somente em março de 2001 as coisas começaram a andar, após novo Acordo que teve como signatários o presidente da Academia, Ironi Andrade, o prefeito Osvaldo Gomes, o acadêmico e advogado Irineu Ghelen e o promotor Paulo Cirne. Esse documento estabeleceu dois momentos para o término da recuperação. O primeiro acabou no dia 7 de abril

de 2002, e dizia respeito ao terceiro pavimento, onde a Academia iria instalar-se; o segundo, no dia 7 de agosto do ano passado, quando os demais andares deveriam estar concluídos.

O item 6 do primeiro Acordo (folha 278 dos autos) reza textualmente: “O Município compromete-se a entregar o 3º pavimento devidamente dividido, de acordo com o projeto interno que a APL apresentará”. E foi ratificado pelo documento constante das folhas 519 a 521, datado de 28 de março de 2001. Muito pouco disso foi cumprido até hoje.

Quatro administrações municipais estão envolvidas neste processo. Três promotores de justiça (Ari Costa, Darwin Reis e Paulo Cirne) defenderam o patrimônio histórico. Pelo menos quatro juizes titulares (Luís Christiano Ayres, Luís Antônio Silva, José Amir do Amaral e Sílvio Algarve) já se pronunciaram sobre o assunto. Alguns participantes (como a arquiteta Neusa Maldaner e o advogado Noé Machado) já faleceram.

A demanda judicial para a recuperação do edifício-sede da Academia Passo-Fundense de Letras, mesmo sob os olhos atentos da Defesa Comunitária, já completou mais de onze anos, e ainda vai continuar.

Os defeitos e as deficiências na recuperação do prédio, inclusive com o emprego de materiais cuja qualidade é discutível, são públicos e notórios. A divisão interna do 3º pavimento está por ser feita e, dos demais pavimentos, apenas as paredes foram erguidas.

Esse é o relato da reforma do prédio pertencente à Academia Passo-Fundense de Letras, conforme pode ser comprovado documentalmente. O resto é versão oral de uma história inconclusa.

(Paulo Monteiro é membro titular da Cadeira 32, da Academia Passo-Fundense de Letras, cujo patrono é o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

# Celso da Cunha Fiori e o novo espírito da Academia

**LUIZ JUAREZ N. DE AZEVEDO**

à dias, em uma de suas primorosas colaborações para *O Nacional*, vi uma galeria de fotos do arquivo de Meirelles Duarte, presidente da Academia de Letras, que trazia algumas imagens de professores da Faculdade de Direito.

Na fotografia, Celso Fiori está à frente do quadro-negro, numa das grandes salas de nossa velha Faculdade da Avenida Brasil, onde ministrava suas aulas. (Meirelles escreveu na legenda que eram aulas de Economia Política. Ouso retificá-lo: As aulas de Fiori eram de Direito Comercial, absolutamente completas, em que esgotava a matéria, com eloquência e sabedoria; quem lecionava Economia Política era o saudoso professor Carlos Galves).

A visão da imagem de Fiori na sala de aula levou-me a uma associação de idéias, à inspiração de novamente evocá-lo, tantas vezes o tenho feito. Como Proust, ao saborear as *madeleines*, foi ao saborear as fotografias da coleção

de Meirelles, que me lembrei mais uma vez de Celso Fiori.

Já é a segunda ou terceira vez que escrevo sobre ele e sua personalidade complexa e dinâmica, meridional, singular e contraditória. Do que mais me recordo, como não podia deixar de ser, é do convívio nas atividades de advogado e professor de Direito — as que mais vivenciei e acompanhei. Está na hora de aparecer um pesquisador de peso, da área da História ou do Direito, ou de ambas, para escrever a sua biografia definitiva, que comportaria uma grande tese acadêmica. Já sugeri um esboço disso, que alguns de nós, advogados passo-fundenses, preparássemos uma obra coletiva sobre nossos antecessores, os grandes advogados do passado de nossa terra. Enquanto ela não vem, vamos fazendo isso de forma fragmentária, recordando-nos aos poucos daqueles que mais nos marcaram e inspiraram.

Celso Fiori também foi membro de nossa Academia de Letras, talvez o mais insigne deles, por sua atividade

incansável e pela liderança que nela desempenhou. Já nos idos de sua fundação, integrava o grupo pioneiro que implantou aqui a idéia de congregar lideranças intelectuais para o cultivo das boas e belas letras.

Depois, presidente, por volta de 1960, inspirou a troca da modesta denominação — *Grêmio Passo-fundense de Letras* — por outra, mais pomposa e significativa: *Academia Passo-Fundense de Letras*. Por obra de seu espírito ambicioso e inovador, de simples agremiação, semelhante a tantas outras, nosso modesto Grêmio passava a ser uma Academia. Não foi só o nome que mudou. Mudaram os propósitos e mudou o espírito da instituição. De um simples aglomerado de pessoas unidas pela propensão literária, o Grêmio, convertido em Academia, alçou-se a vãos mais altos. Tornou público o seu compromisso com a pesquisa e o estudo das ciências do espírito e a sua universalidade, não mais restrita à literatura, mas voltada a todas as artes e a todas as



Celso Fiori falando na sessão de instalação da Academia, em 7 de abril de 1961



(ARQUIVO APL)

Celso Fiori presidindo sessão em 17 de agosto de 1962

dependências do saber. Sem desprezar suas origens, incorporou a preocupação com a pesquisa científica, em todos os níveis, como a pesquisa histórica e a pesquisa jurídica. Outras atividades do espírito e não mais apenas a literatura e a poesia passaram a ter acolhida entre seus objetivos. Isso permitiu que tivessem lugar no meio acadêmico novas preocupações e interesses, diversificando-se a produção dos acadêmicos, sendo particularmente significativa a de seus historiadores, como Veríssimo da Fonseca, Nei d'Ávila e Welcy Nascimento.

Dizer isso não significa que outrora não convivessem no antigo Grêmio pessoas oriundas das diversas profissões, além de poetas e prosadores. Nem que a tarefa da agremiação deixou de apresentar sua importância para a época. O que mudou com a Academia foi o enfoque a respeito das preocupações da casa. Sem desmerecer os poetas e os literatos (ainda nos falta um grande romancista ou ficcionista), devido à influência inovadora de Fiori, passaram a ter espaço preocupações mais amplas, envolvendo praticamente todos os ramos do conhecimento. São respeitados entre nós pesquisadores da História, da Medicina, do Direito, da Teologia, das Religiões, da Pedagogia, da Geografia, do Jornalismo, da Política, da Economia e de todos os domínios científicos. Significativamente, temos um meteorologista, até bem pouco tivemos um maestro de escol. Nossa Academia passou a funcionar segundo o modelo da Academia Francesa (e hoje também da ABL), tornando-se um reduto da *intelligentia*, ao agregar uma gama diversificada de intelectuais, artistas e pessoas de expressão social, profissional e política de nossa região.

Essa nova postura resultou da visão inovadora e moderna de Celso da Cunha Fiori que, como em tudo o que fazia, buscava aperfeiçoar a atividade acadêmica. Atento à marcha da história,

apercebeu-se que a era dos grêmios literários estava a findar. Que a cidade universitária em que nos tornávamos precisava de uma Academia e não apenas de mais um grêmio literário.

Com a transformação em Academia, mudou-se também a composição dos seus quadros — que passaram a ser mais ecléticos — e, malgrado as resistências, aos poucos vão mudando as mentalidades. Na visão de Fiori, a novel Academia deveria ser um ambiente paralelo e multidisciplinar à Universidade, com a qual deveria se integrar. Embora sem o compromisso do ensino e da educação propriamente dita, ela alimenta objetivos semelhantes aos da Universidade: cultivar a pesquisa e aperfeiçoar a cultura; divulgar e semear idéias; manter um vínculo permanente de contato com o universo cultural em todas as suas formas de expressão. A Academia, ao mesmo tempo em que recebe os influxos dos pensamentos e das preocupações que inquietam o mundo, quer irradiar para ele o que se faz e o que aqui se pensa. Templo da inteligência, tal como a Universidade, no inspirado dizer de Unamuno, a Academia não é um reduto fechado, mas um espaço aberto. Inspirada no jardim de Academo, que lhe deu o nome, e que era uma construção sem muros, apenas circundada por colunas - essa concepção permite que, pela Academia, circulem os ventos de todas as idéias, permitindo a discussão aberta, enriquecedora e sem preconceitos, num ambiente onde convivem e de onde se irradiam os mais elevados ideais humanos, sobretudo os da liberdade, da civilização e da cultura.

Foi assim que Celso Fiori a quis, anteviu e vislumbrou.

## Poesia

### O louco e o sem-vergonha

**GOMERCINDO DOS REIS,**  
*in memoriam*

Com as minhas homenagens ao Ministro Oliveira Lima, que, quando discursava no Tribunal de Contas, entre outras coisas, disse:

“A corja de aproveitadores e adesis-tas que cerca o Presidente, revolta-me o estômago.”

É com prazer que registro  
A frase que li há pouco.  
Pelo que disse o Ministro,  
Prova-se que não sou louco.

Tenho horror do miserável,  
Do adesista e mais alguém;  
Dessa corja abominável  
De abutres que a Pátria tem!

O louco não é perverso;  
Muito pior é o sem-vergonha.  
Isso eu provo no meu verso,  
Na minha musa risonha.

O louco diz o que sente,  
Pois fala de peito aberto,  
E o sem-vergonha nos mente,  
Traz o veneno encoberto...

O sem-vergonha é vilão  
Que tem marca na picanha;  
Mesmo que perca a eleição,  
O Presidente ele ganha...

O louco tem mais civismo,  
Mais entusiasmo e lealdade;  
O sem-vergonha é um abismo  
Transbordando de maldade!

Os sem-vergonhas de agora  
Comprometem homens sérios,  
Pois vivem lambendo espora  
No Palácio e Ministérios.

É por causa de uma praga  
De sem-vergonha e servil,  
Que um povo inteiro naufraga,  
Desgraçando este Brasil!...

5-1-1952

(Do livro **Jardim de Urtigas**)

## Alegorias

O chão  
é o pão  
do pobre.

A lua  
é a rua  
do poeta.

O amor  
é a cor  
do sangue.

A fé  
é um pé-  
de-cabra.

O mar  
é o lar  
da onda.

O céu  
é o véu  
da noiva.

O sol  
é um gol  
de craque.

O rio  
é o cio  
do peixe.

A paz  
é um faz-  
de-conta.



## Gestação

Ruídos do meu ventre,  
que acendeis instintos maternos,  
sensação de útero farto,  
de semente germinando...

O acalanto do meu sangue  
vos aquieta,  
na intimidade  
das nossas confidências.

Vinde e vede,  
murmúrios do meu ventre,  
o afã do mundo  
que por vós anseia:

A luz que energiza os berços,  
a flor que se abre em concha,  
os cânticos trinados na janela,  
o leite que me inunda os peitos,  
o amor que amadurece em minha boca.

Vinde, meus cálidos rumores!  
A estiagem dos meus braços  
vos espera  
e vos deseja,  
como um veio d'água  
que rompe a terra-mãe  
e jorra para a vida...



## O pássaro

Abro a gaiola e o pássaro  
sai apressado.  
Planador eficiente, voa  
com seu mistério alado,  
e todo o ungüento  
que escoo de suas penas.

Oh! as penas!  
São elas, encharcadas de ar,  
que esparramam ao sol  
as boas novas, tantas  
que não consigo enumerar.

Voa que voa, o bico afeito  
à semente farta e boa  
que se deita sobre as veigas  
férteis de se olhar e se colher.

Eta, gaiola amiga  
do peito, que larga  
o poema insatisfeito,  
pra que voe, salte, cante, chore...

E sua semente espalha.  
E seu bálsamo escorre.  
Sempre à espera  
da nova floração.

## Princesa das águas

Este cheiro de vida,  
este brilho de festa.  
É ela que chega,  
regendo a orquestra  
de trinos e apitos  
na voz dos sabiás.

Na volta do tempo,  
exibe suas curvas  
e abana pra brisa,  
abrindo a camisa  
da rosa, do cravo,  
com mãos de cetim.

Donzela-prodígio,  
já acorda, já reina,  
com cetro e coroa.  
Seu colo desnudo,  
sua tez de manteiga,  
princesa das águas  
cantando no rio.

Seu riso, seu guizo;  
o olhar de lampejo;  
a boca vermelha  
sequiosa do beijo...  
Que doce momento  
se esfrega nas faces  
do iriado pomar!

O mundo se prostra  
aos pés desta dama,  
seu charme, sua chama,  
que varre a agonia  
do frio e da neve,  
tingindo o deserto  
de verde e azul.



Helena Rotta de Camargo é professora de Língua Portuguesa, Inglesa e Latina e respectivas literaturas (aposentada).

Especialista em Língua Portuguesa e Administração Escolar. Redatora de artigos e crônicas em vários jornais e revistas.

Membro da APL, cadeira nº 36. Seu patrono é o imortal poeta gaúcho, Mário Quintana.

Autora dos livros de poemas: Sol Encoberto; Paredes Nuas; Cântaros de Junco; Violetas da Paixão; Sonho, Seiva, Semente; Lua Cheia e Flores Brancas (no prelo); e Essência de Mulher – reflexões poéticas (no prelo).

# Justiça e literatura

**EURÍPEDES FACCHINI**

ascido na cidade de São Paulo, mas cidadão passo-fundense de coração e por decisão da comunidade, de quem recebi o honroso título de “cidadão honorário”, é nesta cidade gaúcha que começaram a se implantar as minhas raízes.

Ao chegar pela primeira vez, durante o inverno sulino, com o claro propósito de conhecer a cidade e a família gaúcha que viria a integrar, com o mais profundo sentimento humano e os melhores augúrios, já pressentia completa integração com os usos e costumes gaúchos, passando a assimilar, na íntegra, os sentimentos saudáveis da boa gente passo-fundense.

Relativamente à minha formação cultural, realizei os cursos primário e secundário em São Paulo, em escolas públicas e particulares, já me preparando para o disputado ingresso na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, considerada a mais tradicional na cultura jurídica do país. Relativamente a cursos de nível superior, devo acrescentar que, em 1948, tive o privilégio de realizar Mestrado em Educação, Sociologia e Jornalismo, na Universidade Metodista de Dallas, Texas

(Estados Unidos). Quando magistrado em Passo Fundo, a convite, lecionei na nascente Faculdade de Direito, a cátedra de Direito Civil (Direito das Obrigações), durante vinte e oito anos.

Residindo à época em Jaguarão, no exercício da direção do então Ginásio daquela cidade fronteiriça, tive o grato privilégio de conhecer a simpática figura humana do magistrado César Dias, na ocasião titular da comarca, o qual passou a insistir na possibilidade de eu ingressar na magistratura rio-grandense, o que efetivamente veio a acontecer, em inícios de 1951.

Passei, então, a viver experiências totalmente novas, próprias de um exercício profissional diferente e de atividades intensas e absorventes, estendendo-se, por vezes, a períodos noturnos em que era impositiva a leitura, não só de peças processuais, como também a consulta a autores de obras jurídicas e literárias que pudessem auxiliar o julgador na elaboração de suas sentenças.

Acredito que seria interessante, em um trabalho desta natureza, mencionar a opinião do conhecido pensador do estado do Espírito Santo, João Baptista Herkenhoff, que nestes termos se expressa na obra *O Direito dos Códigos e o Direito da Vida*: “Diversamente do

(ARQUIVO APL)



que ocorre com as obras doutrinárias, freqüentíssima é a presença do juiz, nas obras de ficção brasileira, e sob um ângulo que oferece farto material de pesquisa ao sociólogo. O juiz é uma constante na criação de Jorge Amado, Mário Palmério, José Lins do Rego, José Cândido de Carvalho, e presença repetida em Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e muitos outros escritores”. Vale prosseguir com a manifestação do mesmo autor: “Em todos os tempos e lugares, a literatura de ficção refletiu a sociedade nela descrita. O ficcionista é, com freqüência, melhor intérprete do fato social do que escritores que se utilizam de outros canais de expressão. Debajo do irreal das situações de superfície, o romance revela a realidade social subjacente, sem as peias e restrições que muitas vezes marcam os trabalhos escritos dentro de uma postura de discussão aberta. Por esse motivo, a expressiva presença do juiz na literatura brasileira, sua quase obrigatoriedade no romance regional, no romance de sabor interiorano, demonstra por si só a importância dessa figura na vida de nossa sociedade”.

Peço vênica também para trazer à cena a palavra abalizada do jurista gaúcho, Plauto Faraco de Azevedo, que, na obra *Aplicação do Direito e Contexto Social*, assim se expressa: “Fazendo a linguagem do direito uso também da linguagem comum, por ambas precisa transitar o jurista, sabendo utilizá-las de modo a poder argumentar e convencer”. Esta finalidade é manifestamente incompatível com o uso do discurso intrincado, abusivo da linguagem peculiar ao Direito, posto que o uso desconexo de noções técnicas, sobre não persuadir (levar ao conhecimento), impede a indispensável comunicação entre o jurista e o povo, entrava as soluções e desmoraliza a profissão jurídica. É este o pior dos vícios em que historicamente tem incorrido o bacharel, tornando-o alvo da galhofa e paradigma da incomunicabilidade.

Gilberto Freire, com *Casa Grande e*





*Senzala*, deveria ser leitura recomendada às novas gerações, alertando para as nossas origens culturais, nossa formação territorial, a verdadeira saga de nossa nacionalidade construída por portugueses, índios e negros. Em Machado de Assis, sente-se a mensagem de sua época, ao mesmo tempo em que sua prosa transmite significados que a transcendem de muito, por dizerem respeito ao homem de todos os tempos. Eça de Queirós, por exemplo, retrata o homem medíocre guindado às mais altas funções, pela complacência dos que lhe são semelhantes, não por mérito, mas por cumplicidade.

Machado de Assis e Eça de Queirós são clássicos nossos conhecidos que necessitam de ser lidos e relidos. Mas não podem ser esquecidos os autores modernos, que vêm enriquecendo nossa literatura, que contribuem para tecer a imensa teia de vivências, de sentimentos, de reflexões, de cultura, em cujo conjunto indissociável se reflete a alma da nação.

Acrescentaria algumas referências

pertinentes à relação entre justiça e literatura, também lembradas por Plauto F. de Azevedo, tais como, a leitura de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, que pode ser feita para ver como certas grandes propriedades se têm formado com o auxílio da força bruta, à margem da justiça-instituição. Ou ainda a de *Vidas Secas*, pela denúncia social a mostrar a coisificação da existência causada pela miséria, pela fome e pelo sofrimento. É ele também o grande narrador da prisão arbitrária, da injustiça política e da vida no presídio, em *Memórias do Cárcere*.

Seria indesculpável, ao encerrar este modesto artigo, não mencionar as inestimáveis lições de Mário Quintana que, com sua precisão e profundidade no dizer, consta entre os mais argutos da literatura brasileira. Ao falar sobre igualdade e democracia, tão importantes à vivência do Direito, ele escreve: “Democracia? É dar a todos o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um”.

## Poesia

LUÍS MARCELO ALGARVE

### O estado de amar

É bom *Admirar*  
o vento dos teus cabelos  
O cheiro dos teus movimentos  
O piscar dos teus olhos  
O caminhar dos teus passos.

É bom *Dividir* os teus sonhos  
Sonhar com a tua imagem  
Saborear a tua companhia  
E acordar com o teu rosto.

É bom *Reinventar* fantasias  
Criar alegorias de amor  
Confetes, purpurinas e serpentinas  
Aproveitar os frutos doces da paixão.

É bom *Inspirar* uma nova devoção  
Replanejar sublimemente a vida  
Reencontrar a justificativa perdida  
Para certas urgências do coração

É bom *Andar* sem ter pressa  
Curtir a vereda da aproximação  
Que deveras toma saudável avanço  
No sentido da minha oração.

É bom *Nadar* em mares  
límpidos e profundos  
Descobrir a pérola esverdeada  
dos teus olhos  
Escondida entre olhares  
de simpatias e aconchegos  
Desvendada por minha  
súbita vontade de te querer.

É bom *Amar* e amar e amar,  
despreocupadamente  
Puramente, divinamente,  
tresloucadamente  
Amar alguém que se escolheu  
noutra vida, talvez  
Amar alguém que simplesmente  
se permitiu amar.

Quero fazer vividamente contigo  
O que faz a primavera com as flores  
Sem receios nem pestanejos  
Trazer-te das montanhas  
cestas silvestres de beijos...

# Talento jovem orgulha as letras passo-fundenses

HELENA ROTTA DE CAMARGO

**P**ablo Morenno é o pseudônimo artístico de José Antônio Machado, que o adotou em homenagem a Pablo Neruda. Os dois *enes* justificam-se pela existência de um homônimo no cenário artístico nacional.

## O homem

Pablo é um jovem idealista, de 34 anos, casado com Daniela, professora de crianças e sua grande musa.

Também ele é professor. Ensina Língua Espanhola em curso pré-vestibular, além de atuar como servidor público federal do TRT, há dez anos. Licenciado em Filosofia, cursou três anos de Teologia e atualmente é aluno do curso de Direito.

No campo das letras, Pablo Morenno escreve uma crônica semanal, em coluna própria, no jornal *O Nacional*, de Passo Fundo, intitulada *Transparências*. E já teve

publicados contos, crônicas e poemas nos jornais Zero Hora, Diário da Manhã, Nossa Vida, Direito e Avesso (do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal), e em páginas da internet.

Mas Pablo não se revela apenas um bom escritor. Seu multifacetado talento ainda realiza incursões no campo das artes plásticas e da música, como cantor, compositor e instrumentista.

## As raízes

Filho de pais analfabetos, Zé Antônio (como também é chamado carinhosamente) teve nove irmãos. Aprendeu a ler com uma de suas irmãs, com quem brincava de professora/aluno. Os dois são os únicos da família que avançaram nos estudos. Os demais não frequentam



ram além da 4ª série do ensino básico. Aos 11 anos, movido por um impulso religioso ainda em embrião, Pablo ingressou num seminário, onde permaneceu até os 20.

Sua primeira premiação literária veio aos 10 anos de idade, ao participar de um concurso de redação promovido pelo Ministério da Fazenda. O prêmio: livros e cadernos. Começou aí sua produtiva vida como escritor, cujos textos iniciais tiveram divulgação num jornalzinho da escola.

## O escritor

O garoto, de inteligência aguçada e precoce disposição para as artes, que desde a infância se revelou talentoso, decidiu fazer da palavra o seu canal de

comunicação com o mundo. Nascidos do ardor da juventude, os escritos desse período tiveram continuidade, e nunca mais se estancou a vertente da inspiração, que o passar dos anos só vem fazendo mais copiosa e eclética.

Depois de receber vários prêmios em concursos literários, de ver publicados em antologias seus trabalhos em prosa e verso, e de gravar um CD com composições de sua autoria, Pablo Morenno parte agora, com a chancela de WS Editor, para a publicação de seu livro de estréia, um compêndio de crônicas, intitulado *Por que os homens não voam?*

Dotado de grande sensibilidade, capaz de captar e reproduzir com maestria as facetas do cotidiano, Pablo confessa que, para ele, *“escrever é uma forma de tornar o mundo mais habitável, de explicar a sociedade para si mesma”*. Ele acredita na arte como entretenimento e compromisso. E, ao definir a crônica, esse gênero que o está lançando no mercado editorial, afirma que ela é *“um modo de eternizar o efêmero e de conduzir o leitor à experiência vivida pelo autor”*.

Paulo Becker, o prefaciador de sua obra de estréia, reconhece em Pablo Morenno *“um cronista consumado”*, cujos textos, em linguagem à altura dos atuais cronistas brasileiros de renome, induzem a *“uma reflexão sobre a experiência pessoal e coletiva do mundo”*.

Por fim, cabe dizer que percorre as crônicas de Morenno um lirismo tão intenso e exuberante que confere a elas o padrão singular de *prosa poética*, tão carregada de emoção quanto difícil de ser produzida.

# Crônicas não datadas

PAULO BECKER

**P**ablo Morenno surge como um cronista consumado, neste seu livro de estréia.

Suas crônicas dão a impressão de terem sido escritas para livro, e não para jornal. Como os bons cronistas, Morenno extrai do cotidiano e da atualidade os aspectos que, por demasiado humanos, não perdem o interesse com a passagem do tempo.

Seus textos possuem um caráter fortemente lírico. Na esteira de Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e outros cronistas brasileiros consagrados, Morenno dá atenção especial à linguagem, por saber que a transposição da realidade à literatura não prescinde da criação verbal, da luta

com as palavras. Não é por acaso, aliás, que Morenno guarda, em suas gavetas, inúmeros poemas escritos por ele, que cedo ou tarde deverão vir a público, revelando mais uma faceta desse autor que, apesar da juventude, já demonstra segurança e domínio sobre a sua criação.

O presente livro se divide em duas partes, mais ou menos simétricas, que espelham, cada qual, uma forma de relação entre o cronista e o mundo. Na primeira parte, “Sobre cacos de vidro”, o cronista registra, de forma nada resignada, as porras que levou da vida, e elabora um inventário de fracassos e frustrações. Na segunda parte, “Cavalos que ventam”, o cronista dá a volta por cima, apontando possibilidades ainda inexploradas de existência, vidas a serem continuamente inventadas e reinventadas.

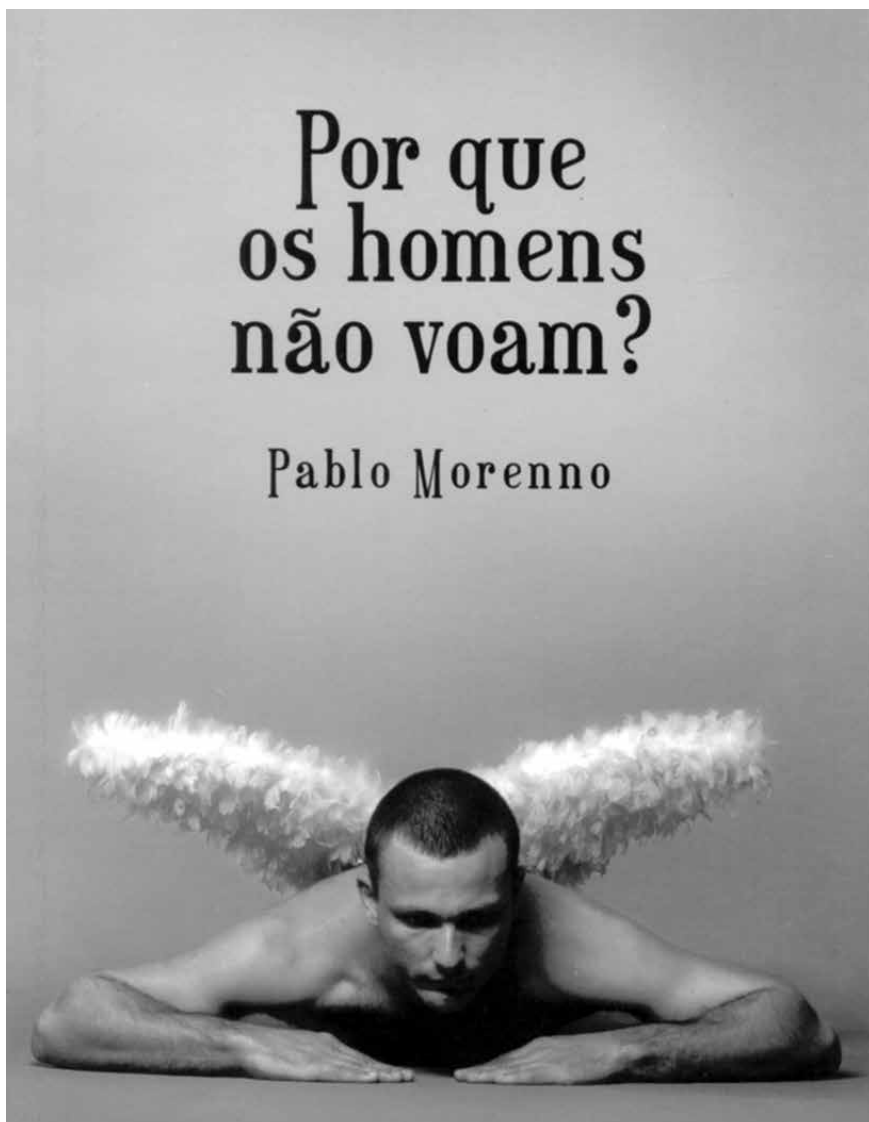
Inquietações da atualidade percorrem essas crônicas. Os limites que os pais devem impor aos filhos, a despersonalização das relações inter-humanas, a robotização do ser humano, as guerras imperialistas promovidas pelos Estados Unidos, a espoliação das riquezas e do trabalho brasileiros perpetrada pelas multinacionais, a existência pungente dos meninos e meninas de rua, a invenção de novas drogas farmacológicas para aliviar a angústia do ser humano, entre outros temas, compõe esse mosaico da vida contemporânea. Nem a rede mundial de computadores e a existência das realidades virtuais foram esquecidas. Numa crônica antológica, “Las brujas de plástico”, o autor se pergunta se a sua doce companheira, adormecida em seu colo, não seria mera criação virtual. Há, nessa como nas outras crônicas, uma sede insaciável de realidade, de justiça e de verdade que conferem ao livro pretensões não apenas literárias, mas éticas.

Em função dessa preocupação ética, que deixa à mostra a carência de valores da civilização ocidental nesse início do terceiro milênio, destaca-se na obra de Morenno uma reflexão contínua e profunda sobre a experiência pessoal e coletiva, reflexão essa que se mostra capaz de retirar, do tumulto da existência, impagáveis aprendizados, que se expressam no livro através de aforismos, verdadeiras “pérolas de sabedoria”. Apenas alguns exemplos: “Filho não é animal domesticável”; “Ser pai é digerir a perda e temperar a espera”; “O medo anda grudado em nossa pele como um beijo indesejado”; “O amor jamais é culpado”; “Ao amar, sê como um monge orando”; “Se sobrevivemos à dor, como árvores feridas, hão de vir os frutos”; “Moinhos de vento não copulam com calmarias”; “A felicidade repousa onde está o coração”.

Enfim, como toda boa literatura, o livro de Morenno explora o reino do possível, sem pedir licença ao bom senso ou ao bom gosto, e subverte os esquemas habituais de percepção do mundo, projetando novas existências possíveis, existências cuja semente já se encontra lançada no solo da contemporaneidade. Como poeta, Morenno torna visíveis essas vidas ainda invisíveis, torna reais

Por que  
os homens  
não voam?

Pablo Morenno



# Ícaro Morenno

GILBERTO R. CUNHA

Entre Ícaro e Pablo Morenno há algo em comum. Você saberia dizer o quê? Resposta elementar: o sonho de voar. O primeiro construiu suas asas com cera e subiu, subiu até que o calor do Sol as derreteu, e ele caiu. O segundo foi mais modesto: do alto de um chiqueirão (cercado onde se costuma criar porcos), usando asas improvisadas com um pano de guarda-chuva, ousou desafiar a lei da gravidade. Também caiu, quebrou o nariz, mas aprendeu, ainda menino, que voar, para os homens, mesmo sendo uma metáfora, não é uma impossibilidade.

Toda essa conversa sobre o sonho de Ícaro (você já percebeu) foi só para destacar o lançamento do livro de crônicas de Pablo Morenno - Por que os homens não voam?- pela WS Editor, acontecido na quarta-feira (15/10/2003), no Bella Città Shopping Center. Você esteve lá? Não? Que pena! Perdeu um grande espetáculo. Quem participou foi agraciado com músicas belíssimas (corais da cidade e voz e violão de Pablo Morenno) e um depoimento marcante do autor sobre sua vida e obra (coisas que se confundem). E mais: tudo isso acompanhado por um eficiente serviço de coquetel a cargo do pessoal do Grupo de Teatro da UPF.

Escrever sobre Pablo Morenno e seu livro, sem sair de lugares-comuns, não é tarefa fácil. Exageros não fazem parte da minha personalidade, mas, mesmo assim, me atrevo a dizer que Pablo Morenno é o dono do melhor texto da imprensa de Passo Fundo, no momento (se você duvida, por favor, leia as colunas dele, na página 9 de O Nacional, todas as terças-feiras). De fato, você que me conhece de outras leituras já pôde perceber que não sou dado ao elogio fácil, por isso ratifico e friso: Pablo Morenno não é o nosso melhor texto do momento. Possivelmente, seja o nosso melhor escritor do século 21. Não foi por outra razão que o professor Paulo Becker, no prefácio do livro, coloca Pablo Morenno e suas crônicas na esteira de Rubem Braga, Fernando Sabino (antes do livro da Zélia, ressalte-se), Paulo Mendes Campos e tantos outros cronistas brasileiros consagrados de ontem e de hoje.



Falando em Rubem Braga, vale lembrar que ele é o ícone da crônica brasileira. Comparar Pablo com o Velho Braga, mesmo que não seja algo despropositado, ainda é covardia. Pablo está apenas começando, e Rubem Braga (1913 a 1990) é uma saudosa lembrança. Em 62 anos de trabalho, Rubem Braga escreveu cerca de 15 mil crônicas. “Por que os homens não voam?” é o primeiro livro de Pablo Morenno. Rubem Braga se notabilizou por crônicas inesquecíveis como “Ai de ti, Copacabana!”, “Aula de inglês”, “Homem no mar”, “O pavão” e milhares de outras. Pablo tem as suas: “Sobre cacos de vidro”, “Jô e o buraco negro”, “Máquinas para atender”, “E Deus fez a mulher”, e muitas outras que formam uma seleção de elite no seu livro de estréia. Similaridades entre Pablo e Braga também são facilmente encontráveis. Em 1963, quando fez 50 anos, Rubem Braga escreveu sobre sua nova idade: “Uma injustiça, sem dúvida alguma. Logo comigo, que tinha tanta vocação para ser rapaz!”. Pablo, mal passando dos trinta, quando da chegada dos primeiros cabelos brancos, e diante dos argumentos da mulher que tentou agradá-lo com um “logo parecerás Ri-

chard Gere com todo o charme”, mesmo temporariamente convencido, emendou com “embora eu saiba, sem dinheiro nem fama”.

A crônica tem a magia de “falar” à inteligência e à sensibilidade dos leitores. E Pablo Morenno explora isso ao extremo em “Por que os homens não voam?”. Ao título-pergunta, cada um que encontre a sua resposta. Eu achei a minha lendo o livro, mais precisamente na crônica “Oração da hipocrisia”. Não vale é pensar como um PhD em dinâmica de fluidos e achar que os homens não voam por mera questão de aerodinâmica inadequada.

Já que o assunto é crônica, nada melhor que encerrar com uma folclórica passagem de por ele. Consta que certa vez ele foi assistir a um show de Vinicius de Moraes. Lá pelas tantas, Vinicius suspirou no palco: “Ah, a melhor coisa do mundo é comer um papo-de-anjo ao lado da mulher amada!”. Na platéia, Rubem saiu de um silêncio que já durava horas e resmungou para sua acompanhante: “Está gagá. Muito melhor é comer a mulher amada ao lado de um papo-de-anjo”.

# Eles estão chegando

PABLO MORENNO

**E**u sabia, chegariam, mas não assim tão cedo, sem aviso. Odeio surpresas, sou calculista, gosto de organizar as coisas, preparar-me. Esqueci o conselho “vigiai e orai, não sabeis o dia nem a hora”. Não quis parecer obsessivo, vim levando a vida. Saber, sabia. Já falei. O problema é a hora da chegada. Chegassem à hora da janta, justo. Não depois do almoço.

Se eu tivesse vindo mais devagar, me preocupado menos. Se tivesse uma vida mais folgada, menos estressante... Se fosse mais rico ou tivesse feito ioga, tomado vitaminas. Quem sabe se eu tivesse outra profissão, se eu morasse no campo... São suposições. Jamais poderei verificar, empiricamente, ante a impossibilidade da volta. Eles estão aqui e pronto. É inevitável a chegada de todos. Acostumar-me, relaxar e manter a discrição que pedem, isso eu faço.

Não posso dizer que não sinto um pouco de medo. Acho sinal de extrema fragilidade para quem tem utopias e sonha transformar o mundo. Como um transformador do mundo pode ser alguém, se não tem o mínimo controle sobre eles em si mesmo? O medo vem dessa falta de controle, saber-se impotente, em sentido amplo. Eles chegaram para jogar-me a realidade na cara,

tirar-me a arrogância, dar-me, quem sabe, um pouco de sensatez. Pressinto. Passei a selecionar os sonhos, a valorar novamente os planos, a administrar a fertilidade da imaginação. O medo não é deles, propriamente, mas do anúncio subliminar.

Não sei dos sentimentos do fruto quanto o amido interior começa a transformar-se em açúcar e o verde do exterior vê chegando as cores mais vivas da maturação. Não sei dos sentimentos do trigo ao firmar seu tegumento, nem o que experimenta o milho ao amarelar a palha. Sei o que sinto quando os vejo em mim. É um temor tímido, uma ansiedade gorda, uma indisfarçável pitada de angústia.

Procuro no passado algum paradigma. Acho a adolescência. Coincidentemente, também eram eles ocupando meu corpo onde nunca estiveram. Diferente era o orgulho, e a cor, lógico. Angústia e ansiedade eram iguais. Pretos, traziam consigo os hormônios; brancos, anunciam a hora de retomá-los. Talvez meu medo seja esse. Ou será o de parecer um leproso, como são tratados no mundo aqueles que os têm abundantes? Entendo a obsessão de todos na mimetização.

Não sei se vou mimetizá-los ou deixá-los-ei assim à mostra. Em alheios, pa-

recem menos trágicos. Quando criança, para meu avô combinavam. “Vô, você tem cara de Deus!” Meu irmão mais velho recebeu-os bem antes de mim. Não sei se vou fantasiá-los com um capuz como os carrascos nas execuções. Talvez, não. Talvez, sim. Sei lá. Dúvidas. Por enquanto são poucos, quase invisíveis.

Desculpe-me se pinto um drama inútil ao invés de pintá-los, se não sou homem o suficiente para aceitá-los, se lhes dou importância indevida. Possivelmente seja uma tempestade em copo d’água, um tornado em bolha de sabão. Mas não consigo e não posso tirá-los da cabeça. Tenho só trinta e poucos anos...

Minha mulher tentou agradecer-me, “logo parecerás Richard Gere com todo o charme”, embora eu saiba, sem dinheiro e fama. Essa idéia me convenceu a não testar tinturas, ainda, nem arrancá-los à força. Há três ou quatro semanas, ficar parecido com Richard Gere tem sido um razoável argumento para aceitar os fios de cabelo branco que estão chegando.

(Crônica do livro **Por que os homens não voam?** - de Pablo Morenno, editora WS Editor, 2003.)



# A história de um amor forjado na guerra

JABS PAIM BANDEIRA

nita é o diminutivo carinhoso de Ana, em italiano, o que equivale, em português, a Aninha.

Já em japonês Ana (Hana), quer dizer flor. Antes de conhecer Garibaldi ela era chamada de Aninha, tendo Garibaldi passado a chamá-la de Anita. Assim sendo, Garibaldi colheu sua flor no jardim, em Laguna, a mais linda de todas, cujo amor foi temperado pela tomada de Laguna, Guerra dos Farrapos, consolidação da república uruguaia e unificação da república italiana, portando um amor forjado nas guerras e revoluções. Anita viveu sempre com Garibaldi, até o fim de seus dias, quando morreu, em Ravena, na Itália. Um grande amor que, passados mais de 150 anos, ainda continua vivo no coração de brasileiros, italianos e uruguaiois. Vale a pena transcrever este legado de Garibaldi, quando se refere, em suas memórias, a seu tesouro, seu amor e sua Anita:

*“Era-me necessário amor de alguém, e que este amor não tardasse a chegar:*

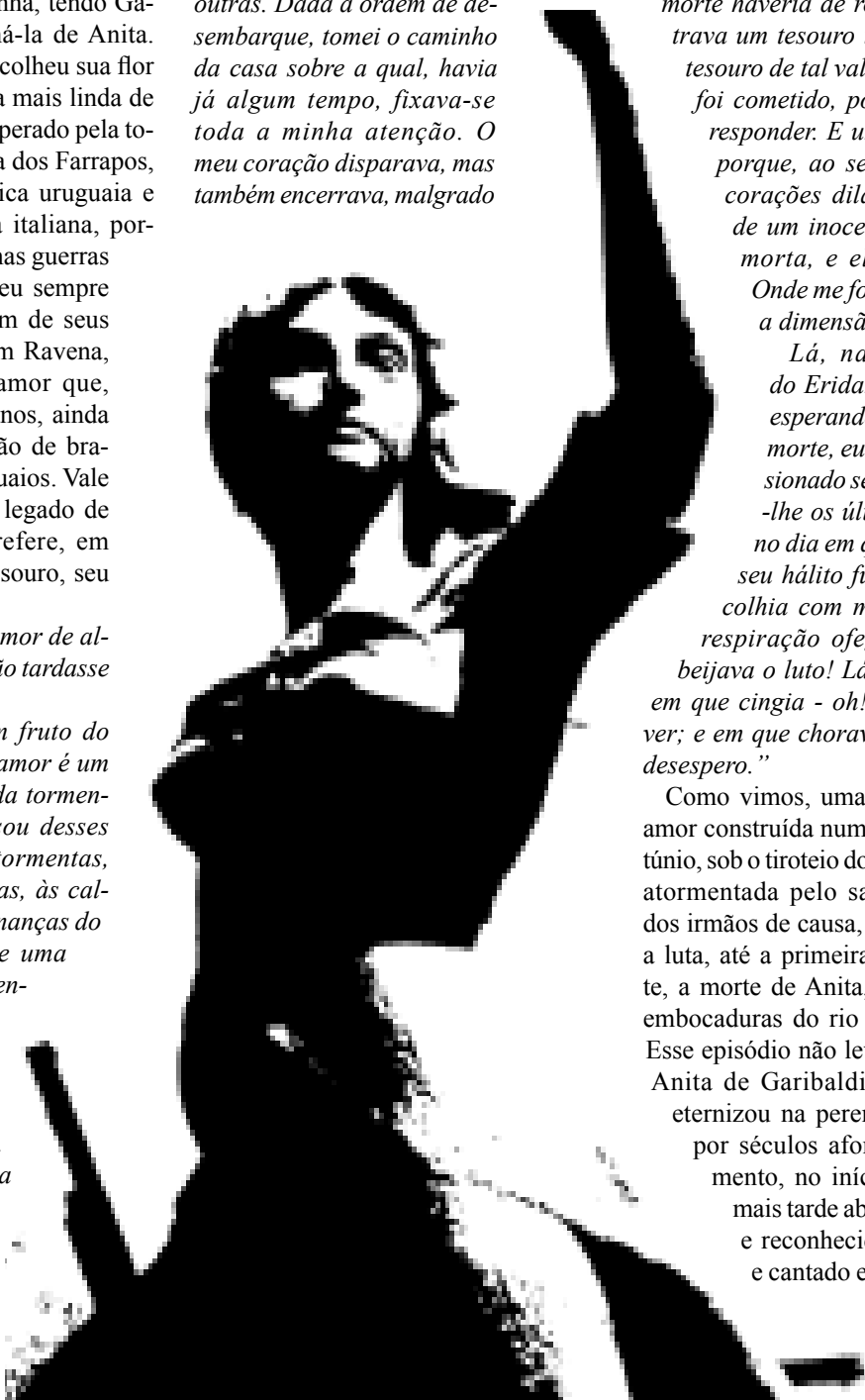
*Ora, a amizade é um fruto do tempo, ao passo que o amor é um clarão, por vezes filho da tormenta. Mas que importa, sou desses homens que preferem tormentas, quaisquer que sejam elas, às calmarias da vida ou às bonanças do coração. Eu carecia de uma presença feminina. Somente uma mulher poderia consolar-me. Uma mulher sumo refúgio, único anjo alentador, estrela da tempestade. Uma mulher cuja divina aparição jamais imploramos em balde, quando imploramos com o coração e, sobretudo, quando imploramos no*

*infortúnio. Era arraigado a esses pensamentos que, da minha cabina no Itaparica, eu dirigia meu olhar à ribeira. O morro da barra encontrava-se próximo e, de meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas em seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras. Dada a ordem de desembarque, tomei o caminho da casa sobre a qual, havia já algum tempo, fixava-se toda a minha atenção. O meu coração disparava, mas também encerrava, malgrado*

*a sua comoção, uma dessas resoluções que jamais esmorecem. Um homem (eu já avistara) convidou-me a entrar. Tentasse fazê-lo bruscamente, ele me teria impedido. “Virgem criatura, tu serás minha”, foi o que disse ao ter a jovem diante de mim. E com tais palavras eu forjava uma aliança que somente a morte haveria de romper. Eu encontrava um tesouro interdito, mas um tesouro de tal valor! Se algum erro foi cometido, por ele só eu devo responder. E um erro teve lugar porque, ao se enlaçarem, dois corações dilaceraram a alma de um inocente. Mas ela está morta, e ele vingado (sic). Onde me foi dado a conhecer a dimensão da culpa?*

*Lá, nas embocaduras do Eridan, no dia em que, esperando disputá-la com a morte, eu segurava convulsionado seu pulso, sentindo-lhe os últimos batimentos; no dia em que eu inspirava o seu hálito fugidio, em que eu colhia com meus lábios a sua respiração ofegante; e em que beijava o luto! Lábios desfalecidos em que cingia - oh! dor! - um cadáver; e em que chorava as lágrimas do desespero.”*

Como vimos, uma linda história de amor construída num período de infortúnio, sob o tiroteio do fuzil e do canhão, atormentada pelo sangue derramado dos irmãos de causa, mas que seguiam a luta, até a primeira perda importante, a morte de Anita, em Ravena, nas embocaduras do rio Eridan, na Itália. Esse episódio não levou, nem separou Anita de Garibaldi, pelo contrário, eternizou na perenidade do tempo, por séculos afora, um relacionamento, no início proibido, mas mais tarde abençoado por Deus e reconhecido pelos homens, e cantado em versos e prosas



# Encontro com Martín Fierro

GILBERTO R. CUNHA

Sei que não foi sonho. Tampouco esta é mais uma daquelas tantas histórias, que muita gente jura de pés juntos, se passou com um amigo de infância, com um primo distante da mulher ou, depois de alguns uísques, que elas mesmas foram protagonistas. Lembro bem daquele fim de tarde, de um dia qualquer do inverno de 1991, quando caminhava distraído pelas ruas do centro de Buenos Aires e, sem mais nem menos, meu olhar se prendeu na discreta placa de bronze fixada numa coluna de um prédio antigo das proximidades da Casa Rosada. Nela constava que ali, num quarto do andar tal, no distante ano de 1872, Don José Hernández havia escrito o célebre poema épico Martín Fierro. Foi o suficiente para levar-me a refletir que, provavelmente impregnado por um nativismo trivial, não tinha, até então, prestado atenção suficiente naqueles versos e no seu autor, mesmo que inúmeras vezes tivesse escutado gente declamando o

clássico “Aqui me pongo a cantar/ Al compás de la vigüela/ Que el hombre que lo desvela/ Una pena extraordinaria/ Como la ave solitaria/ Con el cantar se consuela” (Aqui me ponho a cantar/ Ao compasso da viola/ Que o ser a quem desconsola/ Uma dor extraordinária/ Como a ave solitária/Cantando é que se consola).

José Hernández era o que se pode chamar de típico descendente da nobreza rural da Argentina. Foi, na vida, pelo menos quatro coisas que podem ajudar a revelar o seu caráter: militar, jornalista, político e poeta. Nasceu na chácara de Pueyrredón, no atual município de San Martín, província de Buenos Aires, no dia 10 de novembro de 1834. Começou seus estudos na capital federal, aos seis anos. Seu primeiro contato com a vida do campo se deu após a morte da mãe em 1843, quando foi levado pelo pai, que administrava algumas fazendas, a fim de se curar de uma enfermidade respiratória, acredita-se, abandonando as aulas até 1846. Esse foi o seu contato inicial com os gaúchos e suas lides campeiras, que acabaram retratadas em Martín Fierro. Ilustra bem o exemplo de como criador e criatura se confundem. Quando da sua morte, em 21 de outubro de 1886,

um jornal de La Plata deu como manchete: “Morreu o senador Martín Fierro”.

Hernández viveu na época de Juan Manuel de Rosas, o caudilho que, em 1833, comandou uma expedição de extermínio dos índios argentinos, que ficou conhecida como “campana del desierto”. E mesmo não sendo um adepto do tirano de Buenos Aires (a ditadura de Rosas durou de 1835 a 1852), o herói do seu poema procede como se fosse. Martín Fierro fora mandado, por um ato de arbítrio, para servir num dos fortins de fronteira de Rosas, cujos homens saíam



pelos campos a matar índios tipo se mata bois. Nos seus cantos menospreza a humanidade dos silvícolas. Praticamente justifica a matança dos índios que “atrapalhavam” a marcha dos povoadores. Martín Fierro raciocina conforme a história escrita pelo vencedor, aceitando a violência contra os indígenas como se fosse uma luta entre o bem e o mal.

O poema foi escrito em duas partes: El gaucho Martín Fierro, de 1872, e La vuelta de Martín Fierro, de 1879. Foi um êxito de público, mas a intelectualidade argentina torceu os olhos o quanto pode para Martín Fierro. Jorge Luis Borges argumentou que não é a biografia de todos os “gauchos”, pois é inconcebível um país só de desertores e, além do mais, este tipo (el gaucho) contou pouco na história da Argentina. Martín Fierro é uma figura da literatura, que simplesmente não pode ser passada para a história. Mas, como costumava destacar o professor Guilhermino César, quem parece ter sempre razão nessa pendência é a pesquisadora americana Madaline Wallis Nichols, quando disse que “o gaúcho foi morto e enterrado várias vezes, mas continua vivo e se recusa a morrer”.

Quanto ao prédio referido, provavelmente, pelo que consta nas biografias de José Hernández, era o Hotel Argentino, de Rivadavia e 25 de Mayo, onde ele viveu uns tempos, depois do curto exílio em Santana do Livramento e Montevideu, enquanto sua família se refugiava na estância Cañada Honda, para escapar do flagelo da febre amarela.



# Síntese de um povo

**VERÍSSIMO DA FONSECA**

a Semana Farroupilha não comemoramos a guerra fratricida, nem a coragem e o heroísmo do povo rio-grandense. Nenhuma batalha, seja entre irmãos ou mesmo com inimigos da pátria, deve ser comemorada, no sentido de festejar, mas sim no de memorar em conjunto, pois sempre implica em sacrifício de vidas e sofrimento de um povo. Memoramos em conjunto, sim, a lição de civismo dada pelos nossos ancestrais.

De cada lado, acima de tudo esteve o respeito ao próximo, o civismo entre adversários que pensavam diferente e que lutavam para a grandeza e o aperfeiçoamento das instituições públicas da mesma pátria. Ambas as facções tinham como denominador comum o respeito à pátria.

De 1680 a 1828, isto é, desde a fundação da Colônia do Sacramento até a batalha do Passo do Rosário, com a Argentina, o povo gaúcho lutara pela conquista desse solo, sem interrupção. Nesta batalha, de resultado indeciso, segundo alguns historiadores, foi decidido o fim da luta entre povos irmãos.

O Marquês de Barbacena, comandante do Exército Brasileiro, ordenou o cessar fogo e a retirada, evitando o sacrifício dos soldados brasileiros. Alvear, o grande comandante do Exército Argentino, em melhor situação tática no campo de batalha, também ordenou o cessar fogo e a não perseguição do inimigo em retirada, exausto de tantas lutas. Isso é o que se conclui de Cláudio Moreira Bento, em seu livro: 2002 - os 175 anos da batalha do Passo do Rosário (Porto Alegre: Metrópole, 2003), a última palavra sobre o polêmico tema.

Da decisão desses dois homens, ambos lutando pelo domínio da Repú-

blica Oriental do Uruguai, nasceram o abandono das disputas territoriais e a independência da República Oriental do Uruguai, em 27 de agosto de 1828.

A partir dessa data, nascia uma nova mentalidade entre os povos brasileiro, uruguaio e argentino; e, dentro do Brasil, do povo rio-grandense.

A anexação do Uruguai era uma política do rei do Brasil, não aprovada pelo povo e nem por seus representantes na Câmara dos Deputados, pois o destino uruguaio da área fora definido pela fundação de Montevideú, em 1727, por crioulos argentinos.

Os comandantes gaúchos brasileiros, com a têmpera forjada em 148 anos de lutas, e preteridos em comandos pelo governo central, voltaram das guerras com o ideal de formar uma república federativa do Brasil; e de não mais aceitar a interferência do governo central em suas decisões, no que dizia respeito aos interesses dos estados.

Poucos anos antes da Independên-



cia do Brasil, Saint Hilaire já havia anotado a identidade cultural do povo rio-grandense, ao escrever que o Rio Grande do Sul era um verdadeiro acampamento em armas; e que no povo não se encontravam os traços de mansidão e de humildade das demais províncias. Impressionou-se com a independência da mulher no lar e na sociedade, coisas que também não havia nos habitantes das demais províncias do Brasil. Saint Hilaire nos deixou a convicção de que, antes da batalha do Passo do Rosário, a identidade cultural dos gaúchos brasileiros, uruguaios e argentinos estava definida.

E todos os demais viajantes estrangeiros que por aqui passaram anotaram a mesma coisa. Todos eles descreveram, com traços fortes, o tipo social gaúcho, único no mundo. E não só os estrangeiros. Dyonísio Cerqueira, anos depois, na guerra do Paraguai, extasiou-se diante do garbo do batalhão dos gaúchos. Negar a identidade cultural de hoje com o gaúcho de ontem, e afirmar que o gaúcho é um mito, é desconhecer as descrições que dele fizeram diferentes e insuspeitos cronistas da época. É pura opinião pessoal, sem embasamento histórico-social.

A Revolução Farroupilha sintetizou o caráter do povo rio-grandense em busca da democracia, nos primórdios da formação da nossa Pátria. Exemplo de civismo, na luta pelo ideal federativo democrático, não concluído.

Ainda hoje estamos lutando politicamente pelos mesmos motivos: a exagerada tributação, a isenção de impostos às custas do erário público estadual para beneficiar a balança comercial do Brasil, acordos internacionais favorecendo os nossos concorrentes, empobrecendo os nossos produtores, e o poder central sobrepondo-se aos interesses estaduais.

No aurorescer das sesmarias, a posse das terras conquistadas à Espanha foi concedida a militares de posse financeira, e capazes de sustentar milícias para a defesa. A consciência de defesa da terra infundiu, no espírito das pessoas mais simples, o amor cívico pelo Brasil. Que fique bem claro: eles lutavam pelo Brasil.

Os comandantes-proprietários, hoje pejorativamente chamados de latifundiários, serviam ao reino. Quem distribuía as sesmarias, em nome do Imperador, eram as comandâncias militares, encarregadas de garantir a defesa e a posse das terras conquistadas.

Este sistema social-militar é que

influenciou na formação do gaúcho e na tradição. Na realidade, o gaúcho esteve sempre a serviço da Pátria. Todos serviam a uma ou outra milícia, sob o comando de uma autoridade das Milícias, que foram substituídas pela Guarda Nacional. Gaúcho vagabundo? Discordo. Ele, durante toda a idade do couro, foi safrista, como hoje ainda o são os cortadores de cana e os colhedores de café e laranja.

Em 1870, ano em que terminou a Guerra do Paraguai, nasceu o capitão da Guarda Nacional, João Simões Lopes Neto. O menino João criou-se entre os veteranos dessa guerra, ouvindo-lhes os testemunhos do heroísmo e o garbo dos componentes da Guarda Nacional, magistralmente descritos pelo general Dyonísio Cerqueira, em sua obra **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Conheceu de perto o grande general Osório, laureado em tantas batalhas que, após a guerra, radicou-se em Pelotas, até sua morte, em 1879, no Rio de Janeiro, como Ministro da Guerra.

Quando, em 1892-1895, o Rio Grande do Sul pegou em armas novamente, numa luta fratricida e bárbara, Simões Lopes Neto alistou-se na Guarda Nacional. Após

a paz assinada em Pelotas pelos revolucionários, novamente a terra gaúcha foi submetida ao regime da força. Havia ressentimentos do povo gaúcho com o Governo central, e de veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, contra o bacharelismo dominante na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em decorrência do Regulamento de Ensino do Exército, de 1874.

Preocupado com a Educação Cívica do povo, J. Simões Lopes criticou a Guarda Nacional à qual pertencia. Criticou o bacharelismo no Exército Brasileiro imperante, que substituíra o profissionalismo militar. Bacharelismo que se mostrou incapaz de formar homens para a Defesa Nacional. J. Simões Lopes Neto pregava a volta do profissionalismo militar e a formação de reservas para o Exército. Assim lutou pela criação do Tiro de Guerra, em Pelotas (1903), o segundo do Brasil. Foi o seu comandante e formou a primeira turma. Iniciou uma série de conferências sobre Educação Cívica (1904), o que teve grande repercussão, sob o argumento:

“Nenhum povo pode ser grande sem o sentimento de amor a sua Pátria.

Nenhuma nação pode ser forte sem se apoiar no amor a ela,



dos seus filhos. Por isso, amar a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o maior estímulo dos cidadãos.”

A pregação de J. Simões Lopes Neto teve seus efeitos. Em 1905, a Escola Militar da Praia Vermelha foi fechada, pondo fim ao bacharelismo militar. No ano seguinte, foi reaberta no local do atual Colégio Militar de Porto Alegre, com o nome *Escola de Guerra*, voltada para o profissionalismo militar que, no tempo de Cezimbra Jaques, se chamava Escola Preparatória de Tática.

Exaltou as tradições cívicas do povo gaúcho, pelo muito que ele lutou para ser brasileiro, e pela qualidade dos comandos aqui existentes. E porque, em função da nossa mais problemática fronteira, tinha que ser na terra gaúcha a primeira escola de guerra do Brasil, aqui, no Rio Grande, segundo escreveu J. Simões Lopes Neto:

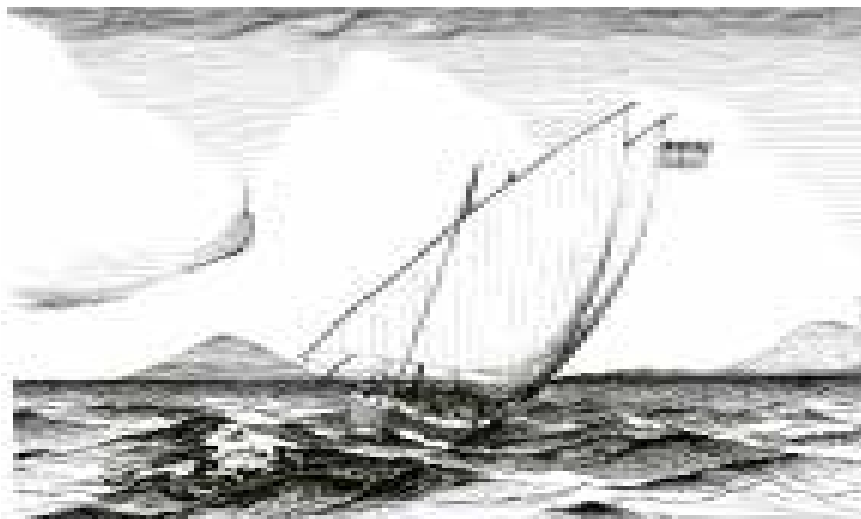
“... onde, a cada passo, em teu chão se acorda um eco, onde cada barranca de teus rios conhecem uma história, onde cada coxilha tua testemunhou um feito histórico, e onde os muros de cada cidade abrigam um acontecimento.”

Conviveu com o Príncipe dos Poetas, Olavo Bilac, outro grande patriota batalhador pela criação do serviço militar obrigatório, “para imprimir ao Exército feição com todas as características do povo brasileiro”. Olavo Bilac foi financiado em suas campanhas pelo senador Miguel Calmon, casado com a rica pelotense Alice da Porciúncula, segundo Pedro Calmon, que conviveu com o casal.

“Assim J. Simões Lopes Neto foi o pioneiro do ensino de Educação Cívica no Rio Grande do Sul e, possivelmente, no Brasil, antes que por ali passasse, dez anos depois, Olavo Bilac, que visitou seu túmulo e sobre ele colocou uma flor, numa reverência muda ao seu pioneirismo em defesa da Educação Cívica.”

Olavo Bilac nasceu também em 1865, e faleceu em 1918, dois anos após a morte de seu amigo e contemporâneo, irmão de letras e de civismo, J. Simões Lopes Neto. Este pregou a Educação Cívica “onze anos antes da atuação de Olavo Bilac em defesa da adoção do serviço militar obrigatório, do qual hoje é patrono”.

No Casarão da Várzea, antes que ali funcionasse a Escola de Guerra de Porto Alegre, lecionava o major Cezimbra Jaques, que foi o primeiro a praticar o culto às tradições gaúchas, razão de sua



consagração como patrono do MTG. Ali influenciou outros militares da Escola Militar e civis, e com eles fundou o primeiro centro de culto das tradições gaúchas, com o nome de Centro Gaúcho. Um ano depois, em 20 de setembro de 1899, seu amigo, capitão da Guarda Nacional, J. Simões Lopes Neto, fundou a União Gaúcha em Pelotas, hoje União Gaúcha J. Simões Lopes Neto.

Nos estatutos da União Gaúcha, ele introduziu o seguinte dispositivo:

“A União Cívica se compromete a acompanhar a propaganda, e a agir a bem da criação da Federação dos Tiros Brasileiros.”

Entusiasmado com as idéias de Lopes Neto, o marechal Hermes da Fonseca, filho de São Gabriel, empenhou-se na criação da Confederação do Tiro Brasileiro, tão necessário para exercitar jovens para a Defesa Nacional e formar reservas para o Exército, que não dispunha ainda do serviço militar obrigatório.

E foi com esse espírito que J. Simões Lopes Neto escreveu suas imorredouras obras literárias, **Contos Gauchescos** e **Lendas do Sul**, onde criou a figura de Blau Nunes, e onde cada conto é um exemplo do civismo gaúcho, do amor à pátria e às tradições do Rio Grande do Sul, de respeito à autoridade constituída.

Após J. Simões Lopes Neto, Olavo Bilac e Cezimbra Jaques, seguiu-se um período de instabilidade política perturbada por um quase permanente estado de sítio, até que um gaúcho da fronteira, encarnação das velhas cepas de caudilhos pampeanos, Getúlio Vargas, assumiu a Presidência do Brasil. Mas a democracia plena com ele não se estabeleceu. Com o Estado Novo, Vargas proibiu o culto às tradições estaduais, a pregação dos feitos de seus heróis e o uso de bandeiras estaduais. A validade

dessa medida é discutível. Necessita de um estudo mais aprofundado, pois no Brasil se digladiavam duas ideologias estremadas, o comunismo e o integralismo; e no mundo, o conflito nazifacismo x comunismo, ameaçando a democracia e a liberdade mundial, e exigindo um controle social e político mais efetivo, para o Brasil atravessar unido essa conjuntura, segundo análise do historiador C. Moreira Bento. Com a queda de Vargas, em 1945, foi retomada a democracia no Brasil. Em 1948, surgiu a personalidade do filósofo do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Barbosa Lessa, o qual, juntamente com o gigante das pesquisas dos usos e costumes do gaúcho, J. C. Paixão Cortes, com o suave poeta Glauco Saraiva, e com uma plêiade de estudiosos dos nossos heróicos antepassados, criou o atual Movimento Tradicionalista. Em 1954, Barbosa Lessa submeteu à apreciação o seu trabalho intelectual, **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Até hoje, todos nós seguimos fielmente os ideais desse grande mestre. Com Lessa, o MTG retirou-se dos quartéis onde nasceu, pois fora conquistado o serviço militar obrigatório em 1916. O MTG tornou-se independente e passou a habitar os galpões do Rio Grande, em rodas de fogo de chão, onde o mate-chimarrão tem mais sabor, e onde as portas estão abertas para repouso e abrigo dos andantes.

Nas invernadas das letras postou-se Edson Otto, cria do **Rodeio das Águas**, de Guilherme Schultz Filho. Cambona sobre as brasas, aquecendo a água do mate, cuja numa mão, lápis na outra, papel de embrulho sobre a tampa de uma caixa de latas de querosene, despachava chasques a todos os posteiros do MTG. Anos e anos Edson Otto alimentou o

guarda-fogo do galpão, com a chama das letras, faiscando idéias.

Mas ainda faltava uma cabeça a ser coroada pelo MTG. A de um grande historiador, de muitas décadas de batalhas e combates; biógrafo dos nossos heróis; idealizador, criador e presidente do Instituto de História e Tradições, por 16 anos, no sesquicentenário do combate de Seival, que ocorreu em 10 de Setembro. Ele foi criado em campo aberto, temperado com o sal da terra, e nutrido com a seiva que brota do chão. É Cláudio Moreira Bento, de Canguçu, “a magnífica dos cerros”, no dizer de Osório Santana Figueiredo, terra onde se desembainhou, na defesa do nosso chão, a maior espada do Rio Grande do Sul, que foi Rafael Pinto Bandeira.

Após tantos anos de silêncio oficial da Secretaria de Educação e do Ministério da Educação, tramita na Assembléia Legislativa o Projeto nº 31/2002, de autoria do deputado Manoel Maria, oficializando o ensino da História do Rio Grande do Sul, nas escolas.

Em especial, a vasta obra erudita de Moreira Bento, sobre a história do Rio Grande do Sul, deverá estar em todas as bibliotecas gaúchas, como fonte obrigatória de pesquisa e ensino.

É inaceitável o fato de que a biografia de Cláudio Moreira Bento, o maior biógrafo dos heróis gaúchos, não é ainda exigida nos concursos de Mais Prendada Prenda do MTG. As biografias dos nossos heróis, escritas por ele, estão à disposição no Arqui-

vo Público de Passo Fundo, e muitas outras, no Jornal Tradição, ao tempo do grande tradicionalista Edson Otto. Não existe nenhuma instituição tão democrática quanto o MTG.

Democracia, que foi defendida em nível mundial, com a vida de 21 gaúchos da FEB, é a expressão livre das nossas idéias, cada um das suas, sem conflitos; é a aceitação do contraditório; é o ponto de chegada e o ponto de partida de todas as idéias, e do consenso daí resultante.

Por ser um consenso de idéias, ela não tem ideologia. É dinâmica, e por ser dinâmica, vivendo e se adaptando a cada fase do progresso da humanidade, não se prende nem pode se prender a princípios ideológicos, nem a programas pré-estabelecidos.

É um aprendizado de atualização contínua. A idéia dominante da democracia é não ter idéias, e sim fundamentos a serem estudados e debatidos dentro do contexto atual, respeitando as tradições do povo e dos povos. Democracia é compreender a nossa pátria e a dos outros. É respeitar as diferenças.

A tradição é a raiz que nos prende ao solo, que alimenta a nossa identidade de alma, que nos torna únicos no mundo. É o direito de um povo de ser diferente e respeitar as diferenças. É o somatório dos atos cívicos dos nossos ascenden-

tes, dos atos que hoje praticamos, e do exemplo que deixamos aos nossos descendentes.

A tradição é o valor permanente de um povo, por isso se repete e, ao mesmo tempo, evolui. E, quanto mais um povo evolui, mais cultua suas tradições e mais se afasta de ideologias. Cuida dos atos que praticamos hoje, pois é a herança mais preciosa que deixará aos teus descendentes.

A tradição está para um povo como o perfume está para uma flor. Segundo o filósofo inglês, Chesterton, a tradição é a democracia dos mortos, pois os mortos se sentem eleitores, quando as tradições por eles criadas e respeitadas o são e serão também pelas gerações que os sucederem. Tradição é prática da Educação Cívica.

### Referências Bibliográficas

BENTO, C. M. **História da 3ª região militar 1807-1889 e antecedentes**. Porto Alegre: [s.n.], 1995. v.1, 323 p.

BENTO, C. M. **História da 3ª região militar 1889-1953**. Porto Alegre: [s.n.], 1995. v.2, 394 p.

BENTO, C. M. **O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual do Livro, 1976. 288 p. (Biênio da Colonização e Imigração, 5).

BENTO, C. M.; GIORGIS, L. E. C. **A educação cívica e o espírito militar na visão do capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto (1865-1916)**. Porto Alegre: Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul; Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Delegacia Gen. Rinaldo Pereira da Câmara, 2003. 16 p. (O Gaúcho, 19).



# Uma súbita parada

PAULO PRADO

eus meu, como o tempo passou!... Estava tão ab-sorto na vida que não vi os anos passarem. Primavera, invernos, frio, calor, dias e noites, passaram...

Como pude vir tão longe, viajar tanto e apenas agora perceber a real dimensão desta viagem. Distraí-me nos sabores, nos odo-res. Pulei penhascos, caí, levantei, machuquei-me, ri e chorei. Súbito, vejo-me aqui. No alto de uma fugaz existência, já na curva descendente da parábola.

Deus meu, como tenho a agradecer-te! Pelos erros que me perdoaste. Pelos descaminhos em que me perdi e Tu me alertaste, guiando-me no escuro. Pelos filhos que me deste por empréstimo e que brilham intensamente no santuário de meu lar. Deixaste-me ser PAI (do Pablo, do Allan e da Isis).

Obrigado pelos companheiros de jornada, na qual vamos levantando-nos mutuamente, nos constantes deslizes do existir. Por aqueles dois anjos que adentravam silenciosamente nas madrugadas de minha infância, e cobriam-me com seu amor. Pelos lindos dias cheios de sons, de brisas refrescantes, de aromas infinitos, de luzes indescritíveis. Por tudo que me concedeste sem que Te pedisse... não sabia de minha própria necessidade.

Deus meu, como tenho a agradecer-Te!

E se olhar para trás, até onde permite minha lembrança, vejo a luz de Tuas mãos sobre os meus trôpegos e incertos passos, no ensaio de mais uma existência.

Deus, como tenho a agradecer-

# Mensagem para ti

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Jamais estarás sozinha porque aonde quer que vás, aonde quer que estejas, alguém estará contigo.

Muito embora nem sempre caminhando na mesma direção, nem sempre trilhando os mesmos caminhos, nem sempre permanecendo nas mesmas colinas da vida alguém seguirá contigo.

Talvez não percebas porque muitos são os rostos que o mundo te apresenta. Muitos são os olhos que te vêem. Muitos são os que te acompanham. Milhares são os que te escutam as palavras. Mas, atrás dos que hoje tu consideras teus leais companheiros de ideal, existe um rosto mais ou menos familiar, tentando tornar-se visível para ti; existem olhos lacrimejantes de saudade tentando te enxergar; existem mãos diminutas, quase imperceptíveis, tentando te afagar; existem passos firmes e rápidos tentando te alcançar; existe uma voz terna e suave tentando te sussurrar algo que te toque no fundo o coração.

Alguém estará sempre batendo à porta da tua alma, do teu santuário sagrado, insistindo para entrar.

Não é Deus para dispor de ti e do teu destino, mas alguém que te ama suficientemente para te abençoar e desejar-te somente o bem.

Não é egoísta para te prender, porém é compreensivo para te dar liberdade de pensar e agir; não é autoritário para te exigir mudanças, todavia te aceita do jeito que realmente és, sem esperar nada em troca.

Não existe distância que te separe de alguém que estará eternamente ligado a ti, posto que és uma faísca dessa grande chama.

Um dia esse alguém que te ama muito foi apenas tua mãe. Hoje é mais um anjo na eternidade a velar por ti.



(ARQUIVO APL)

# Dois romancistas passo-fundenses

**PAULO MONTEIRO**

té meados do século XX, nos anos 40 e 50, encontramos apenas dois romancistas em Passo Fundo: Jurandyr Algarve, autor de um único romance, **Marta** (1947); e Jorge Edeth Cafruni, também com um único romance impresso, **Irapuã** (1955 e 1962).

A maioria dos escritores passo-fundenses não é de nativos, mas de pessoas que adotaram o município. É o caso de Cafruni e de Algarve. Este casou com uma passo-fundense, deixando gerações de descendentes que contribuem para a prosperidade de Passo Fundo.

Cada um deles escreveu um romance e ambos pertenceram à Academia Passo-Fundense de Letras.

Jurandyr Algarve nasceu em Laguna, Santa Catarina, no dia 13 de outubro de 1917. Veio muito moço para a Capital do Planalto, onde constituiu família, vindo a falecer a 13 de julho de 2001. Aqui, em 1947, sob o pseudônimo de Montclair, publicou **Marta** (romance brasileiro). O livro não traz local de impressão, nem tipografia. Pedro Vilas-Bôas, em **Notas de Bibliografia Sul-rio-grandense** (Editora A Nação-SEC, Porto Alegre, 1974), afirma que o livro foi publicado em Passo Fundo, na Tipografia de Izauro Rodrigues.

**Marta** é um folhetim, a começar pelo pseudônimo francês do Autor. Em exatas cem páginas é narrada a vida de Marta, filha de Arlete (uma costureira) e Olegário Gomes (militar aposentado e jogador compulsivo). Premida por um complexo de inferioridade social, a jovem não aceita casar-se com Raul, o narrador, um médico. Muda-se de Curitiba para São Paulo, com a mãe. São acolhidas por uma bondosa milionária (D. Iolanda) que morre, deixando-nas na miséria. Para garantir segurança à mãe, Marta aceita casar-se com Mário, também médico, e amigo de Raul.

O casal vai passar férias em Laguna, onde Raul está residindo; ali nasce Va-

léria. No hospital, Marta confessa seu amor por Raul e pede para ficar com ele. O marido flagra os dois de mãos dadas e em seguida retorna com a esposa e a menina à paulicéia. Logo partem para a Europa, onde ele vai especializar-se, antes de se descobrir um testamento da bondosa Iolanda, deixando uma fazenda em Cruz Alta para suas protegidas.

Mário retorna da Europa com o sistema nervoso completamente abalado, contando que a mulher falecera na Polônia, onde ficara sepultada.

Dezesseis anos depois, completamente mudada, Marta aparece em Vacaria, onde Raul se encontrava, contando que o marido, enciumado, a deixara abandonada na Polônia. Pede ajuda para encontrar a filha. É auxiliada e vai para São Paulo, onde assiste, à distância, o casamento de Valéria. Ninguém a reconhece.

Adoentado, Raul vai para São Paulo. Mário, que poderia salvá-lo, acaba matando o rival. Valéria encontra-se com a mãe, que leva para morar em sua casa, onde o pai já está abrigado. Marta e Mário se encontram. Ela tem uma hemoptise e morre. Mário desaparece para sempre.

O romance de Jurandyr Algarve tem todas as características do clássico folhetim: a luta entre o bem e o mal, a fatalidade, a multiplicidade de cenários (Curitiba, São Paulo, Laguna, a Fazenda Fortaleza, em Cruz Alta, Europa, Vacaria...), o amor infiel (ainda que platônico), o amor que tudo sacrifica (Marta e Arlete), o amor bandido, a vilania (representada em Mário) e o final vingadoramente trágico do vilão.

Apesar de ter escrito este único romance, Jurandyr Algarve deixou seu nome inscrito entre os ficcionistas da terra adotiva.

Outro passo-fundense por opção foi Jorge Edeth Cafruni, que legou uma obra mais vasta e multiforme. Poeta, historiador e romancista, nasceu em Porto Alegre, no dia 8 de agosto de 1913. Exerceu diversas profissões: mascate, auxiliar de farmácia, barbeiro, representante comercial, jornalista e bancário.



Seu romance IRAPUÃ teve duas edições. A primeira, em 1955 (Tipo-Lito-Fabril, Passo Fundo); e a segunda, em 1962 (Edições Dispal, Passo Fundo). Foi o primeiro romance que li na minha vida, assim que aprendi a ler. Cafruni soube usar a mídia da época, especialmente o jornal **O Nacional** e as rádios Passo Fundo e Municipal, para divulgar seu livro. Lembro-me que, levado por essa propaganda, meu pai comprou e leu o livro que foi lido e relido por mim.

A história se passa entre 1612 e 1651, durante a ocupação francesa do Nordeste brasileiro, narrando as lutas entre os tabajaras, moradores do interior, na Chapada de Ibiapaba, na divisa do Ceará com o Piauí, e os potiguaras, indígenas litorâneos, aliados dos invasores franceses.

Irapuã era filho de Ubiratã, líder da nação tabajara. Era para chamar-se Tupacininga, o raio, mas Juruetê, o pajé, profetizou que o menino traria grandes desgraças. Por isso, passou a chamar-se Irapuã, abelha que produz mel ruim; e foi criado junto às mulheres, para não ser guerreiro.

Por esse fato, sua mãe, Aracati, era humilhada. Aos quinze anos, o filho foi mandado por ela para a tribo de seu tio Acangatu, onde aprendeu a arte de usar as armas de guerra, com seu primo Itamiri.

Mais tarde retornou a sua taba, onde continuou acompanhando as mulheres em seus trabalhos domésticos e de lavoura.

Certa feita, antes que os guerreiros conseguissem caçar uma temível cangu-

çu, ele abateu a fera, e acabou matando o filho do cacique dos juris, uma tribo tabajara. Foi condenado à morte. Solto por sua mãe, fugiu, mas retornou trazendo como prisioneiro Ataguer, irmão de Camaragibe, o tuxaua potiguar que, com seus aliados brancos, ia atacar os tabajaras para tomar as esmeraldas que eles costumavam usar como botoques.

Voltou à aldeia com o prisioneiro, sendo julgado e absolvido. Os tabajaras foram atacados. E Ataguer foi solto pela índia Coema. Tentando matar Irapuã, que permaneceu perto das mulheres, feriu Aracati. Indignado, Irapuã empunhou o tacape e destacou-se na batalha que termina com a fuga dos atacantes.

Ferido por um tiro disparado pelo comandante francês, Ubiratan renuncia e Irapuã prepara o revide aos inimigos. Descem para o litoral reforçados por outras tribos e atacam os potiguaras e seus aliados brancos. Apaixona-se por Maniú, irmã de Camaragibe, que é orientada pelo pajé de sua nação a atraí-lo a uma emboscada. É preso e conduzido à taba litorânea. Maniú é indicada para executá-lo, mas não consegue. Deixa cair a clava, revelando sua paixão e, incontinenti, é morta por seu próprio irmão.

Os tabajaras atacam. Na confusão, Caititi, que é apaixonada por ele, sem a devida correspondência, entra na taba inimiga e o liberta. Na fuga, para protegê-lo, é morta. A batalha é terrível. Ao final restam vivos apenas o chefe branco e outro soldado francês, além dos tabajaras Irapuã, Japiáçu e Ubiratã. Na perseguição aos maires, o herói pára diante da rede mortuária de Maniú. É flechado pelo próprio pai indignado com a atitude do filho.

Japiáçu abate o soldado francês e é posto fora de combate pelo chefe maire. Este, mata Ubiratã e tenta fugir para uma embarcação com uma carga de esmeraldas.

Japiáçu sobrevive para contar a história, que termina assim:

“Abatinga, o estrangeiro, soltou conculsa gargalhada. Era o único lidador, entre a infinidade de Maires, Potiguaras e Tabajaras que ainda se mantinham de pé, depois da duradoura peleja.

“Tomou, então, do fardo do outro, contido numa rede, e, com esforço, levou às costas.

“Japiáçu tinha o ombro quebrado e as suas forças esvaíam-se com o sangue que borbotava, ruidoso, do ferimento. Viu o Maire afastar-se, dobrado ao peso

da carga, rumando para a igaraçu, à margem do rio.

“Japiáçu tentou soerguer-se, mas resvalou no próprio sangue; chorou então, como se fora mulher e não guerreiro.

“Nisto, Irapuã, prostrado em terra, alçou vagaroso a fronte empoeirada.

“Seus olhos eram dois brasidos, quase extintos, que reavivavam. Os dedos tateantes procuraram o rijo arco e a dura seta.

“Ajoelhou-se: um fio sangrento escorria-lhe do peito, sob a haste encravada. Seus membros musculosos tremiam e sua boca, entreaberta, resfolegava, quando, com esforço, se apurou nos pés.

“E cambaleava, quando dirigiu suas armas para o estrangeiro, que já transpunha a passagem da caiçara que olhava para a alva praia.

“- Jurupari, empresta-me a tua força! – clamou.

“Estirou, arquejante, a fina corda. A flecha sibilou por sobre ruínas e cadáveres, espetando, com estalo, no crânio do Maire que, lançado para diante, foi estatelar-se no pó, à saída da aldeia.

“A carga tombou, a rede soltou-se, e as pedras verdes de Jurupari esparramaram-se, cascalhantes, sobre as nódoas de sangue de Tabajaras e Potiguaras.

“Irapuã sorriu.

“Apoiou-se, então, no grande arco de braúna, mas logo rodou caindo em terra.

“Assim, morreu Irapuã, o guardião dos Tabajaras.” (sic).

Sabino Santos, em seu livro, **Os Imortais de Passo Fundo** (Instituto Social Padre Berthier, s/d, 1963), conta que o primeiro livro que Cafruni leu, “aos 13 anos de idade, foi “Iracema”, de José de Alencar, que lhe causou profunda impressão”. Como se vê, a impressão foi tamanha a ponto de situar seu romance indianista no estado natal de Alencar.

“Assim como Walter Scott fascinou a imaginação da Europa com seus castelos e cavaleiros – escreveu Antônio Cândido, no ano de 1964, em sua **Formação da Literatura Brasileira**, 2º. volume, 5 ed., Editora Itatiaia, da Universidade de São Paulo, 1975, p. 224 -, Alencar fixou um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira: o do índio ideal, elaborado por Gonçalves Dias, mas lançado por ele na própria vida quotidiana. As Iracemas, Jacis, Ubiratãs, Ubirajaras, Aracis, Peris, que todos os anos, há quase um século, vão semeando em batistérios e registros civis a “mentira gentil” do indianismo, traduzem a von-

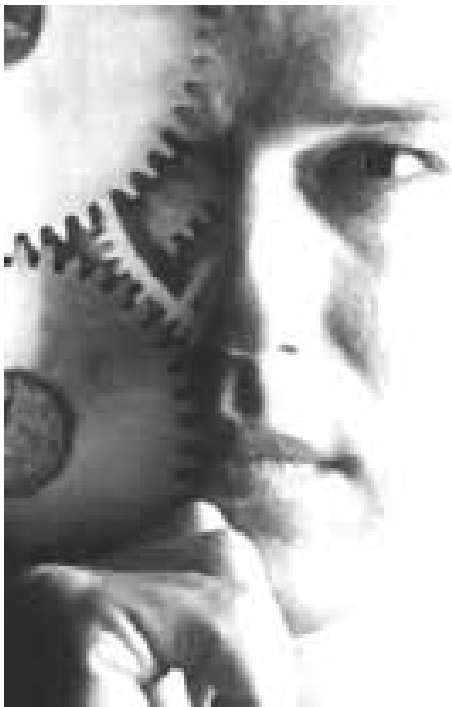


tade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção, que dá a um país de mestiços o álibi duma raça heróica e, a uma nação de história curta, a profundidade do tempo lendário”. (sic).

Podemos, pois, concluir que nossos dois romancistas, escrevendo ao redor de 1950, literariamente falando, pertencem a um século antes. Jurandyr Algarve reproduz o folhetim, difundido por Eugène Sue, Scribe, Féval e Alexandre Dumas (pai), por volta de 1830 ;e Jorge Edeth Cafruni continua o indianismo, a maneira do José de Alencar de 1857, seguindo a trilha aberta anos antes por Walter Scott e Chateaubriand. E é exatamente esse atraso literário o maior responsável para que os romancistas passo-fundenses não alcançassem repercussão fora do município. Eram homens do século XX, escrevendo no estilo do século XIX.

Apesar de suas limitações, tanto **Irapuã** quanto **Marta** merecem ser lidos e estudados, porque representam o que foi realmente produzido em Passo Fundo, naquele período. Cabe aos escritores pósteros, escreverem trabalhos melhores, superarem os escritores do passado, produzindo obras que insiram as letras passo-fundenses nas literaturas gaúcha e brasileira.

(Paulo Monteiro exerce o jornalismo literário há 29 anos. Pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, Cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis; e a



# Educação para todos

**SANTINA R. DAL PAZ**

uma sociedade em rapidíssima transformação como a nossa, diminui cada vez mais a força da educação espontânea e cresce a educação intencional, no âmbito urbano ou rural. Os pais são obrigados pela conjuntura a deixar para a escola a adaptação social do filho, ou por serem deficientes econômicos, ou deficientes morais” (Gabriel Chalita).

Situações básicas são relegadas à escola. Escola sobrecarregada. Este filho, ou este aluno, não encontra apoio de muitos pais para freqüentar a escola e, por outro lado, o mesmo aluno não é incentivado por muitas escolas, para que nelas permaneça.

A realidade mostra que não há propostas sérias e consistentes, por parte do governo, para que haja uma mudança no setor educacional. A sua política educacional não é atrativa. É relegada a segundo plano. No entanto, o aluno deve estar motivado para estudar e para gostar da escola. De quem é a tarefa? ... E para que isso aconteça são necessários atrativos no esporte, nas aulas participativas, no esforço conjugado entre professor e aluno, na criatividade, na harmonia para o bem-viver, nas culturas atraentes. Com isso se poderá despertar no aluno a consciência da importância de tudo o que está sendo oferecido para a sua formação. Tendo um objetivo comum, estudar só causará muita alegria e satisfação.

Em nosso país, a educação apresenta

duas faces: a educação para a maioria da população é sofrida, é deficiente, não há investimentos, não há atenção. Mas, se analisamos a outra face, vemos excelentes referências, e até modelos de escolas particulares, com altas mensalidades, de que só a minoria da população consegue se beneficiar. Seu investimento no profissional da educação é muito bom. Sua estrutura física (escola) é muito bem apresentada, bem equipada; é oferecido o material necessário ao bom funcionamento das aulas, o desenvolvimento da aula é um agradável convívio. Apresentam propostas pedagógicas bem direcionadas, quadras de esporte, biblioteca, investem em tecnologia. Naturalmente, o aproveitamento do aluno que já sabe o que quer será muito bom ou até excelente.

Onde a sociedade é organizada, fornecendo ajuda e assumindo compromissos, a escola, mesmo a pública, é capaz de produzir muitos frutos positivos, na formação dos alunos. Não precisa tanto aparato tecnológico, se a profunda doação e o comprometimento estiverem presentes em todos os professores e no conselho da escola, nos pais e na sociedade que a acolhe. Se pudermos formar pessoas críticas e conscientes do seu papel na sociedade em que vivem, aí sim, podemos dizer que o dever foi cumprido.

A aprendizagem ultrapassa o domínio do ensino. O processo de aprendizagem deve ser permanente. É a harmonia de professor e aluno que faz com que se realize a educação, sem o atralhalho de conteúdos distantes da realidade e de forma autoritária.

Há escolas que não podem oferecer muito ou oferecem quase nada, a não ser os instrumentos básicos. Sem recursos de toda ordem, sem metodologia, e em conseqüência dessa situação, aparece um outro sério problema, que é a evasão escolar. Devido à falta de estímulos, o aluno toma a iniciativa de não comparecer mais à aula.

A educação é desigual em todo o país e, em geral, ela é precária em todos os sentidos. Acompanha a deficiência da

situação econômica do brasileiro, da saúde, da moradia.

A defasagem salarial do professor é gritante. Alguns dos salários mais baixos estão na área da educação. O professor que deseja a sua realização como educador tem que procurar, no mínimo, outra fonte de renda para ajudar, caso contrário, não pode adquirir nem livros nem revistas, como subsídio para o seu trabalho. Não há valorização do profissional, o que ele investe em sua formação não tem retorno imediato, não estimula.

Observamos já há muito tempo que, em época de eleições, nos discursos e nas promessas dos candidatos ao poder político, a bandeira de campanha é a “educação”, mas como a memória é curta e a palavra empenhada não é honrada, ficamos apenas com a esperança de dias melhores.

Se nossos governos não investirem em educação, realmente não haverá transformação e o povo estará cada vez mais distante de termos cidadãos conscientes, aptos a desenvolverem a liderança participativa e serem verdadeiros. Pois, para que servem repetidores de idéias alheias sem capacidade de terem seu próprio pensamento?

O professor não será substituído pelo computador, pela internet e outros meios eletrônicos, mas ele terá sim de “mudar seu foco de atuação, passando de mero facilitador do processo de transmissão do conhecimento para um interventor, um problematizador”.

O Brasil enfrenta uma crise de grandes proporções, mas temos condições de reverter este quadro. Unindo nossas forças, por pequena que seja a ação de cada um, valerá a pena. Os simples gestos agradam e surtem efeitos milagrosos. Vamos amar o nosso próximo, que o amor remove montanhas. Então o que nos falta? O aluno tem que ser amado, respeitado, valorizado... E o professor também! Queremos que nosso sonho se torne realidade e que, em curto espaço de tempo, possamos acreditar na educação para todos.



# O Estado e o cidadão

**CARLOS ALCEU MACHADO**

swald Spengler, em sua polêmica obra, *A Decadência do Ocidente*, expendeu considerações que, relidas hoje, à luz contemporânea, adquirem relevo mais contundente e fazem lembrar, por certo, as teses de Emile Durkheim.

O homem comum da atualidade não é mais *l'homme moyen sensuel*, da Bela Époque. Esmagado pela sociedade, alienado do seu passado e de si mesmo, padronizado pela *mass culture* e, finalmente, trivializado, segundo o lapidar conceito de Edward Shils, sofre ele em escala ecumênica os efeitos da antítese entre o particular e o coletivo.

Foi, sem dúvida, a partir de Taine que o fenômeno multidão passou ao domínio da filosofia e da sociobiologia, com nítido sentido político e econômico. A multidão, a massa, e não mais os segmentos isolados da coletividade, é o que agora conta. Foi essa transmutação do quadro vivencial que levou Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, George Simmel e outros autores de inconcussa proeminência, a rever a sociedade puramente acadêmica das idéias e do conhecimento, dando ênfase especial ao chamado *group mind*, seguindo padrões estimativos peculiares.

O impetuoso surto fabril - com o conseqüente exaltamento do poder da máquina, o desenvolvimento científico, o gigantismo das metrópoles e o neomercantilismo, fulcro de novo e revolu-

cionário pensamento empresarial - criou circunstâncias favoráveis ao advento do homem parkiano: atomizado, perdido no dramático contexto formal do mundo objetivo exterior.

A moderna sociedade de massa teve também em Herbert Blumer um intérprete atilado e sua *Collective Behavior* constitui excelente guia para a compreensão do *status* universal imperante.

Neste início do século XXI, somos todos, de uma forma ou de outra, os *macacos nus* da apóstrofe de Desmond Morris, notadamente quando, numa visão retrospectiva, senão dramática, pelo menos pungente, recapitulamos os sinuosos caminhos da humanidade de após-guerra. Na década de 60, por exemplo, a intitulada *pop art* já prefigurava a diluição irremediável dos valores éticos consagrados, no rastro das teorias inovadoras difundidas sob rótulos diversos: existencialismo, neocriticismo, etc.

Pode-se dizer que o *homo faber* frankliniano é, com sintomática frequência, na moderna sociedade industrial, acumuladora de tensões, o *homo agressivus* de Konrad Lorenz.

Estará verdadeiramente morto o liberalismo autêntico, aquele pregado por Rousseau e por todos os porta-vozes do enciclopedismo antropocêntrico? Em tese, pelo menos, subsiste a validade do velho princípio normativo: o Estado deve existir em função do cidadão e não este em função dos escalões dirigentes.

A equação dualística cidadão/Estado é perturbador desafio do nosso tempo,

contaminado pelo vírus reformista. A realidade brasileira, vista globalmente, sem o esquematismo simplista dos observadores apressados, acusa desde logo um parâmetro significativo: o crescente espírito participativo das chamadas classes trabalhadoras, cada vez mais infensas à ação partidária do tipo logomáquico tradicional.

Sejam quais forem, porém, as divergências que a análise dessa realidade pode legitimamente suscitar, o fato irrecusável por excelência é o novo acervo de lutas e reivindicações, que se incorpora ao cenário político do país. Esse fato ganha proporções à medida que se discute a atual conjuntura nacional.

Vive o Brasil - e não há como negá-lo - um transe econômico crítico, e a atenção de todas as camadas da população está maciçamente voltada para as transformações substanciais que a Nação exige. Essas transformações, todas urgentes, inadiáveis, deverão ser implementadas, ao menos parcialmente, pelo atual governo, para acudir os milhões de brasileiros que se situam na intolerável faixa da miséria explícita, e da pobreza crônica sem horizontes.

O Estado exclusivamente legal, fechado dentro do próprio mecanismo jurídico, precisa evoluir, paulatinamente, para o Estado social, humanístico, solidário, a fim de que a trilogia Liberdade - Igualdade - Fraternidade não continue a ser mero e estafado truísmo.

*tania*

*tania*

*tania*

*tania*



# Violetas da Paixão

**RICARDO JOSÉ STOLFO**

autora deste livro de poemas, Helena Rotta de Camargo, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, emérita educadora, exerceu múltiplas funções em nosso meio e, ao mesmo tempo, guardou alguns momentos para sua criação literária, de modo especial para a poesia.

**Violetas da Paixão**, obra com fortes traços definidos, ora no sentido pessoal quanto no aspecto poético, é parte integrante da **Trilogia da Esperança**, que condensa e espelha, de certa forma, o *rumo de vida*, profundamente tocada por circunstâncias humanas, algumas dramáticas e, ao mesmo tempo, de momentos artísticos de sublimação.

Por mais que a poetisa queira

se ocultar por trás das palavras e das metáforas, o seu *ego* ressuma marcante no curso dos poemas. Desde o primeiro, sob o título **Navegar**, há a afirmação incontida de semear, de pronto, um rastro, o da *escuna da esperança*, cujo valor, a par de outros disseminados por diante, lhe sustenta o sentido de sua trajetória terrena.

Seu espírito é forte como a *vela içada/o leme a prumo*. Assim, segue altaneira, embora a *diáspora* ou os *ensores da consciência*.

Não obstante a presença de adversidades, não se ilude de sua condição e aceita o quinhão que lhe cabe. Consciente afirma:

*O teu naco de dor  
ninguém comerá por ti.*

**(Surrealismo)**

Todavia, percebe que não se basta a si mesma, ainda que auxiliada da

bagagem de princípios nobres. O semelhante passa a ser um amigo na caminhada, amigo que, igualmente, se debate em dilemas na viagem existencial.

A vida, no entanto, deve prosseguir, sua alma intrépida elevar-se e vencer a tudo. Para superar os momentâneos percalços e tropeços que o desígnio oferece, lança mão do recurso poético:

*Versos...*

*gravetos d'alma  
deslizando na enxurrada  
com a sutileza*

*dos barcos de papel. (Versos).*

A poesia passa a ser agora para ela uma necessidade, quiçá, alimento cotidiano, que se transforma em alento, lenitivo, e razão de viver como forma constante de dignificação de suas vivências e pesares.

Concomitante, sua fê se reacende e ilumina o cenário:

*Deus faz assim com a alma.*

*Martela.*

*Prensa.*

*Amassa. (Analogia).*

E, como a evocar paragens mais amenas, amplia o seu olhar para outra dimensão, na certeza de que alguém melhor a acompanha:

*Anjos passeiam*

*pelelo firmamento. (Pelos Calçadas do Céu).*

Sua visão pessoal e sua visão do mundo se sintetiza numa incerteza cruel:

*A felicidade*

*é uma alegoria. (A (in)felicidade)*

Sente-se, apesar de tais experiências vitais, uma madura **“Beatitude”** e nota-se que seu curso humano rendeu dividendos, pois:

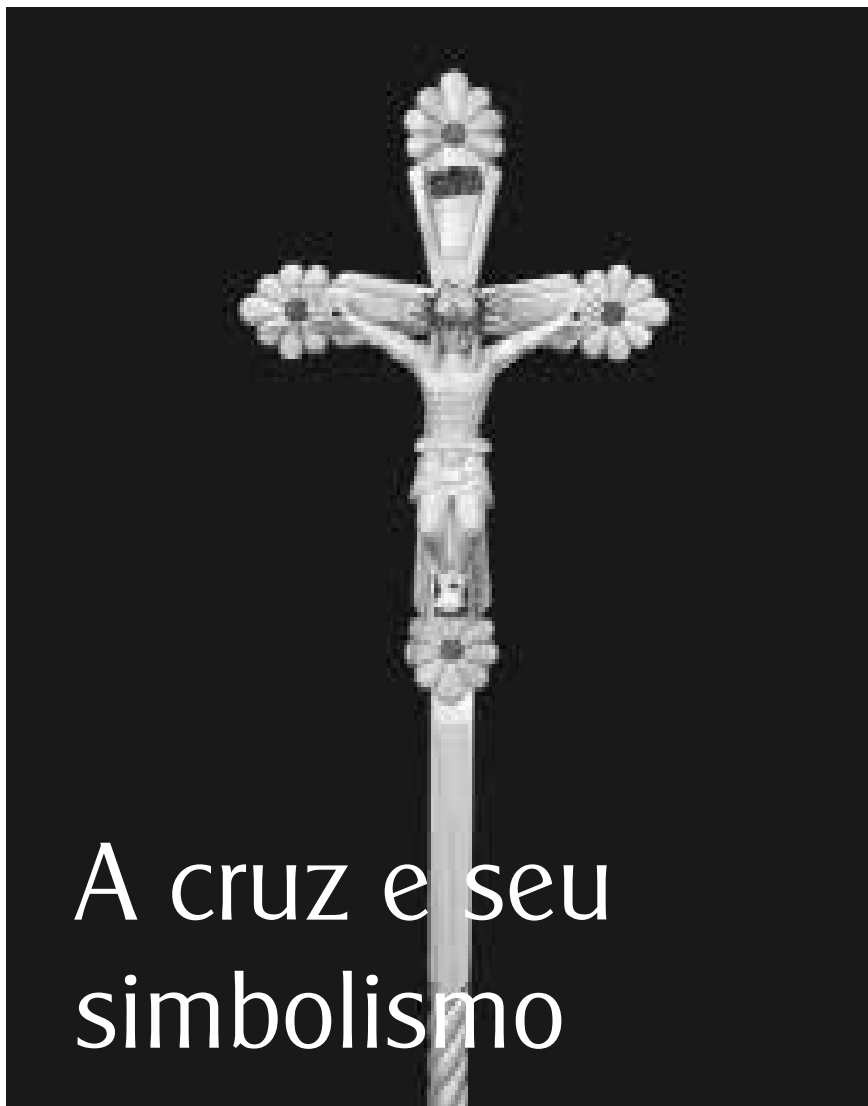
*Abarrotado de grãos*

*o cacho despensa da árvore.*

Como a ressaltar sua colheita na **velhice**, prova que ainda conserva presente *No tálamo do tempo/ um sonho esgarçado*.

Helena descobre, tranqüila e sagaz, que jamais desdenhou da esperança, do sonho, da sua amada poesia, fiel companheira de sua travessia, e, disposta e firme *se lança outra vez ao mar*.

A obra está, certamente, dominada pela sinceridade, sem revolta ou impropérios. E tem uma derradeira receita: É possível amar a *argila difusa e mole*, quando se empresta a ela a *forma do sonho (Acolhida)*.



# A cruz e seu simbolismo

**GETULIO VARGAS ZAUZA**

reio que quase toda a humanidade tem uma representação da cruz como um objeto de suplício. Isso se deve ao fato de ter sido usada com essa finalidade, pelo menos tanto quanto eu sei, pelos romanos. Mas essa prática não teria passado de uma referência insignificante no relato histórico, sem provocar maior impressão nas consciências do que outros instrumentos de tortura usados durante a assim denominada “Santa Inquisição”; e teria sido esquecida ou ignorada pela humanidade posterior, não fosse o fato da crucificação de Jesus Cristo.

Naturalmente, a crucificação em si não teve, para o povo daquela época, outro sentido senão o de suplício, exceto talvez para os discípulos e mais uns poucos, cuja consciência já havia evoluído tanto a ponto de conhecerem o significado esotérico da cruz e da crucificação do Messias.

Foi devido a esse fato que a cruz

passou a ter um simbolismo apenas de instrumento de suplício, de sofrimento.

Na verdade, o significado da cruz é outro. Para quem tem acesso ao sentido oculto de qualquer fato ou fenômeno, em qualquer campo do saber, a compreensão é bem outra do que é para aquele que não tem acesso à causa do fenômeno. Senão, vejamos. Certa vez, achava-me eu junto a colegas de trabalho durante a hora do descanso. Como eles sabiam-me formado em História Natural (curso que atualmente está desdobrado em Ciências Biológicas e Geologia), inquiriram-me sobre a questão dos movimentos de rotação, translação e liberação da Terra em relação ao Sol.

Após uma circunstanciada explicação sobre os fatos reais e aparentes, como o aparente caminho do Sol, todos ficaram de acordo com ela, menos um dos colegas de repartição (o encarregado da limpeza), semi-alfabetizado, que me saiu com esta: “Doutor, isso que o senhor falou eu achei muito bonito, mas não acredito, pois eu vejo é o Sol andar!”. E assim, tantos e tantos fatos do

mesmo gênero ocorrem comigo.

Voltando ao núcleo do tema, devo dizer que o verdadeiro significado da cruz e da crucificação é a libertação. Libertação, não no sentido do fato material, mas do espiritual.

Quando se tem algum conhecimento sobre a evolução da humanidade e do planeta Terra, sabe-se que os fatos não aconteceram bem como os representam a ciência e a religião. Muito antes do que a ciência pode decifrar - a história e as escrituras sagradas registram -, houve acontecimentos que somente são acessíveis a uma consciência modificada com rigorosa metodologia.

Para tal consciência é possível saber que o homem (ser humano), até um determinado momento da evolução, era dotado apenas de três membros em sua composição: corpo físico (mineral); forças plasmadoras (tornam a matéria um ser vivo); organização de sensações e sentimentos (dá origem à vida anímica, à psique).

Até aí o homem (ser humano) ainda não havia adotado a postura ereta. Sua postura assemelhava-se à dos antropóides, cuja coluna vertebral tendia mais para a linha horizontal. Nessa condição, se assim permanecesse, ficaria um ser completamente sujeito às leis da Natureza, como os seres animais, sem ter uma consciência de si mesmo.

É interessante observar que o primeiro investigador científico da alma humana, Sigmund Freud, ao criar sua técnica de tratamento das neuroses, escolheu a postura horizontal para o paciente. Isto porque, nessa postura da coluna vertebral, predomina a vida de sentimentos, reduzindo significativamente a capacidade de raciocínio e julgamento. O paciente fica mais ou menos dominado pela vida de sentimento, tendo sua liberdade de escolha sensivelmente diminuída.

Antes de o homem (ser humano) adotar a postura vertical da coluna vertebral, ele não tinha condição de receber o quarto membro de sua organização, o EU, e desenvolver, a partir desse momento, uma autoconsciência, ou seja, a consciência de si mesmo como uma individualidade autônoma.

Somente a partir desse momento evolutivo é que o homem começou a desenvolver a faculdade de pensar. Esse é o momento em que a humanidade toda, não somente um casal, deixou de viver uma vida paradisíaca, aquela em que ele ainda não possuía a capacidade de discernimento, isto é, não era capaz de

discernir entre o bem e o mal.

Essa capacidade, como também a de reconhecer a verdade, não existia antes que o EU lhe fosse, por assim dizer, inoculado nos três membros anteriores.

Como a faculdade de pensar, a qual vem-se desenvolvendo lentamente, também paulatinamente se desenvolve a capacidade de reconhecer a verdade e, por conseguinte, de decidir pelo verdadeiro ou pelo falso. Desenvolve-se daí em diante, primeiro o livre arbítrio, depois a liberdade.

No Novo Testamento há uma passagem, em que Jesus Cristo diz: “A verdade nos tornará livres”.

Ora, para conhecer a verdade é necessária a faculdade de pensar. E essa só

existe porque o homem possui o EU. O Eu só pôde ingressar nos três membros anteriores, porque o homem adotou a postura vertical.

Quando o consideramos na postura vertical, com os braços abertos na horizontal, temos uma cruz. Se considerarmos que essa cruz é um corpo físico, dotado de forças de vida e de sentimento (alma, psique), perceberemos que o membro superior (Eu, espírito) teve que ingressar nessa cruz e carregá-la como Cristo (que é o EU cósmico). Esse, por sua vez, ingressou no corpo de Jesus, tendo que ser pregado na cruz, para daí libertar-se e libertar a humanidade.

Nesses fatos todos, que são na verdade uma parábola, está a revelação do mistério da cruz. O eu humano teve que ingressar na cruz do corpo material para poder realizar a libertação da alma.

Na cruz, os braços (horizontais) representam a vida anímica (vida de sentimento) destituída do poder de reconhecer a verdade. Na coluna vertebral está representado o EU (espírito propriamente dito) que dá ao homem a faculdade de pensar, reconhecer a verdade, discernir entre falso e verdadeiro, entre bem e mal e, livremente, decidir qual deles seguir.

Naturalmente, a humanidade ainda não atingiu a plena capacidade de reconhecimento, mas a consciência hojena se encontra bem mais perto de realizá-la, e então, na medida em que essa capacidade vai sendo desenvolvida, a humanidade desenvolve também a sua libertação, pois talvez a missão maior do ser humano seja criar a LIBERDADE. Assim estará cada vez mais livre de injunções exteriores, de normas e ameaças de castigo impostas por alguma divindade ou por outros homens. E poderá decidir pelo BEM, orientando-se por uma ética verdadeira, haurida da sua fonte original, do mundo espiritual.

## Poesia

### Poema das mãos

RICARDO JOSÉ STOLFO



Eu tenho o tempo nas mãos  
Eu tenho a vida nas mãos  
Eu tenho o desejo,  
a claridade, o medo  
Nas minhas limitadas mãos.

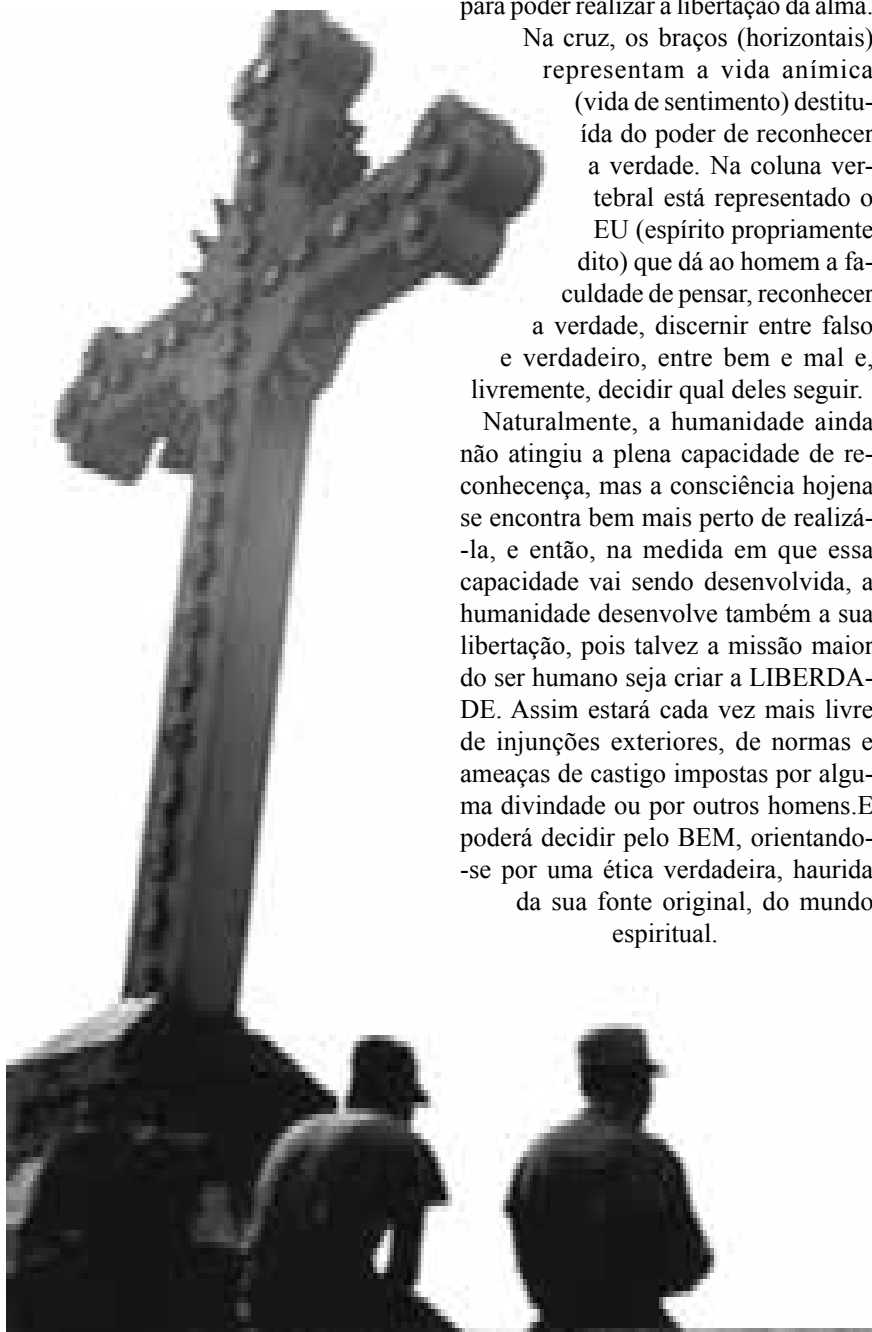
Mas o tempo não me pertence  
A vida não me pertence  
Nada hoje me pertence  
Minhas mãos estão feridas,  
quebradas.  
E, tudo, são fragilidades!

Amanhã,  
se é que haverá outra manhã,  
Com minhas mãos  
difundirei sonhos  
E múltiplas flores às crianças  
Pois elas aceitarão  
os meus acenos  
Derramarei afeto nas  
almas doloridas  
No temor hiper do irmão!

Então, amanhã minhas mãos estarão  
novamente completas, limpas  
para enxugar os olhos amargurados  
para saciar doidamente  
os corações despedaçados e vazios!

A sombra, o ódio, a desesperança  
Subitamente  
cederão ao impacto do claro dia  
Para a colheita  
e o canto dos homens livres.

Oh! as mãos gêmeas e livres!



# Adeus ao compositor e regente Carino Corso

ANTÔNIO AUGUSTO  
MEIRELLES DUARTE

Ítima de um mal súbito, veio a falecer, na madrugada de um sábado (12/07/2003), o conhecido e conceituado musicista, regente e compositor, Carino Corso. Com a idade de 86 anos, continuava sempre presente à frente dos corais da catedral e do Ricordi d'Itália, ambos por ele criados e regidos até os últimos dias de sua preciosa existência. Casado com a senhora Gladis Schell, em 1968, deixa apenas uma filha, a dra. Carina Schell Corso, odontóloga aqui residente.

## O sacerdote e músico

Carino Corso foi sacerdote, tendo sido ordenado em 1942. Em seguida passou a exercer suas atividades sacerdotais, por 10 anos, em Getúlio Vargas. Transferido para Erechim, lá construiu, em três anos, o seminário até hoje existente. Foi para Tapejara, fundou um grande coral, como já havia feito em Getúlio Vargas e Erechim. No centenário de Passo Fundo, em 1957, organizou um coral com 175 integrantes.

Em 1961, veio para Passo Fundo com a responsabilidade de reformar a catedral, e terminou criando um grande coral misto. Depois de ter trabalhado em Itatiba do Sul, em 1968, deixou suas atividades sacerdotais.

Além de todos os corais que criou por onde passou como sacerdote, Carino conseguiu, em 1967, concluir o curso superior de Música. É autor do símbolo da Universidade de Passo Fundo, que data de 1970.

## As homenagens

Por ser Carino membro da Academia Passo-Fundense de Letras, o presidente, Antônio Augusto Meirelles Duarte, pôs à disposição da sua família a sede da entidade, onde o corpo foi velado até a manhã de domingo, quando foi trasladado para a catedral para uma missa de corpo presente, às 9 horas. Na Academia, foi homenageado pelo presidente



Carino Corso numa de suas últimas participações nas atividades da Academia (4º da esquerda para a direita)

Meirelles Duarte, que falou em nome de todos os acadêmicos.

Os corais, da catedral, Ricordi d'Itália e também da Igreja Metodista prestaram tocantes homenagens, com a interpretação de várias composições, algumas até de autoria do próprio Carino Corso. Na oportunidade, em nome dos corais, falou a professora e regente Terezinha Braz, com muita emoção, relatando passagens que marcaram muito a vida do regente Corso.

Na catedral, novas homenagens foram prestadas, sendo a missa cantada em italiano, com composições todas de autoria de Carino Corso. Após a celebração, foi levado à sepultura no cemitério da Vila Vera Cruz, com grande acompanhamento.

## Meus dez anos de coroinha do então Padre Carino Corso

A vida de cada um é feita por etapas. Somando-as todas, chega-se aos resultados do que cada uma delas produziu na personalidade, na formação e no próprio espírito da pessoa. Os que tiveram dificuldades, por terem nascido num lar pobre, de recursos limitados, forçados a procurar pelo próprio esforço os caminhos sonhados e desejados, terminam sempre se constituindo nos grandes vitoriosos da vida. Por outro lado, os

que, ao nascerem tudo têm e tudo lhes é oferecido, nem sempre conseguem somar conquistas suficientes para se tornarem realmente vencedores. Também na formação espiritual tudo deve vir das origens. Minha vida teve a marca de uma fase que muito significou, para manter-me num caminho e numa linha da qual nunca me afastei. Os princípios religiosos, a formação baseada na rígida honestidade, o senso de responsabilidade e, o que há de mais valioso, a consideração e o respeito ao semelhante. Foram meus dez anos de coroinha na paróquia de Getúlio Vargas, para onde fui, ao sair de Passo Fundo, minha terra natal, com seis anos de idade, retornando aos dezesseis. Lá, aluno do Colégio Cristo Rei, logo fui conduzido para o pequeno grupo dos coroinhas. Trabalhavam lá os sacerdotes João Farinon e, logo depois, também o recém-ordenado padre Carino Corso, filho de Sertão e de família muito conhecida e relacionada naquela cidade. Suas posições se mostravam bem antagônicas. Enquanto monsenhor João Farinon era um poço de calma, paciência e bondade, o jovem padre Carino Corso era um vulcão, sempre em atividade na organização de corais e nas atividades comuns do sacerdócio. Seu sermão também era muito vibrante, enriquecido pela bela voz que possuía. E, cada missa

que rezava, fazia em tempo bem menor que o velho e bondoso João Farinon.

Recordo-me de quando chegava a temporada de caça, que existia em abundância na região. Como só houvesse missa nos domingos pela manhã, já que a de sábado não substituía a dominical, um grupo de caçadores, constituído pelos mais conhecidos empresários e líderes políticos, contratava o jovem sacerdote para rezar para eles uma missa às 6 horas da manhã, possibilitando, assim, um melhor aproveitamento dos domingos, em suas memoráveis e abundantes caçadas. Mas, para que a missa fosse oficiada, era indispensável a presença do coroinha. E lá estava eu, madrugando, também, para dar a minha parcela de colaboração aos amantes da caça.

A cidade, que não possuía emissora de rádio, socorria-se dos alto-falantes colocados nas torres da igreja, para os avisos mais urgentes. Por indicação do padre Carino, assumi mais essa tarefa, o que me valeu a contratação, em 1951, como locutor da recém-criada Rádio Vera Cruz e, já no ano seguinte, era eu contratado pela Rádio Passo Fundo, de onde nunca mais saí, somando meio século de atividades como comunicador.

É preciso que reconheçamos a importância e prestemos a devida homenagem a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para o sucesso de nossas vidas. Foi graças à determinação do então padre Carino Corso, ao final da

(ARQUIVO APL)



década de quarenta, que me vi um dia diante de um microfone de alto-falantes de uma igreja, para dali ser conduzido para a atividade que terminou emoldurando toda a minha vida.

O nosso reencontro ocorreu em Passo Fundo. Ele, como professor e compositor musical, criando vários corais e levantando inúmeros prêmios em concursos que, por todo o estado, foram promovidos. Eu, mantendo-me no caminho de comunicador, cujo passo inicial me foi proporcionado pelas mãos e pela confiança do sacerdote, que muito representou nas conquistas que a profissão me ofereceu, e pelas quais me sinto hoje plenamente realizado. Obrigado, professor e ex-sacerdote Carino Corso, por tudo que em minha vida consegui, graças àqueles inesquecíveis 10 anos como coroinha da paróquia de Getúlio Vargas.



(ARQUIVO IMD)

Carino Corso recebendo certificado das mãos de Meirelles Duarte

## Poesia

CRACI TERESINHA ORTIZ DINARTE

### Sapateiros da poesia

O sapateiro reforma,  
remenda e pinta,  
até conseguir tornar belo o sapato.

Assim são os poetas.  
Eles escrevem, reescrevem e colorem  
a poesia.  
O amor,  
a amizade,  
a tristeza,  
a alegria,  
os sonhos,  
são ferramentas  
dos sapateiros da poesia.

### Dúvida

Quando tudo parecia terminado,  
as ilusões sepultadas nas cinzas,  
a vida chegando ao fim,  
veio, de repente, um anjo terrestre  
que me falou com emoção  
tudo o que uma mulher almeja ouvir,  
para ser feliz.

Mas, depois de viver tantos anos  
num mundo solitário,  
não sei dizer  
se fiquei surpresa ou feliz.

### Minha vida

Parece-me uma dança de salão.  
A cada volta passa-se um ano.  
Ora é uma dança alegre,  
ora triste.  
Hoje já não choro,  
quem chora é meu cansado coração.

### Desse amor

O véu da noite  
envolve-a em seus braços.

Desse amor imenso  
as estrelas são pedaços  
que, por descasos,  
vão povoando o céu.

Já pequeno o espaço,  
nascem as flores  
que, na profusão de cores,  
unem a terra ao céu.



# A importância da música na vida do homem

**CARINO CORSO, in memoriam**

ontinuaamente estamos cercados de sons e ruídos. O som difere do ruído, pela sua vibração, enquanto o ruído não vibra. O som e o ruído fazem parte da natureza. O homem canta e fala, a incalculáveis milhares de anos e, graças ao seu ouvido, maravilhosamente construído, que se parece a uma harpa, com infinidade de cordas, percebe sons e ruídos.

Todas as crianças, sem exceção, nascem com capacidade musical: voz e ouvido. A própria natureza é que nos dá a música. Depende de nós o proveito que dela tiramos.

Há milhões de anos, antes que houvesse ouvidos humanos para captar os sons, borbulhavam as águas, ribombavam os trovões e sussurravam as folhas ao vento.

O homem nasceu num mundo repleto de sons: o trovão, amedrontando-o, tornou-se símbolo dos poderes celestiais. No ulular dos ventos, o homem percebia a voz dos demônios; os habitantes do litoral conheciam o mau ou bom humor dos deuses pelo balir das águas. Os ecos eram oráculos e as vozes dos animais, revelações.

Religião e música mantiveram-se inseparavelmente ligadas, nos antigos tempos da humanidade.

O homem primitivo dispôs apenas

de poucas palavras. Para exprimir os sentimentos, servia-se de sons e criava a música que o ajudava a manifestar o júbilo, a tristeza, o amor, os instintos bélicos, a crença nos poderes supremos e a vontade de dançar.

Desde a canção do berço, até a canção da morte, desde a dança ritual, até a cura dos doentes pela melodia, a música faz parte da vida.

Nos tempos históricos bíblicos, encontramos Davi tocando harpa, para afugentar a fúria do rei Saul. Mais adiante vemos Farinelli curando, com auxílio da música, a terrível melancolia de Felipe V. Timóteo, por meio de certa melodia, provoca a fúria de Alexandre, o Grande, e acalma-o por meio de outra melodia, mais suave.

Os sacerdotes celtas educam o povo com a música, abrandando seus costumes selvagens.

Terprando, tocando flauta, abafou a revolta dos lacedemônios. Santo Agostinho conta que, por meio de suas melodias, um pastor foi eleito imperador.

E a história do caçador de ratos de Hamelin é um exemplo conhecidíssimo do poder da música sobre o homem e o animal. Hamelin foi atacada por uma terrível praga de ratos. Um forasteiro se prontificou a exterminar a praga, tocando uma canção com sua flauta encantada. Milhares de ratos começaram a sair das casas e seguiram docilmente o músico que os conduziu ao rio onde se afogaram.

Os hindus, encantadores de serpentes, fazem desse mágico poder, de fundo musical, meio de vida e, ao mesmo tempo, atração para estrangeiros e curiosos.

Os antigos monumentos nos ensinam que a música foi grandemente apreciada pelos assírios, egípcios e outros povos.

Semelhante à pintura, a música nos apresenta imagens que nos fazem experimentar sensações alegres e tristes, heróicas e apavorantes. Os pintores combinam as cores, os músicos, os sons.

Entre todas as artes, a música desfruta do lugar mais importante, na vida contemporânea, sempre presente e até indispensável em qualquer manifestação pública, atraindo todas as camadas sociais. Nos meios de comunicação, televisiva e radiofônica, deleita a vida do pobre e a do homem mais favorecido pela sorte.

A música tem inúmeras facetas: uma canção de dança difere de um coral de monges, na solidão de um mosteiro. A canção do berço é totalmente diversa de uma marcha bélica que estimula os soldados a atacar o inimigo numa batalha.

Numa festa popular, a música é totalmente oposta a de uma marcha fúnebre. A variedade da música é ilimitada.

Quem desfila em uma galeria de célebres músicos e ouve suas criações, sem dúvida nenhuma, notará que cada um tem seu estilo diferente: encontraremos então um Giuseppe Verdi, com suas melodias alegres e festivas, contagiando

as multidões. Opostamente, nos deparamos com Ricardo Wagner, com suas melodias melancólicas, capazes de levar até ao suicídio. A vida é movimento e o som se origina do movimento.

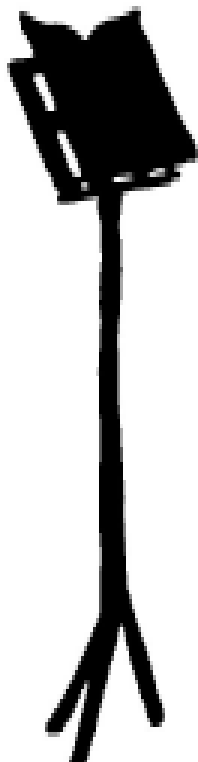
Quando nos deparamos com uma grande orquestra, vemos artistas, cada qual manejando o seu instrumento. Instrumentos de corda: violino, viola, violoncelo, contrabaixo, harpa. Instrumentos de sopro: clarineta, oboé, fagote, trombone, trompete, saxofone, trompa, trombone de vara, tuba, contrabaixo. Instrumentos de percussão: tímpanos, caixa, bombo, pratos, castanholas, maracá, triângulo. As orquestras filarmônicas não são acompanhadas ao piano, muito em uso nas orquestras menores.

Quem quiser levar uma vida melhor, entre na vida dos sons. Pois quem canta seus males espanta. A música dentro de casa, a música dentro de uma indústria, para a produção alcançar mais e melhor. A música numa loja de vendas, na rua, numa igreja, num colégio ou em praça pública.

Quando eu ouvia a extinta banda da Brigada Militar, de Passo Fundo, tocando o dobrado de minha autoria, “*Jaime Luiz Lago*” (prefeito de Erechim - in memoriam), eu permanecia extasiado, diante de tanta maravilha.

A música, numa palavra, é a realização dos sonhos e anseios mais sublimes que podem acontecer na vida de todo homem.

Beirando a idade de 85 anos, deixo para a posteridade muitas músicas religiosas, inclusive uma missa em italiano, também de minha autoria, e de-



dicada ao grande Papa, Giovanni XXIII; além de arranjos musicais, três CDs com músicas italianas e duas edições de músicas italianas com partitura: *Va pensiero* e *Ricordi d'Itália*.

Desde o ano de 1986 até o ano de 1992, fui maestro da banda municipal de Erechim, onde deixei muitas músicas de minha autoria, sendo ao mesmo tempo maestro da Orquestra de Concertos da mesma cidade.

Mantenho escola de música em minha residência, ensinando piano, teoria, solfejo e harmonia.

Sou maestro do coral Nossa Senhora Aparecida, da Catedral de Passo Fundo, desde o ano de 1970; e maestro do coral Ricordi d'Itália, desde o ano de 1980.

Por isso, obrigado, meu DEUS, por este dom imerecido da música, que recebi do Pai do Céu, meu Criador.



## Poesia



MÍLTON SILVA

### Incomum Poeta

Poeta cético  
e bastante incomodado  
com a vida:  
para ele os pontos-de-exclamação  
são muletas a susterem versos,  
os pontos-finais impedem  
que mais dores sejam ditas.

### Maior Mistério

Há um mistério bem maior  
do que o Abominável  
Homem das Neves.  
Há um mistério bem maior  
do que o Monstro do Lago Ness.  
Esse mistério é este: o Homem na  
Vida.

### Espantalho

Tem um espantalho fincado  
na minha inspiração.  
Por isso só posso escrever  
uma pouca poesia pouca,  
sem imagens pródigas  
ou bons adjetivos.  
Escrevo-a e vai molamba.  
(E não esperes, poeta  
maior esperança do que  
uma lenta sanguessuga  
para sugar da tua veia poética).

### Os Dias Chuvosos

Os dias chuvosos  
têm só gente chuvosa.  
Ninguém sai de colorido,  
as cores das sombrinhas preteiam  
e nos dias de chuva resta a poesia  
que salva a gente  
por algum tempo  
do tempo de chuva  
e do tempo tempo tempo tempo.

# O Riso da Agonia

PAULO MONTEIRO

conquista do Prêmio **Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura**, neste ano, por *O Riso da Agonia*, de Plínio Cabral, acabou consolidando algumas características que já se manifestavam em edições anteriores do referido certame. A mais visível, inclusive às pessoas menos esclarecidas, mas nem por isso menos inteligentes, é a premiação de jornalistas, que se iniciou com o medíocre *Tratado da Altura das Estrelas*, de Sinval Medida, em 1999, continuando com os muitíssimos superiores *Meu Querido Canibal*, de Antônio Torres, e *Nûr na Escuridão*, de Salin Miguel, em 2001, chegando ao livro vencedor deste ano.

*O Riso da Agonia*, classificado pelo próprio autor como “Uma história em forma de romance”, poderá ser ligado por leitores apressados a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado por Machado de Assis, em 1880, na Revista Brasileira, pelo fato de ter como narrador “um autor defunto” ou “um defunto autor”. Podem filia-lo, ainda, aos chamados “romancistas de 30” ou a seus continuadores. Nada mais ilusório.

Formalmente, sua arquitetura mais se aproxima da técnica usada por Autran Dourado e por ele mesmo esmiuçada no ensaio *Uma Poética de Romance*. Nessa construção fragmentária e/ou fragmentada, Plínio Cabral usa duas histórias diferentes, materiais aparentemente muito diversos, mas que dão a forma de romance à história. Uma delas é claramente memória; a outra, visivelmente ficção.

O memorialista conta sua vida, a partir do seu nascimento no interior do Rio Grande do Sul, terminando com a mudança para uma cidade grande, onde procurou enterrar seu passado que, com ele, continua vivo. Essa realidade da existência é o grande dilema, a grande ironia, a grande verdade, que somente pode ser externada pelo ficcionista, cuja história tem início com uma doença na infância, encerrando-se no dia 23 de setembro de 1999, com o falecimento do “autor”.

Não é à toa que o livro se inicia e se fecha com a data em que o narrador morreu. É como se toda a vida passasse

no instante extremo, pela memória. Toda a história (memória e ficção) é a agonia, o que se confirma mediante o emprego de orações curtas e parágrafos breves. Manifesta-se a pressa do narrador, o ritmo acelerado, a sororoca do agonizante.

Sente-se duas histórias diferentes, coladas, como se fossem reportagens empasteladas. É o absurdo da vida, que se confirma na verdade final, a morte. Uma dessas histórias é a vida do autor, onde aparecem figuras como doutor Turi, dona Lucila, Pe. Caetano, Artidor, Timbaúva, Gumercindo, os pais do escritor, o grêmio literário, os políticos com os quais se relaciona até chegar a uma Secretaria de Estado. Outra história é a da agonia (ou seria do riso?) onde, além do narrador, encontramos Corpo (Corpo-Tábua), Pezinho, Lixinha, Lava-Lava e Pé-de-Vaca.

Se as primeiras personagens representam a vida (memória) do escritor, as segundas assumem uma simbologia, revelam o delírio, a manifestação dos demônios interiores, que se apresentam e tomam forma à hora da morte, exatamente no dia 23 de setembro de 1999. É aí que Plínio Cabral consegue concretizar todos os seus sonhos de mudança que o levaram a trocar uma cidade do Rio Grande do Sul pela maior metrópole brasileira, ao contar sua história sob a forma de romance.

Pouco existe nessa trama (das histórias justapostas ou individuais), lembrando a “literatura menipéia”, o gênero cômico-fantástico, que José Guilherme

Merchior tão bem sintetizou em *O romance carnavalesco de Machado* (in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Editora Ática, SP, 1999), muito embora até possa parecer o contrário, pois estamos diante de uma obra bipartida. Insisto nas histórias justapostas, e uma delas pura memória. Bem menos se pode ligar *O Riso da Agonia* ao “Romance de 30”. Nada existe de realismo socialista, de estímulo à revolução social, de uma prática transformadora, fazendo surgir um novo homem. Por toda parte há niilismo, impotência diante da realidade, acomodação. Puro existencialismo. Viver é morrer. A agonia já começou quando surgiu a célula-ovo. Daí o riso e a agonia ou riso da agonia, na preferência do escritor. É como diz o verso famoso: “O que dá pra rir dá pra chorar”.

Plínio Cabral escreveu um belo livro, que nunca vai ser um grande romance, um clássico. Pelo tipo híbrido, temo até classificá-lo como romance. Fez um acerto de contas com sua vida, levando muitos de sua geração e da imediatamente mais nova, a refletirem sobre suas vidas e a agonia dos seus sonhos. Afinal, viver é sonhar. Por isso, a história somente poderia ser contada por quem já tenha morrido. Trata-se, porém, de um livro datado, pelo que tem de memória, o que é uma pena. Uma grande pena.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passofundense de Letras, cadeira 32, cujo patrono é o poeta e jornalista Gomerindo dos Reis.)



Plínio Cabral e Tania Rösing

# Liciane Toazza Duda Bonatto



Liciane Bonatto exibindo troféus conquistados

Está na proposta editorial de **Água da Fonte**: abrir espaço para outras artes locais. E, dentro desse espírito, nada melhor que começar a série das “outras artes passo-fundenses” com Liciane Toazza Duda Bonatto. Ela é formada em Desenho e Plástica pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e trabalha como Programadora Visual da Embrapa Trigo, desde 1977.

Liciane Bonatto é filha do casal Leonildo Almerin Duda (in memoriam, que tinha como hobby desenhar) e Adélia Irma Toazza Duda, sendo irmã de Norberto Toazza Duda (médico) e de Beatriz Toazza Duda Hall (agrônoma). É casada com Daltro Bonatto, geólogo e professor da UPF, e tem dois filhos: Marcos Vinícius e Fernanda Duda Bonatto.

Dona de grande sensibilidade e técnica apurada, Liciane Bonatto tem se destacado nas artes plásticas. Suas pinturas classificaram-se em primeiro lugar por duas vezes consecutivas em Brasília, no Festival de Arte & Cidadania da Embrapa. Também se dedica à criação de logomarcas para eventos (sua arte tem ilustrado o material publicitário de muitos congressos da área de Agronomia, nos últimos 25 anos) e à produção de capas de livros e telas de softwares (maioria dos editados pela Embrapa Trigo).

Mas além da pintura, Liciane tem se aventurado no mundo das letras (poesia e conto). A primeira poesia que escreveu, “Canto”, ficou entre os quinze poemas selecionados no projeto Poemas nos Ônibus realizado pela empresa Coleurb de Passo Fundo.

Por ser o seu primeiro poema, “Canto” é muito significativo para Liciane. A inspiração, conforme conta ela, “*surgiu logo depois do término de um ensaio do coral da Embrapa Trigo. Saímos em três pessoas e continuamos a cantar pelo corredor. Nossas vozes se projetaram de uma forma relativamente mística causando um encantamento às pessoas que estavam no andar superior. Acabei registrando o momento em forma de poesia*”.

Liciane Bonatto é uma artista na mais completa acepção da palavra. Considera como finalidade das expressões artísticas: “*transmitir harmonia, paz, energia, alegria, beleza, promover um encantamento. Caso o espectador ou leitor, depois de entrar em contato com um trabalho artístico, sair igual ou mais alegre, ou mais em harmonia consigo mesmo e nunca deprimido, seu objetivo foi atingido. Já se tem muitas razões na vida para se ficar triste, de vez em quando*”, costuma ressaltar. (GILBERTO R. CUNHA)

## Poesia

### Canto

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO

Em cada canto,  
Há um encanto.  
Mas, qual é o canto  
Que tenho que cantar  
Pra encantar o meu canto?  
Pra fazer do meu canto  
Um encanto?

E se meu canto encantar  
Outros cantos?  
Eu cantarei muito mais cantos.  
E meu coração se encantarás,  
Se conseguir cantar  
A vida,  
Aqui do meu canto.

Por isso canto  
O meu canto,  
Aqui do meu canto.

Enquanto canto  
Me encanto  
E sou feliz.

## Pinturas



Colheita de Trigo



Indefinições

# Ruas de Passo Fundo

WELCI NASCIMENTO

o Rio Grande do Sul, existem inúmeras cidades geradas, resultantes das pousadas dos tropeiros paulistas. Eles descobriram, na segunda metade do século XVIII, grande quantidade de gado solto na parte norte do território gaúcho. Esse gado foi abandonado pelos padres jesuítas dos Sete Povos das Missões. A trilha começava na região de Passo Fundo, no Planalto Médio, seguindo para Lagoa Vermelha, Vacaria e Lages, esta no estado de Santa Catarina.

Quando o trem chegou em Passo Fundo, no final do século XIX, consolidando a ligação do norte do Rio Grande do Sul com São Paulo, aos poucos, desapareceram as grandes tropeadas, sendo, finalmente, atropeladas pelos caminhões boiadeiros, com o advento das estradas asfaltadas.

Na época em que Passo Fundo foi criado, havia aqui áreas de terra devolutas, isto é, desocupadas, vagas, sob o domínio do Império. O povo costumava dizer que eram “terras sem donos”. Essas terras se encontravam à venda aos

particulares, ou eram doadas para uso e domínio.

Em 28 de janeiro de 1857, Passo Fundo se emancipou de Cruz Alta. Logo em seguida, a Câmara Municipal, recém-instalada, informou ao Presidente da Província do Rio Grande do Sul o seguinte, depois de uma ampla e minuciosa explanação acerca do nosso município: “Neste município, em campo, não existem terras devolutas, porém, matos existem em abundância...” Com isso, queria dizer a Câmara que o que realmente valia era a terra de campo, onde se podia cultivar o gado.

Mas Passo Fundo queria esclarecimento da Província, de seu Governo, acerca das terras devolutas que existiam no perímetro urbano da Vila. A Câmara Municipal queria saber como conceder licença para os novos moradores do incipiente município, como deveriam fazer para edificarem nos terrenos devolutos existentes, uma vez que não existia o Código de Posturas, isto é, Passo Fundo ainda não tinha suas leis escritas. Assim que a Câmara Municipal foi instalada, a mesma teve o cuidado de nomear as primeiras ruas do povoado, agora com a denominação oficial de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Passo Fundo.

A partir desse procedimento, a Vila começou a ganhar significativo impulso, porque casas residenciais e comerciais foram sendo construídas, ao longo da Rua das Tropas (Av. Brasil), marcada pelas patas de cavalo dos tropeiros

paulistas.

A primitiva Rua das Tropas, a Câmara Municipal denominou de Rua do Comércio. Paralela a essa, foi aberta uma outra rua batizada de Rua São Bento. Portanto, do Boqueirão em direção ao Rio Passo Fundo, se estendiam duas ruas paralelas: a do Comércio e a São Bento, hoje com os nomes de Av. Brasil e Paissandu, respectivamente.

No sentido Norte/Sul, a Câmara Municipal traçou e nomeou as ruas Santa Clara, das Flores, da Imperatriz, da Ponte e a Rua da Direita. Essas ruas hoje são denominadas, respectivamente, de 15 de Novembro, Teixeira Soares, Marcelino Ramos, Dez de Abril e Sete de Agosto.

Este era o mapa da cidade, ou melhor, da Vila de Passo Fundo, no tempo de sua instalação como município emancipado politicamente. Observe-se que nenhuma das ruas conserva o seu nome original. Eram sete ruas mal traçadas. Mais tarde, em 1865, foi aberta a rua que, até hoje se chama Moron. Poucas quadras, para o lado do velho Boqueirão. A vila se expandia de Norte a Sul, em relação à Rua do Comércio. Surgem então as ruas Uruguai, Independência, Lavapés, todas traçadas a partir do Boqueirão em direção ao Rio Passo Fundo, seguindo a trilha dos tropeiros.

(Trecho do livro **Ruas de Passo Fundo** - no prelo)  
- Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Avenida Brasil em 1934

# Cultura vêneta

## SANTO CLAUDINO VERZELETI

**E**m 1875, iniciou a caminhada da imigração italiana em direção da América, mais precisamente, para a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a fim de colonizar as localidades de Conde D'Eu, Dona Isabel e Fundos da Nova Palmira (Pellanda), hoje Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Mais tarde, as levas povoaram também a Quarta Colônia, atualmente, Santa Maria. Ao aqui chegar, uns que outros exclamaram: - Qui siâmo proprietâri!

Na nova terra, os vênetos receberam do Governo Imperial os utensílios para desmatar o caminho e começar a vida, derrubando a mata e iniciando a construção de suas casas, que eram de capim, amarradas com taquaras. E o fizeram, com uma foice curva e sem lâmina, um machado, uma cunha de ferro, um serrote e algumas sementes. Esclareça-se que nem todos os imigrantes receberam tais ferramentas.

A partir de 1880, os vênetos tiveram que produzir suas próprias ferramentas e utensílios, adaptando cada um deles segundo suas necessidades. As lavou-ras tomavam amplitude, iniciando-se a expansão agrícola e industrial, com a implantação de ferrarias.

De 1890 em diante, o comércio movimentou-se e desenvolveu a agricultura, com a parceria dos alemães, uma vez que eles já possuíam boa experiência, tendo aportado no Brasil cinqüenta anos antes. Através da compra dos produtos vênetos, a moeda começou a circular e os imigrantes foram obtendo sucesso com a ampliação de suas atividades.

Ao alvorecer de 1900, a maioria já possuía estabilidade familiar com o crescimento das famílias e conseqüente mão-de-obra, que favorecia o aumento dos lucros. A indústria manifestou bom desenvolvimento e oportunizou o intercâmbio entre as localidades formadas pela imigração.

Nas horas do descanso familiar, as recordações vinham à tona, relembrando a chegada ao Brasil:

- *Eviva il Brasile! Eviva il lavoro!*

Alguns ditos dos imigrantes italianos merecem ser transcritos, por sua originalidade:

Para viver bem e não ter problemas:  
- *Bisogna sempre far el passo conforme lê gambe.*

- *Qua se laora, ma almanco se pissa in tel suo.*

- *I zé pòveri mà i laora.*

- *I laora come i orsi, mà i gà de tuto.*

Lembravam ainda que, de Porto Alegre até Conde D'Eu, dista mais de duas horas de vapor e doze horas a cavalo, atravessando o Rio São Sebastião do Caí.

Ainda com saudades, lembravam de Porto Alegre, a terra dos bugres (terra *dei bulgari*), distante de Conde D'Eu 2,7 horas de vapor e 12 horas a cavalo, atravessando o Rio São Sebastião do Caí. Na maioria das vezes, a viagem era feita de carroça e cargueiros, sendo as crianças carregadas em cestões (*sestini*) feitos de taquara, largos e fundos, que ofereciam plena segurança às crianças. Outros iam a pé ou de carroça.

Assim se referiam à sua alimentação:

- *Sì, sì, a casa co se gà poenta e salame o poenta e formaio e um pochi de radici, no ocor altro.*

- *Lori no i gà niente parche nò i gà òrdine* (Muitos são pobres por falta-lhes organização).

O tempo deu-lhes a oportunidade de serem proprietários e galgarem posições no Estado do Rio Grande do Sul, com trabalho e garra. Por isso obtiveram sucesso e expandiram-se para outras partes do Brasil. E enviaram seus filhos para os colégios, a fim de serem doutores. Conquistaram espaço político, elegeram-se representantes de suas comunidades, ampliando os horizontes, com trabalho e persistência.

Novas cidades despontaram como pólos comerciais e industriais, multi-



plicando seus bens e serviços, através da nova tecnologia.

Fez-se necessário então ampliar os contatos, convênios e participações bilaterais, entre a Itália e o Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Em dezembro de 2002, reuniram-se em Bento Gonçalves, antiga Dona Izabel, representantes do Vêneto, senadores, deputados e ministros, para ouvirem dos imigrantes, suas necessidades tecnológicas e culturais. Seu Ministro da Cultura, Geovanni Meo Zílio, salientou na ocasião a necessidade de se manter intacta a cultura, os usos e costumes, que na região do Vêneto e da Lombardia foram quase perdidos. Por essa razão, seus representantes pretendem resgatá-los, implorando às entidades representativas, no Brasil, que iniciem um trabalho de união e resgate das formas tradicionais de viver dos imigrantes italianos. Concitaram também ao ensino da língua vêneta no estado.

Passo Fundo não se mostrou indiferente ao apelo e tomou as iniciativas devidas para implementar o ensino, devendo iniciar as aulas ainda no mesmo ano. E, nas regiões de colonização italiana, já se possui literatura capaz de formar e dar condições de aprendizagem, com a disponibilização de dicionários e gramáticas. Entre os autores à disposição, citam-se Honório Tonial, Darcy Luzzato e Roviglio Costa.

Em 27 de setembro de 2003, houve um encontro na capital do estado,



Santo Verzeleti à esquerda

quando o Centro Cultural Ítalo-Brasileiro “Anita Garibaldi” se fez presente, através do seu presidente, Santo Claudino Verzeleti, a convite do *Consiglio Regionale Del Veneto*, por seu presidente Enrico Cavliere. O encontro ocorreu por ocasião da realização *dell assembleia straordinaria* que voltou a constituir um organismo federativo *dei descendententi degli emigranti veneti*, no Rio Grande do Sul. Na oportunidade, Verzeleti recebeu o programa para o ensino da língua vêneta em Passo Fundo.

Em seu pronunciamento, o presidente Enrico afirmou que a região do Vêneto está à disposição das autoridades gaúchas, oferecendo intercâmbio cultural e comercial. Para isso deverá ser formada

uma entidade representativa dos vênetos e lombardos do Rio Grande do Sul, que possibilite às associações de italianos buscar recursos e firmar convênios, tanto culturais como comerciais, encurtando caminhos.

Em março de 2004, serão concretizadas as propostas e definido o objetivo da formação e aprovação da entidade representativa do Rio Grande do Sul, que deverá conter em seu bojo todas as associações e pessoas interessadas.

Em consonância com os objetivos do Centro Cultural, a revista *Quatro Cìacoe*, de setembro, publicou em sua coluna *Corso Sul Dialetto*, um artigo que vem ao encontro dos interesses dos italianos da América, no sentido de que se mantenha viva a chama dos usos e costumes de seus ancestrais.

A coincidência é sumamente importante, já que a região do Vêneto também irá oferecer o ensino da sua língua, mediante um curso organizado pelo Departamento de Lingüística Palazzo Maldura, de *l’Università de Padova e de la Region de Veneto*, quando *sara fato um corso de formassion per insegnanti e operatori culturali, questioni linguistiche e questioni didattiche*.

Efetivamente, a Itália desperta depois de um longo tempo, e retorna aos usos e costumes dos seus antepassados.

## Sonetos

SEVERINO RONCHI, in memoriam

### Adeus

É tarde. E abandonado entre a amargura  
E a noite que me envolve com seu manto,  
Sinto me desfazer em longo pranto  
Enquanto o coração prece murmura...

Mas antes de partir, escuta o canto  
De toda minha lânguida ventura;  
Como era a tua boca linda e pura  
Ao me dares teu beijo, ardente e santo!

Mas, não vês como a noite é tão sombria,  
E a tristeza desta emoção secreta,  
Me deixa minha vida tão vazia?

Recebe adeus de um coração de esteta  
Que tanto amor sua alma silencia,  
E, por te amar somente, foi poeta.

(Passo Fundo, 3 de novembro de 1929)

### Epitáfio de um Médico

A sentença que aqui se faz discreta  
Não testemunha feito peregrino...  
Que epitáfio de quem não foi asceta  
Pode ser estimado desatino...

- Mas, aqui dorme um vate paladino  
Que embora tendo a vida muito inquieta,  
Sempre soube do amor tecer um hino...  
- Era Doutor, curou e foi poeta!

Voltando ao pó da terra donde veio,  
Também vai confirmar o que dizia:  
- Que sempre detestava o que era feio...

Como esteta do sonho e da magia,  
Toda vida escrevendo sem receio,  
Disse que a própria Morte era poesia!

(Passo Fundo, 2 de novembro de 1975)

(Do livro *Pelos Caminhos do Horizonte*, 1976).



# Onde estão os grandes cantores?

**LUÍS MARCELO ALGARVE**

**I**negavelmente, o nosso país vive um século 21 carente de grandes cantores. Vivemos sob o período das músicas mecanizadas, sem inspiração e emoção, sem voz e, principalmente, sem conteúdo. Temos boas promessas musicais, contudo, ainda são sementes que precisam de férteis manejos para amadurecer.

Por outro lado, temos exímios cantores do passado, compositores de mão-cheia, vozes de - conforme diz o rio-grandense - “arrepiar o pêlo”, ou seja, verdadeiros talentos já consagrados. No entanto, parecem cansados da lida musical, introspectivos e abatidos, talvez até desanimados com essa enxurrada de sons decadentes produzidos por indivíduos que, sinceramente, não sabem o que é uma canção bem letrada, bem arranjada e bem cantada. É, realmente, salvo alguns poucos ainda existentes, falta-nos cantores de verdade, apaixonados pelo trabalho e pela música, metafóricamente falando, fiéis ovelhas seguidoras do esmero espiritual.

Também, pudera! Nosso Senhor, no final do século passado, levou ao céu algumas dessas preciosas ovelhas da música nacional, deixando-nos saudosos e carentes de belas vozes. O comentário que corre pelo povoado brasileiro é o de que o Velhinho estava precisando

recompor o seu coro celestial e, por isso, chamou nossos talentos ao ofício sagrado.

Aos 11 dias do mês de outubro do ano de 1.996, partiu deste plano Renato Manfredini Júnior, celebrizado como Renato Russo. Ele foi um dos nossos talentosos músicos chamados pelo Senhor a compor o conjunto divino. Levado prematuramente para junto de Deus, em decorrência de enfermidades associadas ao vírus da AIDS, ou “doença da febre que não passa”, como ele costumava chamar a sua moléstia,

Renato Russo foi um dos poucos a cantar tão perfeita e inteligentemente a natureza do ser humano, o amor, a solidão, as dores das pessoas, as inquietações, os impasses e anseios existenciais da humanidade, além de avançar nos temas da desigualdade social, do desrespeito às leis, da falta de respeito ao povo do Brasil e do mundo.

Falecido aos 36 anos de idade, Renato Russo ficou conhecido como o Poeta do Rock Brasil, capaz de traduzir, numa inspirada coleção de versos musicados, indagações e valores que atravessam o imaginário de jovens de várias idades. Renato Manfredini Júnior foi muito mais do que um músico do Rock Brasil, foi um pensador, um formador de opiniões, foi um solitário ser humano em busca da ética perdida. Não se conformava em apenas colocar a sua voz potente, de estilo inconfundível, nas canções, mas acreditava que era preciso passar à juventude mensagens de autoconhecimento, que a futilidade e a superficialidade dos tempos modernos se encarregavam de sepultar nos corações dos homens. Era preciso na sua intenção, qual seja, a de fazer dos jovens verdadeiros seres pensantes.

No dia 27 de março de 2.003, se vivo estivesse, Renato Russo completaria 43 anos de idade. A pergunta que se faz é a seguinte: Que espécie de música ele estaria compondo, cantando ou interpretando hoje? Sim, porquanto Renato Russo também era um excelente intérprete, como provam os seus discos individuais. Quem não se emocionou

ao ouvir “La Solitudine”, “Dolcissima Maria”, “Gente”, “Due”, “Cathedral Song”, “If Tomorrow Never Comes” e muitas outras belíssimas canções, na inconfundível voz deste multifacetado artista?

Em verdade, diante da flagrante qualidade musical que vinha abarcando cada vez mais a carreira de Renato, pode-se afirmar que hoje ele seria reverenciado até por aqueles que o discriminaram no passado, em virtude de sua origem musical. Certo é que Renato Russo não mais poderia, quando faleceu, ser considerado exclusivamente um representante do rock nacional, mas também um cantor de todas as canções e estilos, tendo em vista a sua habilidade para trabalhar com todas as formas musicais. Não gosto de comparações, mas não é difícil asseverar que atualmente ele seria uma referência nacional, quer pela sua aptidão para compor, quer pela sua exímia qualidade vocal, ou, ainda, quer pelo amor que dedicava à música em geral.

No dia 11 de outubro de 2.003, seguramente, o Brasil lembrou com tristeza os passados sete anos sem a cativante e bem afinada voz do idealista Renato Russo. Entretanto, saudamos, sim, saudamos, não a morte deste entusiasta poeta da música, mas o completo e belíssimo legado artístico por ele deixado.

Nesse sentido, resta-nos ficar com as lembranças. Nós, os que apreciamos a música de Renato Russo e da Legião Urbana, tivemos no dia 27 de março de 2.003 - dia do lançamento de “Renato Russo Presente”, disco com músicas inéditas - a derradeira oportunidade de rememorar aqueles saudosos dias, em que ficávamos ansiosos por ouvir um disco novo, recém-lançado; por chegar em casa e saborear as canções e as letras escritas por alguém que acreditava muito naquilo que fazia, e que, por isso, conquistou uma porção enorme de admiradores do seu trabalho. Adaptando Fernando Pessoa, só poderia eu dizer, para encerrar, que “morrem jovens, *também*, os que os deuses amam”.



# A violência, sempre ela...

**OSVANDRÉ LECH**

*A não-violência requer muito mais coragem que a violência.*

**(Gandhi)**

*Aquele que tentou e não conseguiu é superior àquele que nada tentou.*

**(Bud Wilkinson)**

trauma no Brasil pode ser encarado como um cenário de guerra, onde se confrontam forças “do bem e do mal”. A equipe do mal seria formada pelos acidentes nas estradas e vias urbanas, uso indiscriminado de armas de fogo, acidentes do trabalho em geral, dentre outros, aqui considerados agressores. A equipe do bem seria o cidadão comum, famílias in-

teiras, crianças indefesas, todas vítimas, aqui consideradas agredidas.

Com relação aos acidentes automobilísticos, o Brasil é um destaque mundial. De ineficiência. Somente no estado de São Paulo ocorre um acidente a cada três minutos; o dado nacional não é conhecido. Segundo Phillip Gold, consultor de segurança viária do BID, o nosso país perde cerca de US\$ 9,5 bilhões por ano, nas suas ruas e estradas. Segundo dados do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), 32.000 pessoas morreram em 1999 (em 1998 foram “apenas” 23.400 vítimas), em acidentes de trânsito, nas vias públicas do país. No entanto, não há registro do que ocorre com as vítimas de acidentes depois que são removidas para os hospitais; especula-se que o número total de mortes pode chegar à sinistra cifra de 50-60.000 por ano, ninguém sabe ao certo. Cerca de

4% dos óbitos no Brasil se devem a acidentes de trânsito, enquanto no Japão é de 1,1%, na França é 1,5%, nos EUA é 1,8%. Um estudo da ONU estabeleceu o número de 3 mortes para cada 10 mil veículos em circulação, por ano, como sendo um limite tolerável; entre os países da União Européia, este índice é de apenas 1 morte anual, enquanto no Brasil a estimativa é de assustadoras 25 mortes anuais, para cada grupo de 10 mil veículos em circulação. Portanto, existe uma diferença de 25 vezes o número de mortes no trânsito, entre o Brasil e a Europa. Nada a comemorar.

Com relação ao uso indiscriminado de armas de fogo, responsáveis por cerca de 40.000 mortes anuais por homicídio, o Brasil também detém o recorde mundial. É a terra do tiro. Quarenta e oito por cento desses homicídios ocorrem por motivos fúteis, como brigas de bar, desavenças familiares, ciúmes,

etc. Vinte por cento dos crimes sexuais envolvem a utilização de arma de fogo. O Brasil também é campeão mundial na utilização de armas de fogo em furtos e roubos, e também na utilização de armas de fogo em homicídios. Ainda mais, o nosso país é o que possui a maior média de pessoas feridas com armas, no curso de um crime, com a incrível média de 247 pessoas envolvidas por cada 100 mil habitantes. “O que nos preocupa é a banalização no uso das armas de fogo”, diz Oscar Vilhena Vieira, secretário do Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud). De fato, na época em que escrevo este prefácio (abril de 2003), a imprensa menciona, com todo o destaque merecido, a arrogância do crime organizado na tentativa de impor medo e pavor, desorganizando o turismo e mantendo refêns dentro das suas casas. A população se sente, literalmente, perdida e acuada.

Dos 44.715 jovens que morreram em 2000 no Brasil, 13.186 (29,5%) foram abatidos por armas de fogo; nas capitais esta proporção se eleva para 43% e, nas regiões metropolitanas, o índice atinge o inimaginável número de mais de 50%. Tal vitimização juvenil vem crescendo de forma extremamente acelerada nos últimos anos, se constituindo, de longe, na principal causa de mortalidade infantil. Nossas taxas de homicídios são 30-40 vezes superiores às de países como a Irlanda, Singapura, França, ou Suécia; quando se trata de adolescentes, no entanto, elas são 100 vezes superiores a esses países.

Com relação ao trauma no local de trabalho, nas escolas, nas residências, etc., os números são imprecisos, mas

igualmente assustadores. Em resumo, estima-se que o trauma no Brasil produza 160.000 óbitos por ano.

A OMS define o TRAUMA como “doença” desde 1999, além de considerá-lo como a verdadeira grande epidemia desta época. Lembro-me de um dado muito significativo que li durante o período de residência médica: um terço dos leitos hospitalares do Brasil era ocupado pelo trauma; passados quase 25 anos, o quadro somente piorou.

A discussão das causas desta doença está aquém deste prefácio, mas vale lembrar a exclusão social com todas as suas facetas, a face corrupta do sistema policial, a facilidade de se obter arma de fogo, a ineficiência do sistema punitivo, a contínua dificuldade dos governos estabelecerem o foco no “social”, mesmo falando nele todo o tempo, etc.

Nós, ortopedistas, fazemos a nossa parte, com especial brilhantismo, neste quadro de guerra; nos expomos aos perigos dos plantões, à situação vexatória da falta de condições para trabalhar, e aos indizíveis salários e tabelas de honorários. A Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) exerce um destacado papel nesta guerra, seja através dos contínuos programas de atualização, seja na ênfase dada ao tratamento do trauma, seja por inúmeras outras e variadas formas.

A luta continua. Vamos fazer a diferença !

**\*Artigo originalmente publicado na revista SOTRS, ano 6, nº 35, agosto/setembro de 2003.** (Osvandré Lech é Chefe da Residência Médica do IOT/Passo Fundo/RS, Segundo-Secretário da SBOT (2003), Presidente da Comissão de Educação Continuada (CEC-SBOT) e Membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina)

## Poesia



**TENEBRO DOS SANTOS MOURA,**  
in memoriam

## Oportunismo

Para minha esposa,  
Maria de Lurdes Moura

No ermo, uma casinha pequenina  
eu e tu dentro dela.  
Um quatinho, uma cama para dois,  
trepadeiras e flores na janela.  
Duas cadeiras toscas na varanda,  
junto à mesa singela.  
O fogo na cozinha e sobre a trempe  
a canjica fervendo na panela.  
Para lá da cancela e do salgueiro,  
uma lagoa azul brilhando ao sol.  
À tarde vão as águas se tingindo  
nas cores cambiantes do arrebol.  
Depois formas e cores vão fugindo;  
o sol se apaga, a noite vem surgindo,  
tudo o manto da noite vai cobrindo...  
Teus olhos lindos temem desvendar  
o mistério da noite que apavora...  
Junto comigo há segurança e amor  
e a tenebrosa escuridão lá fora.  
Mas eu gosto que a noite seja escura  
e acho bom que tenhas medo assim:  
mais te aproximias quando a noite é  
feia;  
tu precisas ficar perto de mim.

(Do livro *Querência*,



# Três encontros com Cyro Martins

JORGE ALBERTO SALTON

o almoço, após a conclusão dos debates de mais um simpósio de psiquiatria, o acaso me colocou sentado frente a frente com Cyro Martins. A segunda vez em que podia conversar pessoalmente com ele. A primeira acontecera há vinte anos.

Lá pelo ano de 1975, Cyro Martins veio a Passo Fundo para um encontro literário. Éramos seis pessoas presentes a sua palestra. Constrangido, sem saber o que dizer, comecei a lastimar o fato de sermos tão poucos participantes. Afinal ele fizera trezentos quilômetros e faria mais trezentos para retornar a Porto Alegre. De pronto, ele dividiu seiscentos por seis e concluiu cem quilômetros por pessoa presente. Depois de comentar que, quando uma reunião consegue ser um encontro autêntico entre seres humanos, para discutir coisas humanas, pouco importa a distância percorrida ou o número dos presentes, acrescentou que eu lhe havia dado uma medida objetiva: quilômetro/pessoa.

Pensou um pouco e achou que cem quilômetros por pessoa talvez não pegasse muito bem mesmo, que ficaria melhor se fosse cinqüenta quilômetros por pessoa. Sem ter certeza de que se tratava de brincadeira, fiquei ainda mais embaraçado. Aliviei-me quando ele me avisou que, naquele momento, já havíamos alcançado os almejados cinqüenta quilômetros por pessoa. Mais adiante, com a chegada de mais interessados, a equação se estabilizou em dez quilômetros por pessoa.

Essa lembrança me traz outra. Meus primeiros escritores lidos foram: Érico Veríssimo, Cyro Martins e Dyonélio Machado. Ocorre que meu pai, em termos de literatura, só lia escritores gaúchos. Esses três eram seus preferidos, mas também o vi lendo Josué Guimarães e, mais no fim de sua vida, Moacir Scliar. Mas ele lia todos os livros dos seus escritores e relia-os um número incalculável de vezes. Quando criança, às voltas com os livros de Português, Matemática e História da escola primária, livros que lia o mínimo obrigatório e só uma vez, eu não conseguia compreender como é que meu pai estava ali, naquele sofá, de novo com *O Continente*, na mão. As



semanas se passavam e lá estava ele de novo, relendo um livro que eu já o vira ler nem sei quantas vezes. Que sensação de enfado isso me dava! Um dia, um pouco mais crescido, sugeri que fizesse uma marca no livro após cada leitura. Ele bem que tentou: o *Estrada Nova*, que ainda tenho, apresenta uma fileira de risquinhos na última página.

Quando me encontrei pessoalmente, pela primeira vez, com Cyro Martins, já não recorria mais à matemática, havia muito tempo. Recai, por pura ansiedade de me ver frente a frente com um dos meus primeiros escritores, e não pude aproveitar, como gostaria, aquele momento único.

No segundo encontro, durante o almoço, e após a conclusão dos debates científicos, tomamos alguns copos de cerveja juntos, e chegamos a um tema sempre questionado: Só escrevemos um texto literário forte, quando o fazemos

a partir de nossas vivências infantis e adolescentes? Quando nossas vivências coincidem com as de um segmento significativo da população, nosso texto se torna definitivo e até mesmo histórico?

Ernildo Stein escrevera: “Cyro Martins converteu em monumento literário o lado de sombras de nossa realidade”.

Será que Cyro o fez porque o “lado de sombras” esteve muito visível nos seus primeiros anos de vida? Ou seja, será que vale também para o escritor aquela conhecida assertiva: a fruta nunca cai muito longe do pé? Será que somos todos, no fundo, memorialistas?

No final, como o almoço estivesse se esvaziando, já em ritmo acelerado, trocamos algumas lembranças pessoais sobre as vivências de um cidadão que mora no interior.

Sai desse segundo encontro, profundamente gratificado e já pensando no terceiro. Pois Cyro Martins teve a bondade de me convidar para visitá-lo e o fez com insistência, a ponto de me convencer que não iria importuná-lo.

Conforme o combinado, iria telefonar-lhe dentro de alguns dias, avisando quando estaria de novo em Porto Alegre. É claro que eu estaria em Porto Alegre a qualquer dia e a qualquer hora. O que são seiscentos quilômetros para um encontro com Cyro Martins?

Nos dias seguintes, havia dentro de mim uma suave sensação de euforia. Resisti ao ímpeto de telefonar-lhe imediatamente. Aguardei alguns dias mais. E foi então que soube de sua hospitalização.

O terceiro encontro não houve. Porém, conservo dentro de mim alguns dos diálogos que, imaginei, teríamos. Seria o mais gratificante de todos os encontros. O convite recebido foi um grande presente de Cyro. Ajuda a contrabalançar a sensação irrecuperável de perda, perda doída.

Sei que o terceiro encontro corresponde ao desejo e à frustração de todos os que aprendemos a admirar a pessoa e a obra de Cyro Martins. Somos uma legião imensa, na qual não esqueço de incluir meu pai. Resta-me fazer como ele: reler *Estrada Nova* tantas vezes, a ponto de esquecer de enumerá-las com mais um risquinho na última página.

# Mães más



**CARLOS R. S. HECKTHEUER**

m dia, quando meus filhos forem crescidos o suficiente, para entenderem a lógica que motiva os pais e as mães, eu hei de dizer-lhes:

Eu os amei o suficiente para ter perguntado: aonde vão, com quem vão e a que horas regressarão.

Eu os amei o suficiente para não ter ficado em silêncio e fazer com que vocês soubessem que aquele novo amigo não era boa companhia.

Eu os amei o suficiente para os fazer pagar as balas que tiraram da mercearia (ou revistas do jornaleiro) e os fazer dizer ao dono: “Nós pegamos isto ontem e queremos pagar”.

Eu os amei o suficiente para ter ficado

em pé junto de vocês, por duas horas, enquanto limpavam o seu quarto, tarefa que eu teria feito em 15 minutos.

Eu os amei o suficiente para os deixar ver, além do amor que eu sentia por vocês, o desapontamento e também as lágrimas nos meus olhos.

Eu os amei o suficiente para os deixar assumir a responsabilidade das suas ações, mesmo quando as penalidades eram tão duras que me partiam o coração.

Mais do que tudo, eu os amei o suficiente para dizer-lhes NÃO, quando eu sabia que vocês poderiam me odiar por isso (e em alguns momentos até me odiaram). Essas eram as mais difíceis batalhas de todas.

Estou contente, venci... Porque no final vocês venceram também!

E em qualquer dia, quando meus netos forem crescidos o suficiente para entenderem a lógica que motiva os pais e as mães, meus filhos vão lhes dizer, quando eles lhes perguntarem se sua mãe era má: “Sim... nossa mãe era má. Era a mãe mais má do mundo... As outras crianças comiam doces no café e nós tínhamos que comer cereais, ovos e torradas. As outras crianças bebiam refrigerante e comiam batatas fritas e sorvete no almoço, e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas. E ela obrigava-nos a jantar à mesa, bem diferente das outras mães que deixavam os filhos comerem vendo televisão.

“Ela insistia em saber onde estávamos a toda hora (tocava nosso celular de madrugada e fuçava nos nossos e-mails). Era quase uma prisão. Mamãe tinha que saber quem eram nossos amigos e o que nós fazíamos com eles. Insistia que lhe disséssemos com quem íamos sair, mesmo que demorássemos apenas uma hora ou menos. Nós tínhamos vergonha de admitir, mas ela ‘violou as leis do trabalho infantil’. Nós tínhamos que tirar a louça da mesa, arrumar nossas bagunças, esvaziar o lixo e todo o tipo de trabalho que achávamos cruéis. Eu acho que ela nem dormia à noite, pensando em coisas para nos mandar fazer. Ela insistia conosco para lhe dizermos sempre a verdade, e apenas a verdade. E quando éramos adolescentes, ela até conseguia ler os nossos pensamentos. A nossa vida era mesmo chata. Ela não deixava os nossos amigos tocarem a buzina, para que não saíssemos. Tinham que subir, bater à porta, para ela os conhecer.

“Enquanto todos podiam voltar tarde à noite, com 12 anos, nós tivemos que esperar pelos 16 para chegar mais tarde, e aquela chata levantava para saber ‘se a festa foi boa’ (só para ver como estávamos ao voltar). Por causa da nossa mãe, nós perdemos imensas experiências na adolescência. Nenhum de nós esteve envolvido com drogas, em roubos, atos de vandalismo, violação de propriedade, nem fomos presos por nenhum crime. Foi tudo por causa dela.

“Agora, que já somos adultos, honestos e educados, estamos a fazer o melhor para sermos “pais maus”, como a nossa mãe foi.”

Eu acho que este é um dos males do mundo de hoje: Não há suficientes “Mães Más”.

# Acadêmico

## Edy Isaías (1933/2001)

**E**dy Isaías, filho de Eduardo Isaías e Jandira Antunes Isaías, nasceu em Passo Fundo, no dia 16 de setembro de 1933, e aqui mesmo faleceu a 15 de agosto de 2001. Passou seus primeiros anos de vida no Bairro Boqueirão, onde estudou no então Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis.

Como seu pai, militar do Exército Brasileiro, foi transferido para Carazinho, Edy acompanhou a família, concluindo o curso primário na Escola Princesa Isabel e o ginásio, no Colégio La Salle. Retornando para Passo Fundo, cursou o Científico como aluno interno do Instituto Educacional, participando das atividades daquela instituição de ensino, inclusive do movimento escoteiro.

Concluídos esses estudos, prestou serviço militar, inicialmente em Uruguaiana, onde foi cabo sinaleiro, chegando a terceiro-sargento. Já em Passo Fundo, deu baixa e seguiu para Porto Alegre. Ali prestou vestibular para o Curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul, concluindo o curso de Jornalismo.

Nesse período, trabalhou como estagiário e *foca* (jornalista iniciante) nos jornais O Dia, Correio do Povo e Jornal do Comércio, na Rádio Gaúcha. Logo depois, retornou para Passo Fundo, iniciando o Curso de Filosofia, que funcionava junto ao Colégio Conceição, e que acabou sendo concluído na Universidade de Passo Fundo. Ingressou no magistério público estadual, lecionando em Uruguaiana, Erechim e Marau.

Casou-se, em 1959, com Maria de Lurdes Campos, com quem teve três filhos: Edy Isaías Júnior (1960), Eduarda Maria Isaías (1962), Francisco Isaías (1965), e mais um filho de adoção, Luís Antônio Araújo.

Em 1961, fundou o jornal O EX-PRESSO, do qual foi redator e editor.

Em Passo Fundo, sempre exerceu atividades no magistério, destacando-se o trabalho desenvolvido no Colégio (hoje Instituto) Estadual Cecy Leite Costa, como professor do curso de Redator Auxiliar, contribuindo para a formação de muitos jornalistas que

atualmente exercem suas atividades em importantes órgãos de comunicação do país. Além disso, sempre atuou junto ao Movimento Negro, começando pelo Clube Visconde do Rio Branco, fundando o Grupo Zumbi dos Palmares, que iniciou estudos de cultura negra, e recebendo, em 1989, um prêmio internacional pelas atividades desenvolvidas nesse grupo.

Durante muitos anos, militou no Partido Democrático Trabalhista (PDT), integrando o Diretório Municipal e, em 1995, concorreu, como suplente, a uma das vagas a Senador da República.

Integrou, também, a Maçonaria.

Na Academia Passo-Fundense de Letras, ocupou a Cadeira nº 30, cujo patrono é Machado de Assis. Durante muitos anos, pesquisou a história de Passo Fundo e os contos infantis da região, temas sobre os quais deixou material inédito que está sendo organizado por sua família. (PAULO MONTEIRO)



Edy Isaías, com familiares, tendo, à direita, a mãe, a esposa e a neta.



(ARQUIVO FAMILIA ISAIAS)

Edy Isaias, na data de sua posse na Academia Passo-Fundense de Letras, tendo à sua direita a acadêmica Elisabete Souza Ferreira e, à esquerda, os acadêmicos Santo Claudino Verzeleti, Irineu Ghelen e Antonio Augusto Meirelles Duarte



(ARQUIVO FAMILIA ISAIAS)

Edy recebendo faixa acadêmica do então presidente Octacílio de Moura Escobar

## Se você... quiser ser...

### EDY ISAIÁS, in memoriam

ós estávamos falando – ser político em Passo Fundo é uma façanha de herói. O sujeito que fizer política aqui, pode fazer em qualquer lugar do mundo, que tira nota dez e com louvor. Aqui o sujeito enfrenta tudo e todas as nuances da política. Aqui em muitas ocasiões os adversários ficam procurando defeitos para jogar em cima do outro. O sujeito sai candidato e já tem de se preparar, porque vem chumbo e chumbo grosso. Aqui normalmente se procura o sujeito por seus erros, não por suas virtudes.

Mas, apesar de tudo, o político tem que ter um perfil que já vou descrever mais ou menos como deve ser. Deve em primeiro lugar ser muito esperto e inteligente. Pode até ter cara de bocó, mas isto é só para enganar a torcida. Tem de ser de uma grande, uma imensa humildade. Mas que essa humildade não chegue a ponto de se humilhar. Deve ser rápido de raciocínio, mas não louco; deve ser muito e muito original, criativo, dinâmico. Deve ser de sorriso fácil, mas não de andar se arreganhando por qualquer coisinha. Deve ter um jeitão de galã, sem contudo sê-lo. E sobretudo deve conhecer uma porção de gente, dando até para chamá-los pelo nome. Isto pega que é uma maravilha. Enfim, deve ser um sujeito muito conhecido em todas as rodas, ser popular, não vulgar, e entender das coisas, de todas as coisas, entrar e sair das conversas como faca na manteiga. E ser um herói também, sem necessariamente sê-lo. Afinal, beber todo esse coquetel de coisas e digeri-las com um suave sorriso na face. Só isso.



Sessão de posse na APL em 31 de outubro de 2001

# Obrigado!

**GILBERTO R. CUNHA**

ão é fácil escrever sobre si mesmo. E ainda mais em momentos de forte emoção. Pois, não raras vezes, nessas ocasiões se cometem exageros, omissões e super ou subvalorização de fatos e de detalhes. Provavelmente, por essas ou por outras razões, somente agora estou vindo publicamente me manifestar sobre a posse como Membro Efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras (APL), ocorrida no dia 31 de outubro de 2001, no salão nobre do Caixeral Campestre Tênis Clube, às 19h 30min.

Tenho vivido muitos bons momentos em Passo Fundo, desde que fixei residência nesta cidade, em 1991, para trabalhar como pesquisador da Embrapa Trigo. Tanto na vida pessoal quanto na profissional. E, sem dúvida, a posse como membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras foi um deles. E muito significativo, pois, sem qualquer falsa modéstia, antes desse ano, não havia pensado sobre o assunto, e muito menos imaginado que um dia poderia chegar lá. Valeu o incentivo de

amigos e conhecidos para a submissão de minha candidatura a uma das vagas existentes na APL.

Creio ser válido refletir sempre sobre o porquê das coisas. E não poderia ser diferente: não dá para deixar passar despercebida essa minha nova condição de membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Afinal, o que faço eu numa Academia de Letras? Não sou poeta, nem contista, nem romancista, ou praticante sistemático de qualquer outro gênero literário. E, embora até escreva com uma certa regularidade, meus textos não resistem a uma análise, por mais superficial que seja, de qualquer especialista em gramática. Como consolo, alguém poderia contra-argumentar, por exemplo, que Paulo Coelho tem um texto considerado pobre pelos seus críticos e, no entanto, vende milhares de livros no mundo todo. Mas a questão principal não é essa. O que me levou a pleitear uma vaga na APL? Por que fui aceito? Com que motivação cheguei a ela? As respostas a esses questionamentos envolvem muitas coisas. Não podendo ser desconsiderados: um pouco de sorte, alguns méritos, reconhecimento por um

trabalho sistemático de popularização das ciências atmosféricas nos veículos de comunicação, circunstâncias do acaso e - por que não? - algo de vaidade pessoal.

De qualquer forma, gostaria de deixar claro que não me fascinam as titulações acadêmicas. Nem as formalmente obtidas em universidades (bacharelado, mestrado e doutorado) e muito menos as honoríficas. Todavia, tenho um profundo respeito por instituições meritariamente consagradas e por seus integrantes. E este é, sem dúvida, o principal motivo pelo qual me orgulho em pertencer à Academia Passo-Fundense de Letras. Uma instituição que desde a sua origem prestou inestimáveis e reconhecidas contribuições à cultura local. E que também, inegavelmente, viveu momentos de dificuldades, mas conseguiu sobreviver pelo empenho, dedicação e valor de seus membros. Quis o destino que ingressássemos nessa instituição em um momento muito feliz. Em uma época em que a APL vivia a expectativa, após vários anos e tentativas frustradas, de ter novamente a sua sede própria, e que, pelo entusiasmo de sua direção e de seus membros, deverá viver novos tempos.

Procurei palavras para expressar meus sentimentos por ter sido aceito na agremiação, e não encontrei nenhuma mais adequada que dizer: Obrigado! Mais que uma expressão de gratidão - aos generosos espaços que me são concedidos nos veículos de comunicação locais; aos leitores de minhas colunas em O Nacional; ao apoio dado pelos colegas da Embrapa, por parentes, por amigos e por conhecidos na cidade; e aos atuais membros da APL, pelo reconhecimento de mérito nos meus escritos e credenciais para o ingresso nesta casa; mais que tudo isso, representa o compromisso público da obrigação que estou me impondo de trabalhar para dignificar e fazer por merecer a condição de membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras.

Tenho recebido muitos cumprimentos pelo ingresso na Academia. Desde os formais, em nome de associações classistas e empresariais, de amigos, de conhecidos, de colegas de trabalho, até aqueles, surpreendentemente para mim, de pessoas desta cidade cujo nome não sei, mas que identificando a minha imagem em lugares públicos, fazem questão de me parabenizar pelo ingresso na APL; além de se anunciarem leitores de minhas colunas em O Nacional. Mais que cumprimentos e felicitações, também recebi presentes (cestas com flores, livros e vinhos), e, é claro, também fui alvo de muitas brincadeiras sobre a nova condição de "imortal". Desde a clássica: "Os imortais só são imortais devido à morte de seus antecessores", e "o próximo a morrer dará lugar a outro imortal", até perguntas sérias, como se eu sabia



Vista parcial dos acadêmicos em 31/10/2001

o motivo da referência de "imortais", feita particularmente aos membros da Academia Brasileira de Letras. E, para meu maior espanto, dois pedidos de indicação de uma coisa de que eu preciso muito - uma boa gramática - feitos por uma pessoa que está preocupada em escrever melhor e por uma outra que está se preparando para prestar um concurso público. Longe de motivações corporativas acabei indicando aos solicitantes que procurassem o Curso Permanente de Português, Redação e Oratória, do Professor Ironi Andrade.

Voltando ao tema da imortalidade, acredito que esta referência aos membros das academias de letras não tem qualquer relação com a imortalidade pessoal. A imortalidade pessoal se con-

funde com questões religiosas. E é Deus, para quase todo o mundo, o produtor da imortalidade pessoal. A dita imortalidade dos acadêmicos, certamente, é a que se faz presente nas memórias dos outros e nas obras que deixam. E dá-se, acima de tudo, pelo uso da linguagem como veículo para a criação. E a linguagem, por si só, não deixa de ser um bem imortal.

A imortalidade pessoal, por sua vez, tem sido objeto de belas obras literárias. Quase sempre valendo-se dos sentimentos de nostalgia que os bem-aventurados sentem no Céu enquanto pensam na Terra. É o caso de um poema pouco conhecido de Jorge Luis Borges: "*Pienso en Jesús, que se acuerda de la lluvia en Galilea, del aroma de la carpintería y de algo que nunca vio en el cielo: la bóveda estrellada*".

Quanto às referências de imortal que me têm sido dirigidas, carinhosas com certeza, acredito ter deixado claro que também não creio na imortalidade pessoal. Não quero seguir sendo Gilberto Cunha para sempre. Espero morrer sim. Mas, por via das dúvidas, sobre este assunto, vou me permitir tomar emprestado os versos do espanhol Joaquín Sabina, e no original, para não perder a sonoridade: "*Pero, sin prisas, que a las misas de réquiem, nunca fui aficionado, que, el traje de madera, que estrenaré, no está siquiera plantado, que el cura, que ha de darme la extremaunción no es todavía monaguillo*".



Vista parcial dos novos acadêmicos em 31/10/2001

# Castro Alves, o Condor

**ROMEU CARLOS ALZIRO GEHLEN**

Quando ainda freqüentava o curso ginásial, imbuído da idéia de desenvolver alguns dotes literários e de oratória, e animado com o apoio de alguns jovens com os mesmos ideais, fundei o Grêmio Literário Castro Alves. Todos os escritos e anotações dos encontros semanais realizados, que comigo carreguei por muitos anos, perderam-se.

Ironicamente, quando ingressei na Academia Passo-Fundense de Letras, uma das cadeiras oferecidas, dentre outras, era a que tinha como patrono, Castro Alves. Não hesitei nem um instante na escolha. O episódio apresentava-se como um retornar ao tempo ou uma simples continuidade da vida. Os tempos difíceis do então internato agora se transmudavam para um lugar na Academia, sob os mesmos auspícios, como a renovar idéias e entusiasmos. De fato, o homem é movido por idéias e por inquebrantável determinação ditada pelo entusiasmo.

De um certo modo, aparentemente inexplicável, Castro Alves, o poeta da liberdade, caminha ao meu lado. Nasceu exatamente 100 anos antes de mim (1847). Lutou incessantemente na sua breve, mas intensa e profunda existência, pela libertação da escravatura, porque amava a liberdade. Coursou a Faculdade de Direito para poder defender melhor as suas idéias abolicionistas. No apogeu do Império, foi um grito de liberdade.

Castro Alves viveu num tempo da história brasileira marcado por novos traços, de transformação de um país latifundiário, patriarcal e escravagista. Com outros matizes, também este é o tempo que se vive: de transformação social, de busca de libertação do homem, de dignificação do ser humano.

Quando Castro Alves nasceu, instaurava-se a Segunda República, na França. Na Inglaterra, Marx e Engels publicavam o Manifesto Comunista (1848). Era o tempo de grandes figuras brasileiras: Rui Barbosa, Gonçalves Dias, José de Alencar, Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, e Machado de Assis, na leitura de cujas

obras consagrei significativo tempo da minha juventude.

O feroz e belo poema *O Navio Negro*, inserido na obra *Os Escravos*, mostra toda a força do poeta:

“Stamos em pleno mar...Doudo no espaço  
Brinca o luar – doirada borboleta –  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta.”

O condor, ave de porte avantajado e de altos vôos, é o símbolo da poesia que floresceu na última fase do Romantismo brasileiro, fortemente representada por Castro Alves:

“Basta! ...Eu sei que a mocidade  
É o Moisés no Sinai;  
Das mãos do Eterno recebe  
As tábuas da lei! – Marchai!  
Quem cai na luta com glória,  
Tomba nos braços da História,  
No coração do Brasil!  
Moços, do topo dos Andes,  
Pirâmides vastas, grandes,  
Vos contemplam séc'los mil!”

Mas o poeta-condor nem sempre é agressivo. Às vezes é suave e terno:

“Eu amo seus olhos tão negros,  
tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seus olhos que exprimem  
tão doce harmonia,  
Que falam de amores  
com tanta poesia,



Com tanto pudor.

Teus olhos são negros, negros,  
Como as noites sem luar...  
São ardentes, são profundos,  
Como o negrume do mar;

Por isso eu te amo, querida,  
Quer no prazer, quer na dor...  
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!  
Do gondoleiro do amor.”

Castro Alves morreu no esplendor de seus 24 anos, mas pede passagem para provar, por *a, b e c*, que não houve aventura maior que a sua, no céu da literatura brasileira, pois ele cantava a causa justa, como disse o chileno Pablo Neruda, Prêmio Nobel de Literatura, no poema *Castro Alves del Brasil*:

“Castro Alves del Brasil,  
hoy que tu libro puro  
Vuelve a nacer para la tierra libre  
déjame a mi,  
poeta de nuestra pobre América,  
coronar tu cabeza con  
el laurel del pueblo.  
Tu voz se unió a la eterna y alta voz  
de los hombres.  
Cantaste bien.

# Às pessoas especiais que amo

DANIEL VIUNISKI

Feliz o homem que um dia disse:  
- Sempre fui conhecido como Daniel, filho de Moyses, o comerciante...

Com o passar do tempo, passei a ser também conhecido como Daniel, o pai de Nataniel, médico-pediatra, especialista em obesidade infantil, com livros publicados, mencionado em revistas médicas e proferindo aulas e palestras por todo o Brasil.

E, caros leitores, já estou tendo o orgulho de ser conhecido como vó de Verena, com 14 anos, também voltada para as letras. Que orgulho!!!

Verena Viuniski,  
no DIA DA POESIA,  
na cidade de Nova Petrópolis,  
escreveu:

## Além desta Porta

O que poderia encontrar além desta porta?  
Muitos amigos, dólares?...  
Bombons de chocolate ou uma grande torta?  
Talvez alegria, amor?  
Uma platéia atenta, uma criança brincando com fogo?  
Será uma sereia, uma flor?  
Ou todos os deuses jogando o mais belo jogo?  
Não sei o que tem ali.  
Algo que conserte o mundo, quem sabe?  
Poderia ser um livro que não li.  
Um mágico que com a violência acabe?  
Uma nova dimensão?  
Um novo horizonte?  
Levando direto para o coração.  
Aquele que te confronte.  
Seria uma plantação de carinho?  
Seria uma bela horta?  
Um garoto sozinho?  
*O que teria além desta porta?*

(Não preciso mencionar seus nomes, pois elas sabem quem são.)

Eis, caros amigos e eventuais leitores, o que escrevi, em resposta a Verena:

Fecho meus olhos, não importando a existência de claridade ou escuridão...

Os pensamentos superam meus anseios e, no mudo silêncio, procuro encontrar respostas do que ainda não me foi questionado...

Sempre procurei enumerar os principais valores da vida, na ordem de sua importância.

Será que a classificação, em ordem crescente de importância, é a mesma para todas as pessoas?

Coloco em primeiro plano a própria vida. Após, entendo que o segundo grande valor é a liberdade.

Antes de seguir a relação, questiono: – O doente em estado terminal já não está privado de sua liberdade? Ou, para o preso, a reclusão não é a própria falta de vida?

E, diante dessas dúvidas, resolvo não mais seguir uma ordem e apenas mencionar outros valores, tais como a paz, a harmonia, a família, a cultura, a saúde, os sonhos...

Vejo, porém, que não mencionei um, que considero primordial, e sem o qual não teria valor a própria existência...

É a esperança...

Esperança de viver em liberdade, com paz e harmonia, junto aos familiares e pessoas que amamos, com saúde.

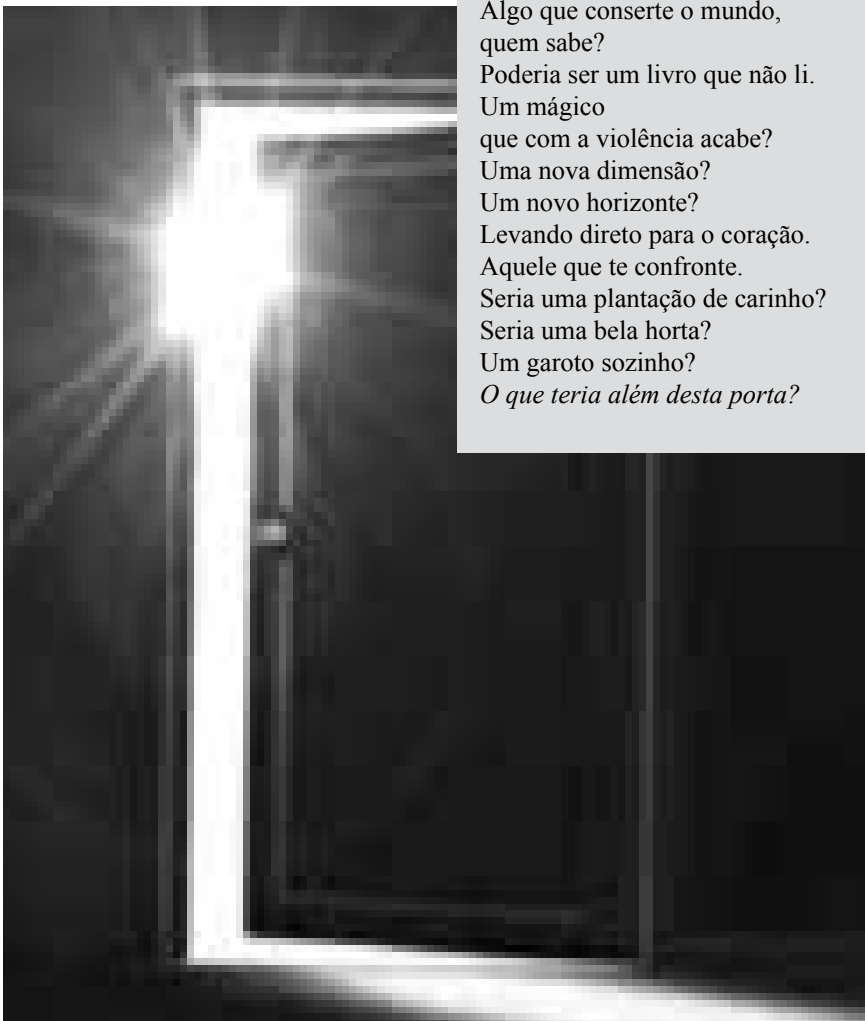
O ser humano tem três grandes fases: a busca, o encontro e a fuga.

Só busca ou foge quem não encontra.

Alguns conseguem ver até a porta. Outros têm a necessidade de abri-la, enquanto os verdadeiros e vencedores conseguem ver muito além da porta, mesmo cerrada.

E lá encontram os verdadeiros valores da existência.

E, o que também é importante, essa porta está sempre diante de nós, ao nosso alcance... Basta querer ir ao seu encontro...



## O encontro das águas

PAULO PRADO



Eu, gelado,  
 Você, frio.  
 Eu meio sujo,  
 Você barrento.  
 Eu, correndo,  
 Você, disparando.  
 E a mesma mãe  
 Nos gesta e empresta  
 O nome aos gêmeos:  
 Rio Ijuí, Rio Ijuizinho!

E é de fininho  
 Que nos encontramos.  
 Sem alarde, nos unimos,  
 Fundimos, misturamos.  
 Um só caudal de águas  
 Rápidas e faceiras,  
 Correndo através da história  
 E das terras missioneiras.

E nesse encontro geográfico  
 Desliza um barco, passa uma balsa  
 Misturam-se fatos, nascem lendas  
 E a mística guarani aqui se alça.

No abraço dos rios Ijuís,  
 Se contempla dos barrancos:  
 Nadam índios, nadam brancos,  
 Nadam capivaras e lambaris.  
 Voam araras, voam colibris.

# Auto do livro

RICARDO JOSÉ STOLFO

palavra, desde sua invenção, tem lá suas magias, pois conserva algo de simbolismo e um pequeno grande mistério sempre envolto, talvez, insondável.

O livro é a sua revelação mais palpável, mais atraente e provocativa. Logo que a criança toma conhecimento dele, sente-se fascinada pela sua magia. Popucha é uma dessas crianças maravilhosas, e cedo descobriu o encanto das palavras.

- Livrinho? Legal! - exclama, fixando os olhinhos no recém-descoberto amigo. Este retribui com um diálogo permanente, aberto.

Com o passar dos dias, outros livrinhos de letras graúdas e cores brilhantes espalham-se pela sala, no sofá. A casa inteira parece compreender a nova alegria, a nova descoberta da pequena criatura.

Alguém precisa ficar disponível para as solicitações:

- Leia! Leia!  
 - Qual que você quer?

Sua mão delicada toma a historinha próxima, mas ela tem opções e pede a outra preferida.

Depois sossega, senta e escuta com atenção especial em completo silêncio. Até o fim.

Reprimendas? Nenhuma. Não há lugar nem tempo para tais invencionices desnecessárias, impróprias para esse momento da criança feliz.

Outro dia, tomou uma cadeira, encostou na estante alta e puxou um livrão com a flora e a fauna inteira, a cores e a seu inteiro dispor. Em pouco tempo, percorreu os trópicos, a Antártida, num passeio repleto de surpresas e deveras aliciante. Em poucas horas, vasculhou e conheceu os oceanos, os peixes, o tubarão, a baleia; os continentes, as feras, o leão, a jibóia; os

pássaros, a coruja, o beija-flor, enfim, um mundão de coisas e animais.

Este ano, Popucha entrou na escola pela porta do jardim, um ambiente algo maior que seu lar, com uma turminha numerosa, inquieta e barulhenta. Os encontros diários e as festas fizeram nascer nela outros laços de amizade.

Sua atenção, porém, está centrada nos cartazes, nos papéis coloridos, nos seus prediletos livrinhos que a escola oferece, detonando visível e profunda paixão.

Certa ocasião, no momento do recreio, Popucha afastou-se dos colegas, seguiu um longo corredor, chegando a uma sala enorme, cheia de livros. Quedou estática e maravilhada com tudo aquilo à sua frente.

- Mamãe! Mamãe! Ali no fundo do colégio, uma sala grandona está cheia, cheia de livros.

- Você quer um? - perguntou a mãe, disposta a atender qualquer pedido da filha.

- Sim! - respondeu, dando um beijo de felicidade.

No caminho para casa, a mãe tentou explicar, e ela ficou sabendo que muitas crianças não possuem nenhum livrinho para ler ou mesmo para escutar historinhas. Mas Popucha não entende como isso ainda pode acontecer.



# Duas grandes emoções na Jornada de Literatura

**ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA**

lém de contato com a grande literatura, a 10ª Jornada Nacional de Literatura, promovida pela UPF e pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, cujo tema deste ano foi: Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão, proporcionou-nos momentos de grande emoção. Para começar, no dia 26/08, na abertura, tivemos pela primeira vez a presença de um Ministro de Estado na Jornada: O Ministro da Educação, Dr. Cristóvam Buarque, falou o que queríamos ouvir: melhora na educação, melhora na qualificação dos professores, inclusão e mais inclusão. Foi bom ouvi-lo, dissipou um pouco aquelas críticas maldosas que têm cobrado 500 anos em um, do Presidente Lula.

## Emoção I

Ainda neste dia de abertura, tivemos a palestra com Roger Chartier abordando “A leitura no contexto do século XXI”. Ele comentou aspectos gerais da origem do livro (enquanto objeto e enquanto valor), fez algumas considerações sobre os passos que a leitura tem percorrido: palavras em manuscritos, em impressos e em versão digital, ou seja, a influência da informática na mudança de hábitos de leitura. Além dessa visão histórica, citando datas e similares, ele citou o grande desafio que nos ronda, que é a inclusão das pessoas num mundo cultural globalizado, sem que percam sua identidade cultural própria. Ilustrou estes comentários com a questão do idioma. Segundo ele, mais de 50% do domínio da cultura digitalizada está no idioma inglês, mais especificamente, aos cuidados dos EUA. Isto é perigoso, pois, ao absorver a tecnologia e as informações, o leitor absorve também o modelo cultural de forma implícita. Sua palestra foi interrompida devido ao tempo, pois era dia de abertura e a solenidade se estendeu um pouco, mas, em síntese, a preocupação manifestada por ele foi esta. Já em sua palestra no II Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio, promovido pela

Universidade de Passo Fundo, Brasil, e pela Universidade de Extremadura, Espanha, cujo tema foi “Mitos e Tradições Populares, lecturas abiertas para el siglo XXI”, o pesquisador, considerado por muitos, como um dos maiores especialistas na história do livro e da leitura, atualmente Diretor de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, abordou o tema *Mitos e Tradições populares*, citando muitas passagens de Cervantes, no D. Quixote.

O estudioso francês comentou que a literatura não apenas conta, mas ela também julga. D. Quixote acusa Sancho de ignorância ao ouvir seus “causos”, como se a Literatura escrita fosse a verdade oficial e a do povo, mentira. Ao passo que a do povo, em geral, é a legítima. Chartier ainda citou algumas contradições, no que tange à leitura, e fez reflexões sobre elas. A saber:

**1. A construção de um novo público leitor.** Segundo o pesquisador, assim como o aumento de leitores, o de leitura amplia a cosmovisão das pessoas, massifica o conteúdo, a informação. Como se o escrito matasse o oral. Ressaltou a importância de se separar o que é literatura e o que é mercado. Fez um passeio pela origem do livro e contou que, no princípio, a palavra viva era a verdadeira, a escrita era a corrupção disto. A boa literatura então deve transitar pela ficção sempre deixando uma margem para a pergunta: mas será que seria possível isto acontecer de verdade? Unindo o prazer de querer crer e a dúvida.

**2. Legitimidade e falsidade na produção dos textos.** Citou que alguns autores tentam escrever como o povo, mas usam metáforas e palavras que o povo jamais usaria, assim como fazem uso de valores que o povo não faria; ressaltando, portanto, a importância do

original.

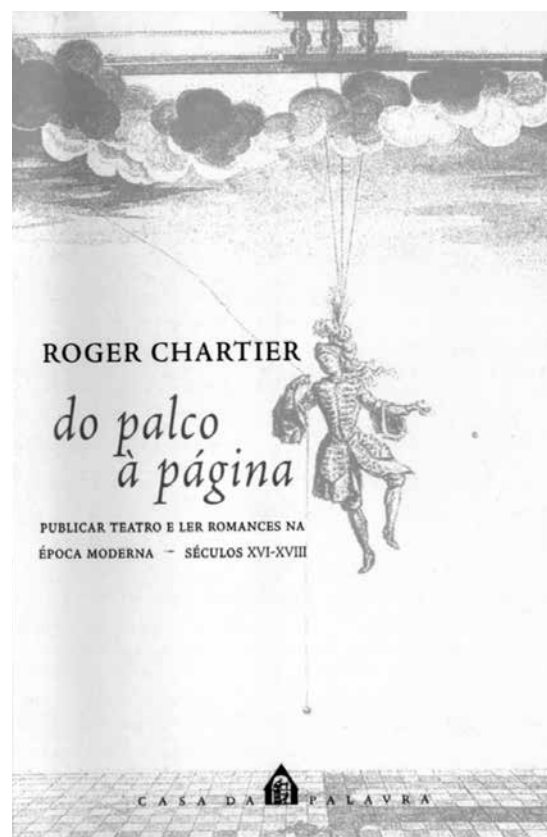
**3. Contextualizar a literatura.** Abordou a literatura como registro de seu tempo, sua estética, seu mundo. Ressaltou a importância de se contextualizar sempre a obra na sua própria época, para poder absorver com mais intensidade o seu conteúdo, inclusive, podendo assim verificar sua legitimidade.

Leitura obrigatória para nós, que amamos as letras, Chartier vem respaldar uma tendência da maior parte das pesquisas em leitura e literatura: localizar a verdadeira identidade do povo, através de seu patrimônio cultural registrado em seus contos populares.

Para conhecer melhor Roger Chartier, busque, entre suas tantas obras:

1. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1999.

2. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII).** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.



## Emoção II

À noite, primeira oportunidade em que o público da Jornada ficou absolutamente em silêncio, em muitos anos, Frei Betto falou sobre aspectos de inclusão social na América Latina, Fome Zero e sobre a importância da literatura como elemento de resistência e libertação do indivíduo e do povo. Acabou-se por concluir que ele realmente pode ser um homem santo, nos moldes que o mundo costuma proclamar. Sua fala de libertação e a favor dos pobres e sofrendores de violência ficou entre a poesia e a fala sagrada. No dia seguinte, 27/08, antes do debate sobre “Violência X Cidadania”, Frei Betto foi novamente pontual e brilhante, nos moldes que já expus acima. Um aparte importante e justo, é comentar sobre Marcelino Freire (FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000) que, como os outros autores, apresentou, ilustrando com sua obra, a literatura como testemunha e grande fonte de protesto e denúncia da violência, bem como de apoio à cidadania. Usando uma fala escrachada, como se apresenta em seus trabalhos, disse que fala assim porque denuncia coisas graves e tristes e que não achava certo ficar enfeitando o que é terrível. Leu um de seus contos e encantou a todos.

Porém, voltemos a Frei Betto. Para quem quer conhecê-lo melhor, bem como as suas idéias, pode começar por um livro chamado **O vencedor** (Frei BETTO. *O Vencedor*. São Paulo, Ática, 2003). Este, conta a história de um casal que, muito jovem, sem querer, acaba envolvendo-se no perigoso mundo do tráfico de drogas, como usuário, por algum tempo. Mais maduros, achando que tudo havia passado, ambos começam a ter uma vida sadia, mas o tempo vem cobrá-los das atitudes passadas. O filho mais velho envolve-se com drogas e leva a família à ruína financeira e a um sofrimento intenso, embora, em paralelo, este transtorno os faça pessoas melhores, mais dedicadas umas às outras e, principalmente, os faz pessoas honestas.

A história de Frei Betto tem tudo para não dar certo como literatura. Traz cenas de seriado de TV, cenas de *high society* bem a gosto das famosas novelas das oito e, para completar, um tema quase vulgarizado, posto que vende muito: as drogas.

“Do bolso interno do paletó, Lucânia puxa a carteira de couro italiano. Abre o zíper dourado e pinça um pequeno papel



Ana Carolina e sua filha durante a 10ª Jornada Nacional de Literatura

muito bem dobrado. Estende-o a Mário. Do outro bolso tira um caderninho e um lápis, risca o número 12 ao lado da letra M e escreve “13” “(...) – Beleza, já me seguro bem esta noite – exclama, refazendo as dobras de papel. Guarda-o no bolso e muda de assunto. – E o nosso esquema, tudo na moita?” (pág. 10).

“No recreio do colégio Boston, Pedro aproxima-se de Clara.

- Onde posso descolar um baseado? (...)

- Sabe, o pipoqueiro que fica do outro lado da rua, junto à banca de jornais? Peça pipoca sem sal.

- E quanto é?

- Nada, o cara pirou. Deve ter plantação de maconha no fundo do quintal.

À saída, Pedro dirige-se ao pipoqueiro indicado.

- Tem pipoca sem sal?

- O homem estende-lhe o saquinho de pipoca e recebe dinheiro. Pedro come as pipocas e, no fundo, enroladas num plástico, encontra duas trouxinhas de maconha.” (pág.59).

Mistura de chavões, esta obra poderia ser enquadrada como mais um texto comercial dedicado a este filão de consumidor chamado “escola”, que usa os cotidianos de muitas famílias conflituadas para despertar seus alunos para o perigo das drogas, ou similares.

Seria fácil carimbá-lo como um livro paradidático, mais do que literário. Porém, ao nos reportarmos ao autor de

“O Vencedor”, tudo isto muda, pois Frei Betto é de verdade e da verdade. Nascido em Belo Horizonte, em 1944, estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano, é recebedor de diversos prêmios literários, assessor da Pastoral Operária e de movimentos populares, colabora com vários jornais e revistas. Atualmente é o coordenador do Programa Fome Zero do Governo do Brasil. Homem comprometido com as causas sociais, percebe-se que seu livro não é comercial, é sincero. Sua intenção é promover a discussão sobre as causas maiores dos problemas que afetam a sociedade brasileira e planetária, como um todo.

Lendo o texto com a consciência de que ele é para ser tido como arte e como ferramenta de transformação, este passa a ser extremamente emocionante, bem feito, bem construído. Temas como tráfico de drogas, dependência química, traumas psicológicos, carências afetivas, saem da realidade brasileira e adaptam-se perfeitamente à realidade internacional, universalizando a obra, através das experiências de *Freud*. A cocaína, principal fio condutor da história, acaba tendo um julgamento justo. Toda a história a acusa, mas *Freud* a defende: “Talvez possas imaginar o misto de apreensão, curiosidade e satisfação que sinto. Gravata branca, luvas brancas, e até camisa nova, um cuidadoso corte nos cabelos que restam, etc. Um pouco de cocaína para desatar-me a língua”

(pág.115).

Com o crédito das palavras de *Freud*, age o principal criminoso: *Mister Big*.

“Prossigo em minha política de liberar a droga. Quero aplicar no ramo, vender arrogância paradisíaca em papéletes de seda, sob controle oficial, como ocorre a quem fabrica uísque no fundo do quintal. E os viciados não seriam mandados para a cadeia, e sim para as clínicas, como acontece aos alcoólatras. Para isso, conto com a venerável ajuda do doutor *Freud*” (pág. 156).

Loucura e ganância dominam o mundo de O Vencedor. Para Frei Betto, dominam ainda mais; a avidez pelo poder e pela ostentação. No livro deste homem santo, a coacina perde. Para vencê-la, o amor é o principal aliado. Também deixa entender que a vitória compreende: honestidade na polícia, no governo, bem como a solidariedade; fundamentais para o processo de reconstrução da sociedade e da família com paz, saúde e prosperidade.

Por Frei Betto, por Chartier, por Freire, por Nelly Novaes Coelho, por tantos outros escritores maravilhosos, pelas obras de arte, pela música, pelo teatro, pelos amigos, pelos colegas professores, encontrados pelos caminhos da lona santa da Jornada, preciso admitir: jamais seríamos os mesmos, sem ela; ou ainda, sem ela jamais seríamos os mesmos, nem os outros (novos) em que nos tornamos, a cada edição.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, infantil e infanto-juvenil. Mestre em Comunicação Social e oficina / bonequeira de teatro de bonecos. Acadêmica da APL – Cadeira nº 17, cujo patrono é Ernani Guaragna Fornari, poeta, novelista, romancista e teatrólogo gaúcho, nascido em 1899 e falecido em 1964).

#### Obras de Ana Carolina

- RÖSING, Tania M.K. e SILVA, Ana Carolina Martins da. *Práticas Leitoras para uma cibercivilização*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Série Mundo da Leitura. Vol. I.
- RÖSING, Tania M.K. e SILVA, Ana Carolina Martins da. *Práticas Leitoras para uma cibercivilização II: 500*

*anos de Brasil: memórias que nossa consciência não escolheu*. Passo Fundo: EDIUPF, 2001. Série Mundo da Leitura. Vol. II.

- SILVA, Ana Carolina Martins da. *A VIOLÊNCIA no âmbito da série Vaga-lume* In RÖSING, Tania M.K. (ORG.) Da violência ao conto de fadas: o imaginário, meninos de rua, meninos de escola e adultos desescolarizados. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Série Mundo da Leitura.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. *Um ipê no coração*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. *Piedade: Ponte ou Muralha?* Bento Gonçalves: Grafite, 2001.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. *Poesia do Brasil In Antologia (org) Ademir Antônio Bacca*. Bento Gonçalves: Grafite/ Projecto Cultural Sur: 2002.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. *A Pedagogia do Teatro de Bonecos - um caso acontecido em Passo Fundo*. Passo Fundo: Aldeia Sul. (No prelo).



## Poesia

**ANA CAROLINA M. DA SILVA**

### Piedade

Piedade... ponte ou muralha.  
Peço piedade  
Como quem pede socorro – milagre.  
Peço piedade  
como se do céu descesse a cura  
Dos males.

Quero tanto crer –  
tanto crer – que creio.  
Quero tanto ver – que vejo.

Espero. Creio. Vejo.

Peço que a piedade  
torne o homem  
Inteiro –  
Mente e coração.  
Homem e meio – pé e mão  
Homens – lado a lado-  
Multiplicados  
Em liberdade e construção.

Não peço piedade  
como solução – como muralha  
de lamentação.  
Peço piedade  
como ponte para a transformação.  
Quero vida. Na sua plenitude.  
E vida tem de ser vida  
para todos,  
Se não...

### Civilização

O índio na beira da estrada  
vendendo balaio  
é tão triste quanto  
o pássaro nativo  
cativo  
que ele também oferece.  
Dois recortes da colonização.  
Um irmão vende o outro  
para sobreviver,  
enquanto os dois,  
vão morrendo aos poucos  
na miséria, no álcool,  
no cárcere do asfalto,  
sanga de pedra  
que singra  
que sangra  
esta nação.

# Passo Fundo - terra de ficar

LINDOLFO KURTZ

Por muito tempo, especialmente em fins do século 17 e no século 18, esta região do Planalto, onde se situa a cidade de Passo Fundo, não era mais que uma rota de ligação entre a região das Missões e a Província de São Paulo, especialmente Sorocaba, através de Lages. O município paulista era uma grande feira de muares, que eram adquiridos na Província de São Pedro e negociados para outras regiões, especialmente Minas Gerais e Nordeste brasileiro. Assim, transitavam por aqui não só tropeiros paulistas e birivas, mas também colonizadores, guerreiros, aventureiros de toda ordem. A posição geográfica do município era estratégica. Ficava no caminho por onde menos dificuldade haveriam de enfrentar.

Naqueles distantes tempos, o Mato Castelhana, aqui perto, era uma floresta imensa que, para ser atravessada, exigia um dia inteiro de penosa viagem por picada precária. Havia ainda o perigo dos índios e onças que não raro apareciam, apavorando os viajantes. Saindo da floresta, bem logo encontrariam um rio que teriam de atravessar num passo fundo (daí surgiu o nome do município). E, subindo a coxilha (hoje Avenida Brasil Leste), iriam descansar da penosa jornada num local aprazível, à beira do mato que contava com uma excelente fonte de água límpida, a qual era alcançada através de uma picada de uns 200 metros. Essa fonte é hoje o Chafariz da

Mãe-Preta.

Devidamente refeitos, depois de algum tempo, reiniciavam os viajantes a longa jornada com destino, principalmente, às Missões. Ocorre que muitos terminavam adaptando-se ao lugar e resolviam ficar morando aqui. Aos poucos, foi-se formando o pequeno núcleo, com cabanas construídas de pau-a-pique, estuque ou ainda de costaneira, cobertas de bicas de pinheiro ou capim-santa-fé. Esses ranchos eram erguidos próximos uns dos outros, por questões de segurança, e se localizavam mais ou menos onde hoje é o Colégio Fagundes dos Reis. Não era somente por segurança, mas também por ficarem à beira do mato e da fonte de água límpida.

Mesmo que o Cabo Neves tenha sido o primeiro morador com ânimo permanente, sua morada se situava onde é hoje a Praça Tamandaré. Parece que os demais que resolveram aqui ficar preferiram construir seus ranchos, no local que haviam escolhido para apenas um descanso. Assim nasceu o Boqueirão. E a partir daí Passo Fundo iniciou a vagarosa transição de terra de passagem para terra de ficar.

Hoje, Passo Fundo é a bonita e hospitaleira Capital do Planalto, com algumas deficiências que todas as cidades têm, mas com qualidades e recursos que poucas possuem. Há pessoas que reclamam tudo daqui. Nada é bom. Nada está certo. Resmungam seu mal-humor

o dia inteiro. No mínimo, demonstram desconhecer a realidade e culpam a cidade pelos seus problemas pessoais. Reclamam, mas não se mudam daqui. Querem ficar.

Não temos riscos de enchentes. Nossas indústrias não são poluentes. Nossas ruas, quase todas largas e bem asfaltadas. Recursos médico-hospitalares dos mais avançados. Uma universidade de excelente qualidade, moderna, realizadora. Eventos os mais diversos, pode-se dizer que existem durante o ano todo, alguns de altíssimo nível e importância. Comércio forte com destaque para a rede de supermercados.

Mas a prova maior de que Passo Fundo é terra de ficar, está no imenso número de profissionais, dos mais variados setores, que para cá são transferidos e terminam se aposentando, para não terem que sair daqui e dar continuidade à sua carreira profissional. Quantos juízes e promotores, filhos de outras terras, se fixaram em Passo Fundo. Militares aqui serviram e, na reforma, voltaram para fixar residência definitiva. Um deles até foi eleito prefeito. Gerentes de bancos, principalmente dos estabelecimentos oficiais, aqui permanecem ao se aposentarem.

Aliás, conheço um gerente de banco que, feliz na sua cidade, recebeu um telefonema da direção, dizendo-lhe que tinha sido transferido para Passo Fundo. Sua surpresa e desgosto foram tão grandes que perguntou: “O que é que eu fiz?”. Um ano depois de aqui trabalhar e morar, tão bem adaptado estava, que mantinha em sua gaveta, bem em ordem, toda a documentação necessária para se aposentar, caso a direção do banco quisesse transferi-lo. Sei também de muita gente que foi embora com intenção definitiva, mas que estava de volta algum tempo depois. Eram felizes aqui e não sabiam.

Não vou dizer que não temos problemas e deficiências. Mas, quando uma cidade não tem qualquer problema, é porque está parada. Não está progredindo, porque o progresso não é mais que a resolução de necessidades que a cada dia surgem. Aí é que se vê o talento dos administradores e a participação ativa da comunidade.



Vista parcial do centro de Passo Fundo

(ARQUIVO ON)

# Um olhar sobre a primavera em Passo Fundo

HUGO LISBÔA

primavera parece trazer uma nova vida à cidade. Os ipês e os jacarandás floridos brindam-nos com suas cores brilhantes e a agitação da cidade evidencia a chegada do calor.

A Avenida Brasil está mais bonita, tanto pela vegetação quanto pelos monumentos construídos mais recentemente, como a Caravela, a Vela com a Cruz ao centro, em frente à igreja São Vicente e, por último, o bellissimo monumento sobre a redução jesuítica de Santa Tereza dos Pinheirais, no Boqueirão. Parabéns ao autor, engenheiro Ubiratã Oro, pela sua criatividade.

A cidade muda a cada estação. Nos domingos, a moçada se reúne na Ave-



nida Brasil, circulando em frente ao colégio Notre Dame e adjacências. Antes o epicentro era o Bar Bacardi e agora é o Natus Drive, uma quadra mais para o lado do centro. Em alguns pontos, os rapazes encostados nos carros estacionados, disputam competições para ver quem põe a música mais alta. O som varia desde um *reggae* jamaicano até os sertanejos (argh!), tipo Leandro e Leonardo. A poluição sonora tem sido mais bem fiscalizada, pois as pessoas da vizinhança ficam como ouvintes passivos o que, dependendo da música e do volume, pode ser uma tortura indescritível.

O Museu Ruth Schneider já é um marco da parte movimentada da cidade, com seus longos cartazes que dão um ar de cidade grande ao Passinho. Ao lado, o Teatro Múcio de Castro, com uma agenda de espetáculos contínua, nos insere no roteiro das artes cênicas do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O prédio da Academia de Letras, que o prefeito Osvaldo Gomes teve a determinação e a coragem de iniciar e terminar, complementa o conjunto arquitetônico que dá àquela parte da cidade um aspecto único e interessante.

Os *shoppings* ficam movimentados inverno e verão, e com seus cinemas, restaurantes, boliches e bares são um atrativo seguro para a alternativa das ruas.

Passo Fundo, há pouco tempo atrás, parava nos fins de semana. Havia, é claro, futebol, missas e cinemas, mas havia muito pouco movimento. Tinha

um clima bucólico, típico de cidade de interior. Hoje não, sábados e domingos se confundem com os dias da semana.

Ainda há muitas coisas a serem feitas para a cidade acolher sua população. As calçadas, por exemplo, são um lixo. Todas esburacadas, com pavimento irregular que junta água quando chove. Os indivíduos com deficiência física, que usam cadeiras de rodas, não têm como se locomover na cidade. O mesmo ocorre, com menor gravidade, para mães com seus carrinhos de nenê ou carrinhos de compras de supermercado. Na estação rodoviária, que é muito desconfortável e feia, não há rampas para superar os degraus, e por isso se tornam inúteis as malas com rodinhas.

Num futuro próximo, ocorrerão as festas de formatura e de encerramento de ano, e a cidade enche-se de visitantes. O único inconveniente das festas é que algumas pessoas cultivam primitivos costumes tribais, onde todas as festividades devem ser acompanhadas de foguetório. Para crianças, enfermos e pessoas que não curtem barulho é realmente um saco.

Mas estamos indo. Há construção de canteiros na Avenida, na Petrópolis, uma grande mudança que aumentou a beleza da cidade para aqueles lados. Há uma preocupação de mudanças para tornar a cidade cada vez mais aprazível, para poder receber seus habitantes e visitantes, com toda a deferência que eles merecem, na entrada de todas as estações.

# Educadora até no que escreve

Orfelina Vieira Melo é uma educadora por vocação. Vive, respira e escreve educação. Literalmente, não escreve sobre, mas escreve educação.

Ela nasceu em Passo Fundo, no dia 12 de agosto de 1939. Concluiu o ginásio e o curso normal no Colégio Notre Dame, e Pedagogia na Universidade de Passo Fundo. Lecionou em várias escolas de sua terra natal e na Faculdade de Filosofia de Palmas (PR), da qual foi diretora, e na Universidade de Passo Fundo. Tem quatro livros publicados.

“Comecei a escrever mesmo em 1992 – conta Orfelina – porque senti necessidade de partilhar com os outros um pouco de minha experiência de vida. Eu já trabalhava no Grupo Pró-Memória, mesmo antes dos movimentos da terceira idade.

Meu objetivo – continua – é partilhar essas experiências. Por isso escrevi meu primeiro livro, *Espiritualidade na Terceira Idade*, que já está na quinta edição, em nível de Brasil e até do exterior, pela Editora Ave-Maria, de São Paulo. Depois vieram *O Idoso Cidadão* (1993), *Aposentadoria ou Castigo* (1995) e *Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo* (1998).”

Falando de planos futuros, acrescenta que já tem alguma coisa prevista, a pedido da Editora Ave-Maria, que pretende publicar livros de pequeno formato para serem lidos em metrô. A obra já tem até título: “Envelhecer com Dignidade”, e será escrita por temas.

Orfelina Vieira Melo acha que escrever é uma forma de partilhar a vivência e reunir num mesmo espaço algo que se relacione com um determinado assunto. “É, inclusive, uma

(ARQUIVO APL)



Orfelina Vieira Melo

forma de realização, pois a gente descobre que tem potencialidades, que não vêm de graça, mas que é preciso lutar por isso. Um livro não deixa de ser um outro filho, que é lançado ao mundo”.

A escritora vê a literatura como uma forma de aprimoramento próprio e dos outros, tanto que não considera seus livros como literatura, no sentido propriamente dito do termo, mas no sentido de aprimoramento humano. “Quando dividimos nosso mundo com os outros, através da obra escrita, estamos partilhando experiências. Tenho em vista sempre o aspecto da educação, pois escrevo para ajudar os outros a se aperfeiçoarem no que fazem”.

“No caso do *“Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo”* creio ter contribuído para mostrar, especialmente aos jovens, que as coisas não surgem do nada, mas sempre há pessoas trabalhando para produzir bens culturais”, concluiu Orfelina Vieira Melo. (PAULO MONTEIRO)



## Educação – nessa eu aposto

ORFELINA VIEIRA MELO

Educar ainda é, hoje, o grande impulso da humanidade.

Pessoa bem educada é um tesouro para si, para os amigos, familiares, e resulta em diferencial para o cidadão e para a sociedade.

Onde a educação está ausente, precária ou deturpada, cria todo um desequilíbrio pessoal e social que repercute nas relações e interferências coletivas.

A educação é a mola propulsora para o aprimoramento cultural, social, econômico e até espiritual de um povo.

Investir em educação é creditar para o presente e para o futuro. Não apenas os governantes têm o dever de proporcionar a melhor educação possível aos seus liderados. Investir em educação e cultura não é gasto em vão, mas é o melhor uso de recursos em transformação humana e aprimoramento das potencialidades existentes. Ajuda a desabrochar o que qualquer pessoa e o grupo podem ter de positivo, de criativo e de construtivo, porém, muitas vezes, ficam adormecidas as qualidades salutares e, no seu lugar, afloram aspectos negativos e prejudiciais ao “bem viver”.

Educador que trabalha com consciência e responsabilidade aposta na esperança de um mundo muito mais humano, solidário e fraterno. Pelo que se observa hoje, os profissionais da educação não estão muito motivados e alguns até estão descrentes da força poderosa da educação transformadora.

O mundo, o Brasil e a sociedade local alimentam expectativas promissoras para o futuro dos jovens e das crianças, que atualmente têm oportunidade de frequentar escolas e se preparar para ser cidadãos dignos, responsáveis e criativos.

Assim entendida a educação, eu acredito num mundo melhor.

(Orfelina Vieira Melo é titular da Cadeira 03 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o escritor Alcides Maia)



# Ata da sessão de fundação do "Gremio Passofundense de Letras"

Aos sete dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e oito, no salão nobre da Prefeitura Municipal, às 20,30 horas, presente a maioria dos que, anteriormente, resolveram fundar o "Gremio Passofundense de Letras", levantou-se o Revdo. Sante Umberto Barbieri que propoz fosse aclamado presidente da sessão o Snr. Arthur Ferreira Filho, prefeito municipal, com poderes de designar os auxiliares na Mesa. Assim aclamado presidente o snr. Arthur Ferreira Filho assumiu o logar principal da Mesa, convidando para secretario o snr. Verdi De Cesaro que ocupou o logar digo o seu posto. Agradeceu o Presidente a honra da escolha, saudando o Gremio pela auspiciosa sessão de fundação, prenuncio de um vasto descortínio para o engrandecimento moral, civico e intelectual do mais importante dos municipios da Região Serrana.

Em seguida o Rvdo. Sante Umberto Barbieri pediu a palavra e expoz o seu pensamento em torno da entidade literaria, que se estava fundando, dizendo o que o levava a congregar os intelectuais de Passo Fundo para a presente reunião, falando do pedido que recebera da "Academia Riograndense de Letras" para, como seu delegado, por em execução nesta cidade o plano da "Federação de Letras" do Brasil, bem como, traçou em linhas gerais as finalidades essenciais do Gremio. Serenados os aplausos que sucederam às ultimas palavras do orador, o Presidente passou a deliberar com a Assembleia os pontos que deveriam ficar assentados para o normal funcionamento do Gremio até que fosse organizado definitivamente de acordo com as normas que serão estabelecidas pela "Academia Riograndense de Letras". Depois de uma longa troca de ideias ficou deliberada a eleição, por escrutínio secreto, de uma diretoria provisoria composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario geral, um 1º. secretario, um 2º. secretario, um tesoureiro e um bibliotecario, cuja diretoria tomaria a direção do Gremio até a esolha da que fosse eleita de acordo com os estatutos que serão elaborados. Procedida, após, a eleição, foi verificado o seguinte resultado:

Para presidente:

Arthur Ferreira Fº. com 10 votos  
Sante Umberto Barbieri com 6 votos

Para vice-presidente:

Gabriel Bastos com 9 votos  
Sante Uberto Barbieiri com 4 votos  
Celso da Cunha Fiori com 1 voto  
Armando de Souza KanTERS com 1 voto  
Tulio Fontoura com 1 voto

Para secretario Geral:

Sante Uberto Barbieri com 14 votos  
Verdi De Cesaro com 1 voto  
Tristão Ferreira com 1 voto

Para 1º. secretario:

Verdi De Cesaro com 9 votos  
Daniel Dipp com 2 votos  
Tulio Fontoura com 2 votos  
Aurelio Amaral com 1 voto  
Athos B. da Rosa com 1 voto

Para 2º. secretario:

Lucila Schleder com 14 votos  
Celso da Cunha Fiori com 1 voto  
Sabino Santos com um voto

Para tesoureiro:

Daniel Dipp com 10 votos  
Tristão Ferreira com 4 votos  
Tulio Fontoura com 1 voto  
Sabino Santos com 1 voto

Para bibliotecário:

Athos Branco da Rosa com 13 votos  
Daniel Dipp com 2 votos  
Tristão Ferreira com 1 voto

De acordo com o resultado apurado a diretoria provisória ficou assim constituída: Presidente: snr. Arthur Ferreira Fo.; Vice-presidente: snr. Gabriel Bastos; Secretario Geral: Rvdo Sante Umberto Barbieri; 1º. Secretário: dr Verdi De Cesaro; 2º. secretario: srta Lucila Schleder; tesoureiro: Daniel Dipp; Bibliotecario: - A. Athos Branco da Rosa.

Em seguida o Revdo Sante Uberto Barbieri propoz que o Gremio comemorasse festivamente o proximo dia 14 de abril, dia Pan-americano, em cuja solenidade seria empossada a diretoria provisoria. Aprovada a sugestão o snr Presidente escolheu a seguinte comissão para tratar dos festejos do dia Pan-Americano: Revdo Sante Uberto Barbieri; dr Armando de Souza KanTERS; srta Lucila Schleder, snr Tristão Ferreira; e dr. Verdi De Cesaro.

Para tratar da escolha de um predio proprio para a séde do Gremio o snr Presidente designou a seguinte comissão: snrs Gabriel Bastos, Tulio Fontoura, Tristão Ferreira e dr Armando de Souza KanTERS. O snr Heitor Pinto Silveira pedindo a palavra propoz, e justificou, que fosse consignado em ata um voto de louvor ao Revdo Sante Uberto Barbieri, homenagem devida pela dedicação e entusiasmo que dispensara para a fundação do "Gremio Passofundense de Letras". A proposta foi aprovada unanimemente com uma prolongada salva de palmas.

As 22 horas, o Presidente declarou que ia encerrar a sessão, convidando todos os presentes para uma reunião terça-feira, 12 de abril, em local que seria designado. E, para constar lavrou-se esta ata, que vai por todos os presentes assinada.

Em tempo: Ao ser lida a presente ata a sua aprovação, pediu a palavra o snr Daniel Dipp para solicitar que ficasse consignada a proposta do snr Tulio Fontoura, que foi aprovada pela Assembleia, referente a doação do primeiro livro à biblioteca do Gremio, pelo Revdo Sante Uberto Barbieri, livro este da sua autoria. E para constar lavrou-se a presente ata que vai por todos os presentes assinada. Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bstos, Sante Uberto Barbieiri, Verdi De Cesaro, Lucila V. Schleder, Daniel Dipp, Heitor P. Silveira, Tristão F. Ferreira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Oscar Kneipp, Celso Fiori, e Tulio Fontura.

(Transcrição fiel do original).

# Ata de Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

Aos sete dias do mês de abril do ano de mil novecentos e sessenta e um, às vinte horas, no salão da Biblioteca Pública Municipal, iniciaram-se os trabalhos da sessão de instalação da Academia Passo-fundense de Letras.

Aberta a sessão pelo acadêmico José Gomes, foi a presidência dos trabalhos passada ao historiador, acadêmico Arthur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Riograndense de Letras, fundador do Grêmio Passo-fundense de Letras e da Biblioteca Pública Municipal, o qual veio a esta cidade como convidado especial para presidir os atos desta sessão solene. Pelo presidente foram convidados para fazer parte da mesa as seguintes pessoas: Dr. Eurípides Facchini, Centenário do Amaral, Bispo José Gomes. Revdo. Otto Gustavo Otto, Prof. Clory Trindade Oliveira, Jader Prates Chaves, Tte. Luiz Carlos Bitencourt e Hugo Vargas. Logo a seguir foi feita a chamada nominal dos integrantes da Academia Passo-fundense de Letras, com menção aos seus respectivos patronos, os quais, à medida que eram chamados, iam ocupando os seus lugares. Foram êles os seguintes, por ordem alfabética: Arthur Süssembach, patrono, Monteiro Lobato; Aurélio Amaral, patrono, Sante Umberto Barbieri; Carlos de Danilo Quadros, patrono, Assis Chateaubriand; Celso da Cunha Fiori, patrono, João Maria Belém; Cezar José dos Santos, patrono, Getúlio Vargas; Gomercindo dos Reis, patrono, Walter Spalding; Jorge Edethe Cafruni, patrono, Francisco Antonino Xavier e Oliveira; José Gomes, patrono, Dom Aquino Correa; Jurandyr Algarve, patrono, Arthur Ferreira Filho; Mário Daniel Hoppe, patrono, Gabel Bastos; Mário Braga Jr., patrono, Darcy Azambuja; Mário Lopes Flores, patrono, Augusto dos Anjos; Paulo Giongo, patrono, Ernâni Fornari; Pindaro Anes, patrono, Prestes Guimarães; Reissoly José dos Santos, patrono, Rui Barbosa; Rômulo Cardoso Teixeira, patrono, Olavo Bilac; Sabino Santos, patrono, Érico Veríssimo; Saul Sperry Cezar, patrono, Alvares de Azevedo; Túlio Fontoura, patrono, Nicolau de Araújo Vergueiro; e Verdi De Cesaro – patrona, Raquel de Queiroz.

Finda a chamada, o presidente declarou todos empossados em suas respectivas cadeiras.

Em seguida foi dada posse à primeira Diretoria da Academia, assim constituída: Presidente, Celso da Cunha Fiori; 1º. Vice-Presidente, Túlio Fontoura, 2º. Vice-Presidente, Mário Braga Jr.; Secretário Geral, Arthur Süssembach; Secretário Adjunto, Paulo Giongo; Tesoureiro, Verdi De César; Tesoureiro Ajunto, Romulo Cardoso Teixeira; Bibliotecário, Jurandyr Algarve e Bibliotecário Adjunto, Gomercindo dos Reis. Todos êstes acadêmicos, à medida que seus nomes iam sendo pronunciados eram aclamados pelos presentes. Concedida a palavra ao acadêmico Celso da Cunha Fiori, para proferir o discurso inaugural da Academia Passo-Fundense de Letras, pronunciou aquêlê confrade oportuna oração alusiva ao ato, a qual foi fornecida aos jornais para divulgação, além de irradiada, como tôda a presente sessão, pelas emissoras locais, Z.Y.F.5 - Rádio Passo Fundo e Z.Y.U.-38, Rádio Municipal, e também filmada pela reportagem da TV- Piratini, na pessoa do sr. Pedro Pelegrinotti Couto. Serenados os aplausos a que fêz jus o confrade Celso da Cunha Fiori, como primeiro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, o sr. Arthur Ferreira Filho proferiu uma apreciadíssima alocução alusiva ao ato, enaltecendo o seu significado e agradecendo a honrosa distinção que lhe fôra conferida, de vir presidir esta sessão solene, tão significativa para o mundo intelectual e cultural da cidade de Passo Fundo.

Suas últimas palavras foram para agradecer a presença de todos e encerrando a sessão.

Estiveram presentes grande número de autoridades civis, militares e religiosas e ainda o Côro Orfeônico da Escola Normal "Oswaldo Cruz", sob a competente direção da professora Suzana Leite Einloft, o qual vocalizou apreciadíssimos números de canto.

De tudo foi lavrada ata, por mim, Authur Süssembach, Secretário Geral, que, depois de lida, vai por todos assinada.

Em tempo: as pessoas antes citadas e que passaram a integrar a mesa, representavam as seguintes entidades, respectivamente: Juiz de Direito e Diretor do Fôro, Presidente da Camara de Vereadores, Bispo de Bagé, Pastor da Igreja Metodista, Diretor do Instituto Educacional, Delegado Regional de Polícia, 1º./20 de Cavalaria e Lyons Clube de Passo Fundo, e, posteriormente, passou ainda a fazer parte da mesa o sr. Benoni Rosado, Prefeito Municipal. Arthur Ferreira Filho, Celso Fiori, José Gomes, Eurípides Facchini, Mário Braga Jr., Jades Prates Chaves, Luiz Carlos Bitencourt, Hugo Vargas, Benoni Rosado, Centenário Amaral, Gomercindo dos Reis, Mário Lopes, Sabino Santos, Manoel Gonçalves de Souza, Noemy Sperry Santos, Rosa Maria P. dos Santos, Lorena Lajus Sperry, Susana Leite Einloft, Iracema B. Cezar, Sílvia Maria Cezar, Saul Emílio Cezar, Clory Trindade de Oliveira, Paulo Giongo, Saul Sperry Cezar, Pe. Umberto Lucca, Jurandyr Algarve, Arthur Süssenbach, Aurélio Amaral, Rômulo Cardoso Teixeira, Dorival Almeida Guedes.

(Transcrição fiel do original).

# A Dama da Literatura

**Durante quatro horas, a professora Tania Rösing conversou com os acadêmicos Paulo Monteiro, Gilberto R. Cunha, Santina Dal Paz, Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle e Santo Verzeleti, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (APL). A doutora e educadora emérita da Universidade de Passo Fundo (UPF) contou a história e os bastidores do maior evento latino-americano (e um dos maiores do mundo), no campo da literatura.**



(GUSTAVO BRANDA)

Tania Rösing, a menina que cresceu num lar metodista e se formou no interior do Instituto Educacional de Passo Fundo (IE), iniciou no magistério antes de concluir o curso Científico. O amor pela cultura começou dentro da casa paterna, com aulas de piano aos cinco anos, e a leitura de Monteiro Lobato (emprestado por um colega de escola), aos 10 anos. Naquele tradicional educandário, aprendeu a conviver com a grandiosidade dos eventos e a participar da sua realização.

Ela atribui à formação familiar, religiosa e educacional, a impetuosidade com que se lança ao trabalho. Para Tania, um bom evento precisa ter multidões. A 10ª Jornada Nacional de Literatura, realizada neste ano, recebeu, nos cinco dias do encontro, mais de 18 mil pessoas, entre adultos e crianças da 2ª Jornadinha, ouvindo e interagindo, diretamente, com 229 escritores presentes em Passo Fundo, no Circo da Cultura.

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing (55 anos) é Mestre e Doutora em Teoria Literária pela PUC-RS (1987 e 1994, respectivamente). Com graduação em Letras (1969) e em Pedagogia (1974), Tania leciona Língua Portuguesa e Literatura há 32 anos, na Universidade de Passo Fundo (UPF). Criadora e coordenadora das Jornadas de Literatura, é uma

mulher acostumada com o sucesso. Tem recebido muitas homenagens. Como exemplo: em 2003, foi homenageada pela Academia Brasileira de Letras. Também foi condecorada com a Medalha do Mérito Farroupilha, concedida pela Assembléia Legislativa do RS para personalidades que, com o seu trabalho, contribuem para o desenvolvimento do estado. E, neste momento, ela é uma das 15 finalistas do Prêmio Cláudia 2003, conferido às mulheres que fazem a diferença, no Brasil. A escolha é feita por votação na Internet e Tania é uma forte candidata na área de cultura.

Apesar de ser uma celebridade da cultura brasileira, Tania Rösing não se deixou contagiar negativamente pelo sucesso. Como ela mesma faz questão de destacar, é uma mulher extremamente religiosa e generosa com os outros. A sua maior alegria é dar e doar-se. Não é por nada que ela costuma creditar o seu sucesso pessoal aos méritos da sua

equipe de trabalho na UPF.

**APL – *Quem nasceu primeiro, a professora Tania ou a Tania amante da literatura?***

**Tania** – Venho de uma família bastante religiosa. Cresci ouvindo minha mãe contar histórias bíblicas. Comecei lendo a revista Bem-Te-Vi (da Igreja Metodista); aos oito anos, li o Pequeno Príncipe (de Saint-Exupéry) e aos nove já estava lendo Poliana e Poliana Moça. Eu estudava no IE e os professores de lá davam muito incentivo à leitura. Aos 10 anos, li toda a coleção de Monteiro Lobato, emprestada por meu colega, Jaques Bacaltchuk.

**APL – *Então a família desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas?***

**Tania** – Acredito que sim. Mesmo sendo um alfaiate, meu pai dava muita importância à formação cultural de seus



Tania na abertura da Jornada

filhos. Tanto que, aos cinco anos, antes mesmo de entrar para a escola, comecei a estudar piano. Duas coisas marcaram minha infância: a religiosidade e o amor à cultura. E me acompanham até hoje.

**APL – Como a senhora liga essa formação familiar e educacional às Jornadas de Literatura?**

**Tania** – Realizei toda a minha formação, antes de ingressar na universidade, no Instituto Educacional de Passo Fundo (IE), única escola particular mista das décadas de 1950 e 1960. O IE incentivava as atividades culturais e esportivas. Eram atividades que atraíam multidões. Chegamos a realizar uma festa sobre a evolução do maiô (do século 19 até o monoquíni, com manequins vivos), no Clube Náutico Capingüí, que contou com a presença de milhares de pessoas. No dia da festa formou-se uma enorme fila de veículos dirigindo-se ao parque náutico situado às margens da represa do Capingüí. Ainda hoje encontro pessoas que se lembram daquela atividade. Essas vivências, como criança e adolescente, me ensinaram a pensar grande. Pode ser um “defeito” meu, mas tudo o que eu organizo precisa ter multidão. Até pode estar aí a origem onírica das jornadas e suas multidões.

**APL – As crianças de hoje lêem mais do que as crianças do passado?**

**Tania** – Hoje há múltiplas linguagens (a começar pela televisão e a internet), o que estabelece outras “formas de leitura”. Devemos considerar também a maior liberdade de informação, pois na minha infância havia livros que não podíamos ler. É evidente, porém, que as crianças lêem bastante. Seja na Jornada Nacional de Literatura, seja na Feira do Livro, as crianças procuram adquirir livros e o que temos notado, nos últimos anos, é que os pais incentivam os filhos a adquirirem obras de literatura infantil. E uma vez leitor na infância, vai continuar leitor pela vida toda.

**APL – Quais eram os livros proibidos?**

**Tania** – Lembro-me de *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e *Bom Dia, Tristeza!*, de Françoise Sagan. E é claro que muitos “adultos” não gostavam que as “crianças” lessem certos autores, especialmente os naturalistas.

**APL – Muitos dizem que brasileiro lê pouco, porque o livro é caro. A senhora**

**concorda com isso?**

**Tania** – Sim, livro é caríssimo. Na minha opinião, um livro deveria custar uns US\$ 3,00 (ao redor de R\$ 9,00). Mesmo os professores não lêem o suficiente, pois o livro é visto como um artigo de luxo. Livro é para ser lido, consumido como qualquer alimento. Afinal, cultura é vida. E é por essa falta de leitura que não se pode confundir titulação acadêmica com nível cultural. Há doutores que são analfabetos, culturalmente falando.

**APL – Por falar em livros, como é feita a seleção dos vencedores, no Prêmio Nacional de Literatura?**



**Tania** – Começa por uma triagem inicial, pela comissão julgadora, pois muitos livros inscritos não são romances. É como naquela história do “este sim, este não, este come requeijão”. Muitos já são descartados, de início. Cerca de uns 40% dos livros inscritos não preenchem os pré-requisitos: não são romances. Depois os jurados vão selecionando aqueles que consideram os melhores. Até que se chega ao grande vencedor.

**APL – Voltando à questão da leitura, uma pessoa que não lê pode ser considerada suficientemente alfabetizada?**

**Tania** – Infelizmente, neste aspecto, parte dos professores, mesmo universitários, podem ser considerados analfabetos culturais, pois não se sentem motivados a prestigiar um balé, ouvir uma boa música, apreciar uma obra

arquitetônica, visitar exposições fotográficas e de pintura. Nada justifica o afastamento dos bens culturais. Quem tem dinheiro e não viaja é um analfabeto cultural. Eu, por exemplo, fui entender o que significa mesmo uma *chaleira*, em Moscou, quando um russo veio me servir o chá numa chaleira. O que pareceria óbvio, até então, não o era para mim.

**APL – A população e as autoridades passo-fundenses apreciam iniciativas culturais?**

**Tania** – Passo Fundo, durante muitos anos, viveu um período de intensa atividade cultural, com a Cultura Artística e o Grupo Teatral Delorges Caminha, que eram amadores, mas montavam grandes peças. Hoje temos o Viramundos, da UPF, como um dos nossos destaques.

Quanto ao Circo da Cultura, o público é formado especialmente por professores e por pessoas das classes C e D, tal qual no Festival Internacional de Folclore. A jornada deste ano foi transmitida pela TV, com isso a classe mais abastada pôde ver que o Circo da Cultura é um

lugar do mais elevado nível cultural. Não é lugar para baderneiros e sim para quem quer crescer culturalmente.

**APL – Alguns pesquisadores afirmam que, no Brasil, há mais de 40 mil escritores. A maioria deles não é conhecida além de suas cidades. O que a Jornada pode fazer por essa literatura local?**

**Tania** – Não há discussão sobre essa literatura local, pois fica difícil fazer uma crítica sobre o que se produz aqui. À medida que necessitamos de verbas públicas e de grandes empresas, também precisamos de autores nacionais. Um tipo de gente que precisa existir para o mercado. Não há sentido em colocar escritores locais, que sequer extrapolam os limites de Passo Fundo. Até Porto Alegre já reclamou disso. Para contemplar esse tipo de reivindicação, as Jornadas devem abrigar outros eventos paralelos. Aliás, como fizemos neste ano, com negros, cegos e índios. Poderemos, futuramente, quem sabe, contemplar um evento que trate, exclusivamente, da literatura local, estimulado, inclusive,

com algum concurso literário específico.

**APL – Como a senhora vê a dificuldade para a circulação de livros?**

**Tania** – Em se tratando de Brasil, se não for uma grande obra, os editores não vão publicar. As editoras estaduais estão quebradas. Temos coisas de nossa região que precisam ser valorizadas, mas não conseguem ocupar o seu devido espaço. Eu, por exemplo, aonde vou levo malas com os livros da Editora da Universidade de Passo Fundo. Não é uma coisa fácil vender livros. Um exemplo no meio da crise: nas Bienais de São Paulo e do Rio de Janeiro, as pequenas editoras juntaram-se e fizeram a Feira da Primavera. Graças a essa união, acabaram vendendo milhões. Com isso ganharam projeção no mercado editorial brasileiro. Editar é fácil, o grande problema é fazer o livro circular, e vender. Neste aspecto, a mídia é super-importante para que os livros sejam lidos.

**APL – Já passaram centenas de escritores pelas Jornadas. Foram**



***muitos os autores que a surpreenderam positivamente?***

**Tania** – Tivemos muitas surpresas positivas e algumas negativas também. Tivemos um jovem escritor que fez a apologia do consumo de drogas, num momento em que realizávamos uma campanha de combate ao consumo delas; outro que era um cleptomaniaco, para usar um eufemismo, pois chegou a querer levar, com a maior cara-de-pau do mundo, o pala de meu marido que nós lhe emprestamos porque estava com frio, e um outro que era um verdadeiro tarado sexual, assediando todas as moças e mulheres que dele se aproximavam. Mas eu prefiro nem lembrar dessas decepções. Eu destacaria o Sérgio Caparelli, que foi uma indicação do Josué Guimarães. Era um jovem desconhecido e se revelou um brilhante escritor. Nesse sentido, estou escrevendo um livro sobre os bastidores das Jornadas, mas não tenho tido muito tempo, pois, para mim, elas representam um projeto de vida e me absorvem quase que integralmente.

***APL – As Jornadas sobreviveriam sem a Tania?***

**Tania** – No momento, ainda faz falta o meu “jeito”. Se não for do jeito que faço, é difícil vender a idéia de literatura. Espero a construção do Portal das

Linguagens. Este projeto, uma vez concretizado, vai dar condições de sobrevivência às Jornadas, independentemente da Tania Rösing.

***APL – Passo Fundo tem muitos locais dispersos: o Ginásio Poliesportivo num extremo e o Portal das Linguagens no outro. A Efrica num canto da cidade e o Parque da Roselândia no outro extremo. E sem contar, agora, o autódromo para os lados de Marau. Isso não parece mais uma disputa de beleza entre grupos locais?***

**Tania** – Passo Fundo é uma terra de passagem. A maioria das pessoas não têm compromisso com esta cidade. Têm compromisso consigo mesmas e com seus projetos pessoais. Por isso, não se unem; por isso se dividem. Entendo que todo esforço, nessa área, deveria ser centrado na UPF, que é um centro gerador de conhecimentos na região. Isso merece ser reconhecido pelas pessoas. O Portal das Linguagens está no lugar certo (na UPF). As pessoas é que inventam coisas sem um planejamento adequado. Por exemplo, muitos não têm a menor idéia do que seja um parque temático. Para eles, um parque temático se resume a uma chaleira e uma cuia de chimarrão. As pessoas deveriam viajar mais, se enriquecer culturalmente e conhecer

parques temáticos de verdade, como o de Estocolmo.

***APL – Quando a senhora se deu conta que a Jornada Nacional de Literatura era um evento grandioso?***

**Tania** – Foi em 1991, quando vi que precisávamos de mais dinheiro do que era possível ser arrecadado apenas com os valores pagos pelas inscrições dos professores. Então, procurei o prefeito Airton Dipp, que assegurou o apoio da Prefeitura. A partir de então, aproveitamos a idéia do circo, do Festival Internacional de Folclore, e as Jornadas cresceram ainda mais. Em 1997, o prefeito Júlio Teixeira nos surpreendeu com o anúncio de que o município estava instituindo o Prêmio Nacional de Literatura, no valor de R\$ 100 mil. O prêmio foi uma evolução de uma idéia do Zivaldo, que havia sugerido a criação de um prêmio para o escritor mais popular das Jornadas. Para que o prêmio aparecesse, numa cidade como Passo Fundo, precisava ser grande. E, apesar da lei municipal ainda em vigor, o prêmio está sendo bancado pela iniciativa privada, que tem obtido um excelente retorno de mídia.



(ARQUIVO ON)

# *Presidente da Academia Brasileira visitou a Academia Passo-Fundense de Letras*

*O presidente da Academia Brasileira de Letras, Alberto da Costa e Silva, esteve em visita à Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 6 de novembro de 2002, quando foi recebido pelo corpo acadêmico, mais o poeta e teatrólogo Ubiratan Porto, atualmente residindo em Capão da Canoa. Na ocasião foi inaugurada uma placa para perpetuar a lembrança do evento, que ficou documentado em flagrantes fotográficos.*



O presidente da Academia Brasileira de Letras é saudado pelo então presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Irineu Ghelen.



Outro instantâneo fotográfico dos acadêmicos, com o presidente da Academia Brasileira, vendo-se Santo Verzeleti, Irineu Ghelen, Alberto da Costa e Silva, Craci Teresinha O. Dinarte, Carino Corso, Meirelles Duarte, Ubiratan Porto, Santina Dal Paz, Jabs Paim Bandeira, Ricardo Stolfo, Eurípedes Facchini, Orfelina Vieira Melo, Juarez Azevedo, Welci Nascimento, Elisabeth Ferreira, Osvandré Lech, Romeu Ghelen, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Helena Rotta de Camargo, Paulo Monteiro e Ney d'Avila.



Descerramento de placa alusiva à visita, vendo-se, a partir do primeiro plano, os acadêmicos Eurípedes Facchini, Irineu Ghelen e o presidente da ABL.



Acadêmicos posando com o presidente da ABL. Da esquerda para a direita (na foto) Helena Rotta de Camargo, Osvandré Lech, Alberto da Costa e Silva, Irineu Ghelen, Welci Nascimento, Elisabeth Ferreira, Romeu Ghelen, Juarez Azevedo, Eurípedes Facchini, Jabs Paim Bandeira, Ricardo Stolfo, Ubiratan Porto, Paulo Monteiro e Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.